

Arlindo Jonas Fagundes Kohlrausch

**Introdução à história da arquitetura de Ponta Grossa / Pr:
As casas de madeira - 1920 a 1950**

Dissertação de Mestrado

Comissão de pós-graduação da
Faculdade de Arquitetura da
Universidade de São Paulo

Trabalho apresentado para a obtenção
do título de mestre em arquitetura

Área de concentração – História da arquitetura e fundamentos do projeto

Orientadora: Profa. Dra. Marlene Yurgel

São Paulo, 2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Autorizo a reprodução mecânica parcial dos conteúdos desta dissertação de mestrado para fins específicos de pesquisa acadêmica.

Ficha catalográfica:

Palavras-chave:

História da arquitetura do Paraná
História da arquitetura de Ponta Grossa
História da arquitetura da imigração
Arquitetura de madeira no Paraná

Errata:

Dedico este trabalho a memória de meus pais

Henrique e Iolanda Kohlrausch

Agradeço a Deus,

A minha orientadora Marlene Yurgel

Aos professores e funcionários da FAU

e todos que colaboraram na realização deste trabalho.

Resumo:

Essa pesquisa de mestrado visa a documentação de um período significativo da história da arquitetura de Ponta Grossa, Paraná: as casas de madeira. A cidade tem seu desenvolvimento acelerado no final do século XIX, como ciclo econômico da madeira, a chegada da ferrovia e da imigração. A pesquisa busca identificar as influências dos principais grupos de imigração: alemães, poloneses, ucranianos e italianos, e o processo de configuração da arquitetura de madeira na cidade, demonstrado através de projetos aprovados na prefeitura, entre as décadas de 1920 até 1950.

Abstract:

This research of master degree seek to document a significative period of the history of the architecture of Ponta Grossa, Paraná: the wood houses. The city had an increase of it's development at the end of XIX century, at the economic cycle of wood, with the arrival of the rail network and the immigration. The research seek to identify the influences of main immigration groups: germans, polishes, Ukrainians and Italians, and the configuration process of the wood's architecture in the city, demonstrated through the approved projects in the city hall, between the decades of 1920 until 1950.

SUMÁRIO

Introdução.....	9
Cap.1 - História de Ponta Grossa.....	10
Cap. 2 – Os ciclos econômicos.....	19
Cap. 3 - A formação da arquitetura da madeira em Ponta Grossa.....	24
Cap. 4 – As casas de chácara.....	34
Cap. 5 – Catalogação de projetos aprovados na prefeitura de Ponta Grossa.....	42
Cap 6 – Levantamento de exemplares de casas de madeira existentes..... Na cidade de Ponta Grossa em 2006.	172
Cap. 7 – Bibliografia.....	182

INTRODUÇÃO

A cidade de Ponta Grossa, fundada por fazendeiros e tropeiros, tem o auge de seu processo de urbanização com a chegada da ferrovia e da indústria da madeira, que vem influenciar desde o desenho urbano da cidade, seu modo de vida relacionado ao transporte, e a caracterização de sua arquitetura. A madeira surge como uma opção natural integrada aos estilos acadêmicos europeus do ecletismo e de suas variantes naturalistas: o chalé e o bangalô. A paisagem urbana da cidade no início do século XXI é de um rico mosaico de miscigenação cultural, emoldurado pelas visuais de suas ruas de topografia acidentada, onde se justapõe edificações de origens diversas com o fundo de matizes verdes dos campos gerais.

Capítulo 1

História de Ponta Grossa

A história da arquitetura de Ponta Grossa tem dois aspectos fundamentais em sua localização geográfica e no seu processo histórico de desenvolvimento. A cidade se localiza no segundo planalto paranaense, na região dos Campos Gerais, formada por suaves colinas ponteadas por riachos de pedra e matas de araucária, de beleza cênica notável. O clima é subtropical úmido-mesotérmico, de verões frescos, com a ocorrência de geadas severas e freqüentes, não apresentando estação seca. A altitude é entre 900 e 1.000 metros, e as coordenadas geográficas são 25°. 05' 58" sul e 50°. 09' 30" oeste. Particularmente interessante para nossos estudos é a localização da escarpa devoniana no lado nordeste do atual município, que nos registros históricos é conhecido como Itambé, que constitui um paredão de arenito de mais de trezentos metros de altura que vem da região de Curitiba e São Luiz do Purunã em direção a Castro. Esta escarpa surgiu nos movimentos tectônicos continentais e constitui o divisor entre o primeiro e o segundo planaltos paranaenses e o divisor das bacias hidrográficas dos rios da Ribeira que correm para o litoral, e dos rios Verde, Pitangui e Tibagi, afluentes da bacia do rio Paraná. A região de Itaiacoca, comprimida pela ação tectônica abaixo do paredão do Itambé é de topografia acentuadamente dobrada, com solo turfoso, coberto de densa floresta, formando uma das maiores reservas de talco do planeta, enquanto a região acima do Itambé contrasta em campos de planícies.

As primeiras incursões da civilização européia que se tem notícia na região foram as das bandeiras paulistas de Aleixo Garcia em 1526 e de Pedro Lobo em 1531. Em 1541 Álvaro Nunes Cabeza de Vaca, "adelantado" espanhol em Assunção, cruzou os campos gerais, fundando a Vila do Príncipe, atual cidade da Lapa, marco histórico da região. Em 1552 Ulrich Schmiedel faz o sentido inverso, vindo de Assunção com destino a São Vicente, acompanhado de quatro soldados alemães e vinte índios paraguaios.

A povoação do Paraná começa quando moradores de São Vicente descem o litoral e fundam Paranaguá nos anos 1630, motivados pela descoberta de ouro, que mesmo em pequena quantidade, realizou a fundação de pequenos assentamentos nas encostas da Serra do Mar que desenvolveram as cidades de Antonina, Morretes e Curitiba em 1668.

Os padres da Companhia de Jesus tiveram um papel importante na ocupação da região pelo processo de catequização através das missões evangelizadoras, logo após transformadas em reduções. Em 1588 os religiosos Fields e Manoel Ortega da Companhia de Jesus, desembarcaram em Paranaguá e atravessaram o Paraná em direção ao

Paraguai, para a catequese dos índios. Fundaram 13 reduções na bacia do rio Tibagi. No século XVII constroem um convento e um colégio em Paranaguá, e dali abrem caminho para o primeiro planalto de Curitiba e para o interior.

A descoberta de ouro nas Minas Gerais influencia os destinos da região. Por razões estratégicas, um decreto da Coroa Portuguesa em 1704 proíbe a abertura de vias de circulação das Minas em direção ao norte e Bahia, e determina que todo o suprimento de gado de corte e muares para transporte venha das capitanias do sul. Nessas épocas, essas terras faziam parte da 5^a. comarca de São Paulo, começaram a despertar o interesse dos paulistas para a criação de gado. As terras eram requeridas e doadas pela Coroa em sistema de Sesmarias.

Conforme o relato do historiador José Carlos da Veiga Lopes sobre uma das primeiras sesmarias da região:

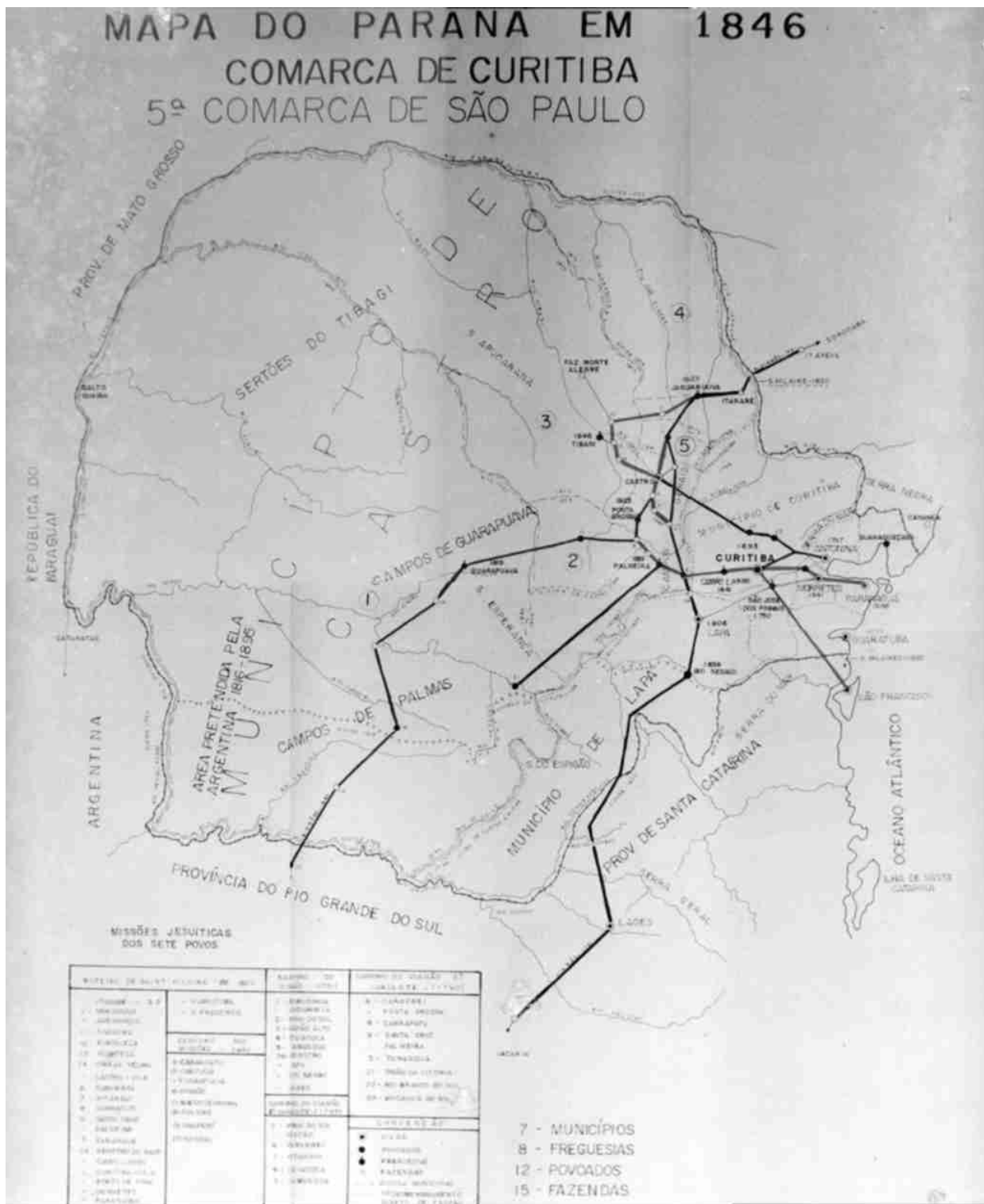
“No dia 19 de março de 1704, o governador do Rio de Janeiro, D. Álvaro da Silveira e Albuquerque expediu um alvará de sesmaria ao capitão-mor Pedro Taques de Almeida e familiares (...) todos moradores na vila de São Paulo, que haviam solicitado as terras sitas no caminho que ia para a vila de Curitiba, termo e distrito da capitania da Conceição, que começariam desde Jaguaricatu até o rio Iapó, que seriam sete ou oito léguas mais ou menos, campo e terra lavradia, e do dito rio Iapó até Itaimbé, uma e outra banda do caminho, que poderiam ser doze até quatorze léguas, tudo campos gerais para criar gado, com pouca terra lavradia, com algumas restingas e capões para lavrar os curraleiros e madeira para currais, ficando em meio o caminho que ia da vila de Sorocaba para a dita vila de Curitiba. (...) E o governador houve por bem fazer mercê (em nome de sua majestade, que Deus guardasse) de doar aos suplicantes três léguas de terras de comprido e uma de largo, em consideração ao requerimento que lhe fizeram e sem prejuízo de terceiros, na forma da ordem de sua majestade em que dava providência a essas terras, entrando no distrito delas a paragem chamada Iapó, não prejudicando a direito que algumas pessoas possuísem e entre eles e as mesmas terras ficariam terras com baldios para sustento dos gados e seriam obrigados os suplicantes a fazer um curral de gado, dentro de dois até três anos para que houvesse abundância, tudo em cumprimento às ordens de Sua Majestade de 14 de março de 1702 e 7 de maio de 1703. (... na conclusão está dito que deram ao capitão–mor Pedro Taques e mais pessoas nomeadas, três léguas de terras de comprido e uma légua de largo, que começariam no distrito chamado Iapó, não compreendendo minas nem vieiros). (Lopes, pg 06).

A seguir a região é dividida em grandes sesmarias. As terras eram doadas pela coroa com o compromisso explícito de construção de currais para a criação de gado. Na década de 1720 é formado o Caminho de Viamão, que ligava as regiões do extremo sul, até a feira de Sorocaba, onde eram realizadas as grandes feiras de comercialização, passando na região de Ponta Grossa, a montante da escarpa do Itaimbé. Esse caminho, também conhecido por Caminho das Tropas, foi oficialmente chamado de Estrada Geral do Continente Sul. Daí

surgiram mais tarde inúmeras cidades, Itapetininga, Itapeva, Itararé, Jaguariaíva, Piraí do Sul, Porto Amazonas, Lapa e Rio Negro, constituindo a verdadeira espinha dorsal da ocupação do sul brasileiro. Neste caminho, na região da atual Ponta Grossa, os jesuítas haviam construído a Capela de Santa Bárbara, na fazenda Pitangui, próximo ao Pouso do Iapó, atual Castro. Em seguida os fazendeiros construíram a Casa de Telha, um abrigo para atrair os tropeiros, próximo ao arroio do Lajeado Grande, atual vila Tânia Mara, que se constitui em marco da fundação do povoamento.

Segundo o historiador Brasil Pinheiro Machado entre 1725 e 1744 são requeridas mais de 90 sesmarias na região dos campos gerais. Na relação de fazendas de 1772, em toda a extensão de Itararé no norte até a Lapa no sul, tendo como eixo a estrada das tropas, havia 50 grandes fazendas e 125 sítios. Ponta Grossa, Palmeira, Castro, Imbituva, Lapa, destacavam-se como povoações.

Em 1750 foi assinado entre Portugal e Espanha o Tratado de Madrid, que legitima as conquistas territoriais portuguesas e incentiva a expansão para o oeste, sendo registradas pelo menos onze entradas oficiais para os campos de Guarapuava nos vinte anos seguintes. Em 1765 assume o governo da capitania de São Paulo D. Luís Antonio de Souza Botelho Mourão, que manda elaborar vários recenseamentos da população e incentiva a expansão a oeste do estado, estabelecendo pontos de povoamento e formação de roças, abastecimento e manutenção militar. Nesse processo surgiu um novo caminho, passando pela Ponta Grossa, Carrapatos, Santa Cruz, Lago e Ferrador e ia ao Registro, atual cidade de Rio Negro, que passou a ser o preferido das tropas.



Mapa da região em 1846
 Fonte: Casa da Memória

A 27 de janeiro de 1770 o pouso do lapó (Castro), que na época era o pólo da região, foi elevado à freguesia com o nome de Santa Ana do lapó, fazendo divisa ao sul com Curitiba pelo rio Tibagi. Sant´Ana, que posteriormente viria a ser a padroeira também de Ponta Grossa, vem de uma tradição popular europeia de proteção às famílias.

Vejam os a narrativa do historiador Veiga Lopes:

“A preocupação de D. Luis com os castelhanos era procedente. No dia 20 de janeiro de 1777 D. Pedro de Ceballos invadiu Santa Catarina. O governo de São Paulo resolveu mandar um exército de 6.000 homens para acudir, e no dia 14 de maio a câmara da vila de Curitiba recebeu a obrigação de abastecer com alimentos, animais e condutores aos soldados, tendo sido entregue a relação de pousos onde seriam entregues as requisições. O caminho a ser utilizado era o antigo, Jaguariaíva, Cinzas, Furnas, lapó, Carambeí, Pitangui, Itaiacoca, Porcos, São Luis, Registro e Santo Antonio da Lapa. Em cada pouso havia pessoas responsáveis pelo recebimento. No Pitangui seriam recebidos 250 alqueires de milho, 75 de farinha, uma quarta de sal, 40 animais arriados de cangalhas e oito pessoas para arrieiros e em Itaiacoca 250 alqueires de milho e 75 de farinha. A câmara de Curitiba protestou, alegando pobreza da região. O que salvou foi o tratado de Santo Ildefonso, de outubro de 1777. (Lopes, pg 46)

Em 1808, já com a corte de D. João VI no Rio de Janeiro, duas cartas régias dirigiam a questão. A de 5/11/1808, oferecia estímulos, inclusive sesmarias a quem se dedicasse em conquistar em definitivo os Campos Gerais e de Guarapuava, e a de 25/11/1808, permitia a concessão de sesmarias para estrangeiros residentes no Brasil

O SÉCULO XIX A INDEPENDÊNCIA DO BRASIL E O PERÍODO IMPERIAL A ELEVAÇÃO DE PONTA GROSSA À FREGUESIA, VILA E CIDADE A IMIGRAÇÃO EUROPEIA A FERROVIA

As transformações políticas nacionais do século XIX se refletem diretamente na história de Ponta Grossa, devido a sua inserção na economia do caminho das tropas. No início do século, o pouso do lapó era a sede administrativa da região e estava em franco desenvolvimento, com comércio movimentado para os padrões da época.

Em 1810 o bairro obteve autorização do bispo de São Paulo para a realização de missas, batizados, casamentos e sepultamentos em uma pequena capela e cemitério que foram construídos ao lado do caminho das tropas, onde se localiza hoje a praça Barão de Guaraúna, centro da cidade. O povoamento se desenvolveu nesse local, com as primeiras casas com pequenas roças e a produção de artesanatos simples de cestas, balaies, chapéus de palha, baixeiros, coxinilhos, arreios de couro crú, renda de bilro, mantos de tear, que eram levados pelos tropeiros para serem vendidos em Sorocaba. Próximo ao alto da colina da atual matriz já existia um comércio de produtos trazidos de São Paulo em lombo de burro, uma ferraria e uma pequena venda.

Na década de 1810 os fazendeiros locais solicitaram a elevação do bairro para freguesia. Com isso teriam maior autonomia, e se evitariam os deslocamentos até Castro, distante sete léguas, aproximadamente 46,2 quilômetros (cada légua de sesmaria é de aproximadamente 6.600m). Para que o pedido fosse atendido era necessário provar: existir um número suficiente de moradores no bairro; a existência de uma capela paramentada; a fixação da cõngrua ao pároco; justificar a distância do bairro aos recursos espirituais mais próximos. Para capela foi reutilizada a Casa de Telha, que estava abandonada desde que os jesuítas deixaram a região. Em 15/9/1823 o povoado obtém a condição de freguesia, com o nome de Estrela, que seria substituído para Ponta Grossa.

O local escolhido para a construção da capela definitiva segue a tradição das cidades portuguesas, na colina mais alta da região, onde já existia uma cruz de madeira, oratório dos tropeiros, atual praça da matriz. A primeira capela foi construída em tábuas de pinho, por um carpinteiro de São Paulo, Jerônimo Vieira, que ficou na cidade e construiu mais tarde a matriz de Sant'Ana, no mesmo local. Nessa época existiam os bairros de Carrapatos, Conchas, Taquarussu, São José, Santo Amaro e Itaiacoca.

Segundo o historiador Ruy Wachowicz, em sua obra História do Paraná (2001), em 1820 as casas de Castro eram de pau a pique. Na Lapa, as primeiras casas de alvenaria surgiram em 1824. Mas em 1844 algumas casas de Palmeira, Ponta Grossa e Castro eram de pedra e cal.

Vejam os quadros da distribuição da população:
(fonte: Ponta Grossa, Um Século de Vida, pg. 74)

Anos	livres	escravos	total
1824	1.330	331	1.661
1825	1.266	297	1.563
1830	1.578	379	1.957
1832	2.082	476	2.558
1835	1.734	516	2.250
1854	1.974	1.059	3.033
1870	5.581	909	6.490
1890			4.774
1900			8.335
1920			20.171

Mesmo com a elevação à freguesia, Ponta Grossa continuava vinculada a Castro. Em 1842 Ponta Grossa participava com 22% da população da 5ª. Comarca, com 3.000 habitantes dos 14.000 totais, distribuídos nas ocupações de proprietários, negociantes, lavradores, tropeiros, capitalistas, empregados na fabricação de erva mate e escravos. No Registro de Guias de Comércio de gado de Rio Negro, de 1847 a 1852, Castro contava com 22% de participação, Lapa 14% e Ponta Grossa com 9% dos totais de passagem.

No tropeirismo existe a prática da “invernagem” que é uma época em que a tropa descansa para a engorda. Existiam campos públicos chamados “reúnos”, que serviam para essa prática, mas que foram sendo privatizados, além dos campos particulares que eram alugados. A invernagem se intensifica na região nos anos 1860, chegando a formar uma pequena feira nos anos 1870. Até a década de 1920, Ponta Grossa é o principal entreposto do comércio de gado no interior do Paraná.

A INDUSTRIALIZAÇÃO

Nos anos 1850 havia também o comércio de erva mate para Curitiba e litoral, além de uma pequena produção de coxonilhos e baixeiros para São Paulo. A agricultura não era desenvolvida, por ser mais dificultosa e menos lucrativa. Do Rio de Janeiro e de São Paulo eram trazidos sal, farinha de trigo, ferragens, tecidos, bebidas e outros. A erva mate se torna o principal produto da economia local. (Gonçalves, 1983) Em Ponta Grossa se fabricava a erva mate em rama, que era enviada em cargueiros para Curitiba, Antonina e Morretes.

Nesse ano, Miguel Ferreira da Rocha Carvalhaes requereu uma comissão para examinar um engenho de madeira, na fazenda Bom Sucesso de sua propriedade. A comissão descreve a inovação que: *“possui serra horizontal servindo na mesma máquina várias serras de diferentes graduações para serrar tábuas de diferentes espessuras.”* O engenho possuía também casa de máquinas, moradias e senzalas, e depósito de madeira serrada.

Em 1852 foi concluída a construção da igreja matriz em pedra e cal, no sistema de paredes de estuque. Foi iniciada a construção da capela do Rosário, também em pedra e cal, no estilo colonial jesuítico, próxima a uma grande barroca, que é hoje a praça Barão do Rio Branco.

Com a elevação da 5ª. Comarca de São Paulo à categoria de Província do Paraná em 19/12/1853, os pontagrossenses requisitaram a elevação da freguesia à vila. Contava com 6 vendas de tecidos, 9 armazéns de secos e molhados e 3 açougues. Em 7/4/1855, Ponta Grossa é elevada à categoria de Vila pela Lei Provincial 54. Contava com 3.033 habitantes, sendo 1059 escravos, Eram 16 fazendas, 343 sítios de lavoura, 3 engenhos de erva-mate, e 650 “fogos” (casas) distribuídos em 17 quarteirões.

Em 24/3/1862, a Lei Provincial 82 elevou a Vila à categoria de Cidade. Em 18 de abril de 1876 é declarada sede de comarca, sendo o primeiro juiz o Dr. Conrado Ericksen.

Na década de 1860 inicia o processo de concentração urbana em oposição à dispersão rural, com as atividades de comércio e produção de erva-mate, beneficiamento de madeira, além da criação de gado e dos equipamentos característicos dessa atividade. Surgem as primeiras profissões liberais de advogados, médicos e oleiros. Em 1855 surgiu a primeira olaria no bairro da Ronda, embora a região de Olarias se tornasse o primeiro bairro de características de produção industrial, com a instalação de várias olarias e curtumes. Em 1869 a Câmara concedeu licença a três médicos formados, sendo que anteriormente havia um homeopata. Nesse ano foi inaugurado o edifício próprio da Câmara Municipal, construído em técnica de pedra e cal, através de contribuições de populares. Nessa época o movimento das casas comerciais solicitava a presença de um banco. Em 1873 foi construído o primeiro teatro, em 1876 a primeira biblioteca, e em 1906 o primeiro cinema, denominado Recreio, localizado na rua Sete de Setembro. Em 1911 veio o Cine e Teatro Renascença, depois Inajá, na esquina com a rua XV. A historiadora Maria Aparecida Gonçalves, em seu livro Ponta Grossa, um século de vida, cita a construção da igreja matriz sob a responsabilidade do arquiteto Nicolau Ferigotti Buhemann, provavelmente uma das

primeiras intervenções da profissão na cidade. Atualmente é nome de rua, prolongamento da Teixeira Mendes em Uvaranas.

Em 1890, Ponta Grossa contava com 4.774 habitantes, distribuídos em uma planta de 30 ruas e travessas, limitava-se ao norte pela praça Barão do Rio Branco e Barão de Guaraúna, sendo a rua mais extensa a rua das Tropas; o centro era formado pela praça da matriz e pelo Largo da Cadeia, lembrando que o atual colégio Senador Correia foi construído sobre uma praça, que formava uma marcante estrutura urbana com as laterais da antiga catedral, a praça Floriano Peixoto, a rua dos bancos, XV de Novembro e posteriormente a rua do comércio, Vicente Machado. Em 1890 as lojas mais importantes eram a Casa Juca Pedro na rua Sant'Ana; a casa Vilela na Sete de Setembro; e a casa Estrela na praça da Matriz.

A primeira rede de água e esgoto é inaugurada em 1912, com recursos do governo da Província. Nesse ano é inaugurado o primeiro hospital da cidade, Santa Casa de Misericórdia, sendo que antes o único atendimento era uma enfermaria da Rede Ferroviária Paraná – Rio Grande, inaugurada em 1902. Em 1923 a cidade já possuía calçamento no centro, telefone, água e esgoto, hospitais. Era notória a participação das bandas musicais, dos clubes recreativos e literários, dos grupos de teatro e do cinema, e a prosperidade do comércio.

Capítulo 2

OS CICLOS ECONÔMICOS

Enquanto a Europa vivia as profundas transformações econômicas e sociais da revolução industrial do século XIX, o imperador Pedro II procurava um realizar um projeto de desenvolvimento para o país. As estatísticas apontam que entre 1820 e 1950 entraram no Brasil cerca de cinco milhões de imigrantes.

A partir de 1850 inicia um processo de imigração na região de Ponta Grossa que trouxe novas populações de diferentes nacionalidades: alemães, poloneses, ucranianos, italianos, russos, árabes, japoneses, entre outros, realizando uma forte diversidade cultural.

A imigração tinha como objetivo integrar o excedente de mão de obra que estava acontecendo na Europa no processo de industrialização e urbanização que se iniciava no novo país. Vários fatores se complementam para realizar o processo de desenvolvimento na região: a construção da ferrovia; a exploração da erva mate; a exploração da madeira; o surgimento de um pólo de comércio regional. O elemento humano que conduziria esse processo seria os imigrantes.

Em 1880 é construído o primeiro engenho com 12 pilões. A produção em ramas era de excelente qualidade e se torna o principal produto da economia. (nota - livro um séc – pg 48) Era enviada para as cidades de Curitiba, Antonina, Morretes e exportada para Montevideo e Buenos Aires. No começo do século existiam sete estabelecimentos no ramo, alguns simples entrepostos. A firma Santos Ribas com filial em Curitiba, exportou 10.000 toneladas de erva mate nos anos 1919 e 1920. (Gonçalves, 1983)

A inauguração da ferrovia em 1894, muda totalmente as características da cidade que passa a ser a convergência de seis grandes linhas nacionais, com centrais de entroncamento, transferência de mercadorias, oficinas e escolas de manutenção. A cidade passa por intenso processo de desenvolvimento, tornando-se centro comercial do sul do país.



Armazéns da rede ferroviária em Ponta Grossa, ano de 1906.
Fonte: Casa da Memória

A história da ferrovia está vinculada com o ciclo da madeira, ocorrido no estado do Paraná e Santa Catarina. Muitas cidades desses estados foram construídas com os recursos e a matéria prima do pinheiro araucária.

Em 1906 foi fundada a serraria Olinda, com desvio próprio junto ao pátio da rede, com locomóvel de 60 cavalos e instalações completas para o corte, beneficiamento da madeira e fabricação de caixas. Essa empresa foi a origem das empresas Kluppel, que desenvolveram a produção de equipamentos para serraria, assim como as empresas Schiffer no bairro de Nova-Rússia, que além de equipamentos para serraria especializaram na construção de chassis e carrocerias para caminhões. Essas empresas iniciaram a formação de um parque industrial metal mecânico na cidade.

O ciclo da madeira no Paraná foi de intensa produção, determinando inclusive a configuração urbana da cidade pela implantação de grandes serrarias próximas da via férrea. Como exemplo citamos que em 1922 havia serrarias em Ponta Grossa que exportavam 24 vagões de carga por mês com estoque permanente para 150 vagões. O ciclo da madeira implantou na cidade grandes serrarias, dentre as quais as indústrias Wagner produziam chapas de compensado em grande escala. A exploração da madeira de araucária decaiu na metade do século, sendo substituído pelos reflorestamentos de pinus elliotis, cujo aproveitamento para a construção foi amplamente debatido no Fórum

Madeireiro da Assembléia Legislativa do Paraná, em agosto de 1993, demonstrando amplas possibilidades de desenvolvimento para o setor.

Na década de 1970 o PLADEI, Plano de Desenvolvimento Industrial, consolidou a cidade como pólo de beneficiamento de soja, recebendo para transformação a produção dos estados do Paraná, Mato Grosso, interior de São Paulo e do Paraguai, para a exportação pelo porto de Paranaguá. Ponta Grossa é hoje um dos pontos onde se faz a cotação do preço deste produto para as bolsas de valores internacionais.

No ano de 2007 os dividendos da madeira suplantam os da soja no valor das exportações realizadas pela cidade, sendo novamente o produto de liderança da economia regional. Atualmente a cidade conta com 300.000 habitantes, se consolida no setor de prestação de serviços com uma universidade estadual e quatro particulares, além dos setores correlatos.

A IMIGRAÇÃO NOS CAMPOS GERAIS

O ciclo econômico do tropeirismo caracterizado por um modo de vida campesino, entra em declínio a partir dos anos 1870, para ser substituído por um sistema econômico mais dinâmico, baseado na industrialização e no modo de vida urbano.

Enquanto na Europa do século XIX, um vertiginoso crescimento da população de trabalhadores de atividades agrícolas e urbanas, formaria as grandes correntes migratórias para o novo mundo até a metade do século XX.

A imigração no Brasil está relacionada com a substituição do trabalho escravo que culmina com a Lei da Abolição em 1888, e se desenvolve conforme as diferentes realidades econômicas e sociais de cada região.

A imigração no Paraná se dá com objetivos específicos. Primeiro de ocupação do território, segundo de criar uma rede de abastecimento de alimentos para as cidades existentes, pois

a atividade agrícola era escassa, devido à forte atração da atividade pecuária e depois a ervateira, ocorrendo crises de abastecimento alimentício.

Assim, atraídos pelas oportunidades oferecidas pelo “novo mundo”, e pelas características geográficas assemelhadas com a sua terra natal, vieram os imigrantes europeus. A partir da década de 1870, o governo da província acelerou os assentamentos de colônias próximas das cidades já existentes: Curitiba, Campo Largo, Lapa, Rio Negro, Palmeira, Ponta Grossa, Castro, Paranaguá, Morretes, Antonina, São João do Triunfo, Porto de Cima. A partir dos anos 1930, empresas de colonização realizaram assentamentos de imigrantes no estado, com a fundação de cidades planejadas como Londrina, Maringá, Cianorte.

Estas foram as primeiras colônias implantadas no Paraná:

Em 1829 é fundado o núcleo de colonização alemã em Rio Negro, no sul do estado, pelo barão de Antonina.

Em 1833 chegam em Curitiba os primeiros imigrantes alemães vindos da Colônia Francisca (atual Joinville) e de Rio Negro, para trabalhar em chácaras de abastecimento agrícola da capital.

Em 1847 é criado o núcleo Colônia Tereza, de imigrantes franceses, pelo médico Jean Maurice Faivre, no sertão do Ivaí, 20 léguas (132km) a oeste de Ponta Grossa, que devido ao isolamento, não progrediu.

Em 1852 é fundada a colônia Superagui, hoje Guaraqueçaba, na baía de Paranaguá. Em 1860 é fundada a colônia Assunguy, hoje Cerro Azul e em 1869 a colônia Argelina, hoje bairro do Portão em Curitiba. Em 1874 é fundada uma colônia em Paranaguá.

A partir da década de 1870 o processo de imigração se intensifica com a implantação de colônias em todo o estado, com a política de localização próxima dos centros urbanos. Nos anos 1870 são estabelecidas 26 colônias no Paraná, 19 na região de capital. Na década de 1880 são estabelecidas 15, na década de 1890 são estabelecidas 19 colônias e na década de 1900 são implantadas mais 10 colônias no estado. São localizadas inicialmente próximas das cidades já existentes: Curitiba, Campo Largo, Lapa, Rio Negro, Palmeira, Ponta Grossa, Castro, Paranaguá, Morretes, Antonina, São João do Triunfo, Porto de Cima.

A primeira colônia fundada em Ponta Grossa é a colônia Otavio, em 1878, de alemães do Volga, seguindo-se as colônias de Guarauna, Guarauninha, Taquary, Rio Verde, Eurídice, Trindade, Dona Adelaide, Botuquara, Tavares Bastos, Floresta, Itaiacoca, Moema e Tibagi, perfazendo um total de 975 assentados de nacionalidades alemã, polonesa, italiana, russa e brasileira.

A partir dos anos 1930, empresas de colonização realizaram assentamentos de imigrantes no estado, com a fundação de cidades planejadas como Londrina, Maringá, ----especificar--

--

Capítulo 3

A FORMAÇÃO DA ARQUITETURA DE MADEIRA DE PONTA GROSSA

Para compreendermos a formação da arquitetura de madeira na região é necessário utilizarmos o conceito de miscigenação.

As técnicas construtivas são resultado de um longo processo de formação dentro da história universal, onde os contatos e as trocas culturais contribuem para um desenvolvimento conjunto.

A imigração propiciou a vinda de diversas culturas de construção, que interagiram num rico processo de trocas, de maneira difusa, cuja compreensão é fundamental para o estudo da história de nossa arquitetura.

A principal determinante para a arquitetura de madeira no Paraná é a existência de extensas áreas florestais, onde se destaca o pinheiro, utilizado em larga escala, desde os primeiros estágios da colonização, a partir de tecnologias rudimentares, até a sua difusão industrial no ciclo econômico da madeira.

A arquitetura de madeira na época do tropeirismo.

A fundação da cidade tem a influência da arquitetura colonial portuguesa. As capelas dos jesuítas de Santa Bárbara (1730). Santa Luzia e Nossa Senhoras das Pedras, na rota dos tropeiros, junto ao paredão do Itambé, são construídas na técnica da pedra e cal. As sedes das fazendas, como a fazenda Capão Alto, utilizavam a técnica de origem portuguesa da taipa de pilão, com o uso simultâneo da madeira em construções anexas ou mesmo partes das construções principais.

Vejamos o relatório de tombamento desta fazenda, pela Secretaria de Estado da Cultura:

...”Algumas das edificações – entre elas o casarão central – foram levantadas em taipa de pilão, e constituem, provavelmente, os únicos exemplares desta antiga técnica de construção ainda existentes no Paraná. As demais construções, ao fundo do casarão, são de alvenaria de tijolos e madeira, datando, ao que tudo indica, da época em que a fazenda de gado de corte passou a abrigar gado leiteiro”.

Interessante observar o relato da historiadora Guisla Chamma sobre as fazendas do tropeirismo na região, no texto “A sociedade campestre nas grandes fazendas dos campos gerais”:

“Era uma vida muito simples, daqueles que moravam nas fazendas dos campos gerais.

O proprietário morava numa casa grande, construída de tábuas de pinho, com a junção das mesmas tapadas por ripas mais estreitas, a fim de vedar a passagem do vento.

As janelas e portas fechadas por uma só peça de madeira, com tranca também de madeira. Não havia vidraças. Na maioria das vezes, as dobradiças eram feitas de couro.

Construíam uma varanda na frente da casa, que às vezes se prolongava para os lados. Só no século XIX é que começaram a cobrir suas casas com telhas trazidas de Paranaguá, no lombo de burros. Eram fabricadas em São Paulo.

Assim mesmo o número de casas cobertas de tabuinhas era muito grande, pois as telhas só podiam ser compradas por gente de muito dinheiro.

Além da casa grande do fazendeiro, algumas outras casas eram construídas para abrigar o pessoal que morava na fazenda.

Uma casa comprida e estreita, sem assoalho, era a senzala.

Aqui no sul, os fazendeiros preferiam fazer a senzala separada da casa grande, ao invés de usar às vezes o porão, para abrigar os escravos, como era o costume de alguns fazendeiros de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Na senzala, a uma certa altura do teto, aproveitavam para estender um ripado onde era armazenada a alfafa, capim, milho no sabugo, etc.

Os escravos ocupavam a parte de baixo, numa altura que dava mal e mal para caminhar ereto.

A construção internamente era dividida por tábuas em cubículos de 1,50 X 2,00m, onde dormia uma família escrava, pais e filhos, em total promiscuidade.

As outras casas pequenas, eram para o pessoal branco, que trabalhava na fazenda, mas que não fazia parte da família.

...

Vestiam roupas quase sempre tecidas na fazenda. O algodão vinha de Sorocaba, a lã para fiar do Rio Grande do Sul, trazida pelos tropeiros. O serviço de fiar, tecer e confeccionar o vestiário era trabalho feminino. Todas as mulheres da fazenda trabalhavam, inclusive a mulher e as filhas do fazendeiro. Os primeiros tempos eram difíceis todos tinham que ajudar.

Na própria fazenda, além do trabalho de cuidar do gado, conduzi-lo às invernadas, marcar, domar, separar, colocar sal nos cochos espalhados pelo campo, havia ainda o trabalho de manutenção da fazenda. Quem mais trabalhava era o escravo.

Carpinteiros, seleiros, ferreiros, uma diversificação de tarefas pois tudo era feito ali.

Os toscos móveis usados nas casas, as cercas, os galpões, feitos com madeira da própria região: selas, arreios, embornais, sandálias, chapéus, com o couro curtido dos animais ali criados. Utensílios de ferro, como enxadas, facas, facões, machados. O ferro era trazido de Sorocaba em barras, e armazenado, para ser transformado em ferramenta no momento certo.

A arquitetura da madeira e a imigração

Os povos de imigração europeia de origem eslava: alemães, poloneses, ucranianos e russos, tinham tradição milenar de construções em madeira.

A contribuição alemã

Os alemães trouxeram a arquitetura enxaimel, largamente difundidas em suas colônias no sul do Brasil, Embora com poucos exemplares no Paraná, consideramos que contribuiu para o sistema construtivo das casas com estrutura de madeira, através dos processos de difusão cultural. Para estudos dessa arquitetura recomendamos a obra do arquiteto Gunter Weimer , “Arquitetura da Imigração Alem”, e a obra “Arquitetura em Enxaimel” do historiador Wolfgang Collischonn,

A colônia alemã da Terra Nova, fundada em 1933 a 40 km de Ponta Grossa se constitui de uma comunidade de imigrantes proprietários de pequenas fazendas com intensa produção agrícola e pecuária. As casas construídas na época da fundação da colônia expressam a herança cultural dos povos imigrantes.



Casa da família Maus, construída na colônia Terra Nova em 1934, com paredes duplas de tábuas e costaneiras. Foto AK, 2007.

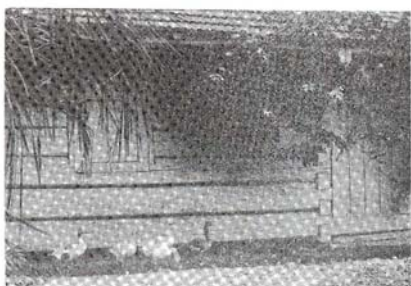
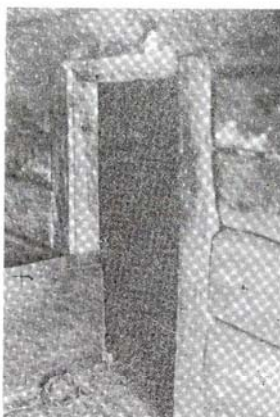


Máquina colheitadeira desenvolvida pelo Sr Maus, na década de 1930

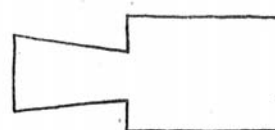
A contribuição polonesa

Os poloneses, sendo uma das mais influentes correntes de imigração da história paranaense, também trouxeram a tradição do uso da madeira para suas construções. As casas de tronco falquejados com encaixes nos cantos foram amplamente utilizados na fundação de suas colônias em Curitiba, a partir dos anos 1870. Essa técnica construtiva evolui nos processos de ampliação das construções dos sítios rurais para as construções com tabuas e sarrafos, que resultam na elaboração de um padrão específico de construção, denominado regionalmente como “casa de polaco”.

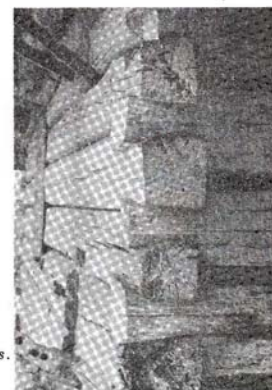
Parede interna das construções de tronco e seu encaixe na parede externa.



Entalhe do tronco falquejado.



Encaixe dos troncos.

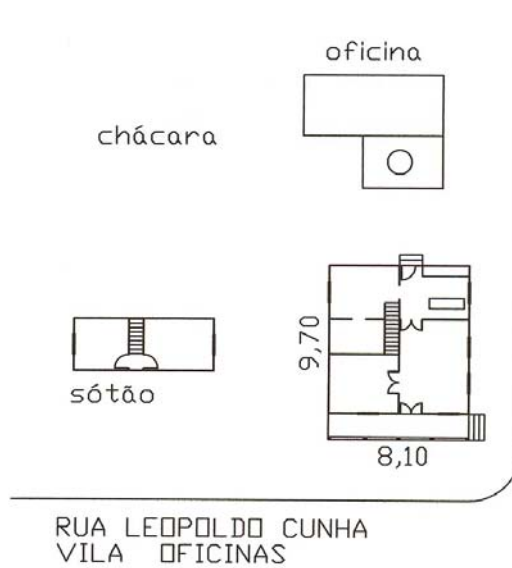


Detalhes de casa de tronco na colônia Tomás Coelho, Curitiba, final do séc. XIX
Fotos do livro *Arquitetura do Imigrante Polonês*, de Jussara Valentini

Essa técnica construtiva evolui nos processos de ampliação das construções dos sítios rurais para as construções com tabuas e sarrafos, que resultam na elaboração de um padrão específico de construção, denominado regionalmente como “casa de polaco”.



TÍPICA “CASA DE POLACO” – CONSTRUÍDA NA RUA LEOPOLDO CUNHA EM 1920
FOTO AK – 2006



A contribuição ucraniana

Os ucranianos, com participação expressiva na colonização do sul do estado, mantenedores de ricas tradições folclóricas e religiosas, realizaram magníficas construções, verdadeiros marcos culturais em suas igrejas em madeira ou alvenaria, preservando a tradição cultural bizantina, de rico conteúdo nas áreas da arquitetura e pintura. A tradição cultural ucraniana no sul do Paraná é uma das mais expressivas no mundo além de suas fronteiras, e merece estudos acadêmicos mais profundos que certamente se constituirão em valiosa contribuição para o campo das artes plásticas.



Igreja ucraniana de São João, município de Antonio Olinto
Foto do livro Igrejas de Madeira do Paraná, de Nego Miranda, 2003

A contribuição italiana

Os italianos realizam colonização no estado a partir de 1860 e na capital em 1878, com casas em madeira e alvenaria. (nota texto Casa Romário Martins) Sua contribuição está no uso da linguagem clássica na composição da arquitetura, conforme o texto do arquiteto Key Imaguire:

“Decorrência da planta é a volumetria sempre idêntica das edificações. As proporções do retângulo da planta repetem-se na elevação principal e na posterior, sendo as laterais com tendência ao quadrado. Esse paralelepípedo retângulo, quer nos casos de construção térrea ou assobradada, é coberto por um telhado de duas águas.”

Também a composição das fachadas das casas italianas possui uma característica própria de simetria e proporção na disposição de colunas das varandas e distribuição das aberturas de portas e janelas, conforme demonstra a ilustração.

Casa Slompo, colônia Santa Felicidade, Curitiba, de fins do séc. XIX

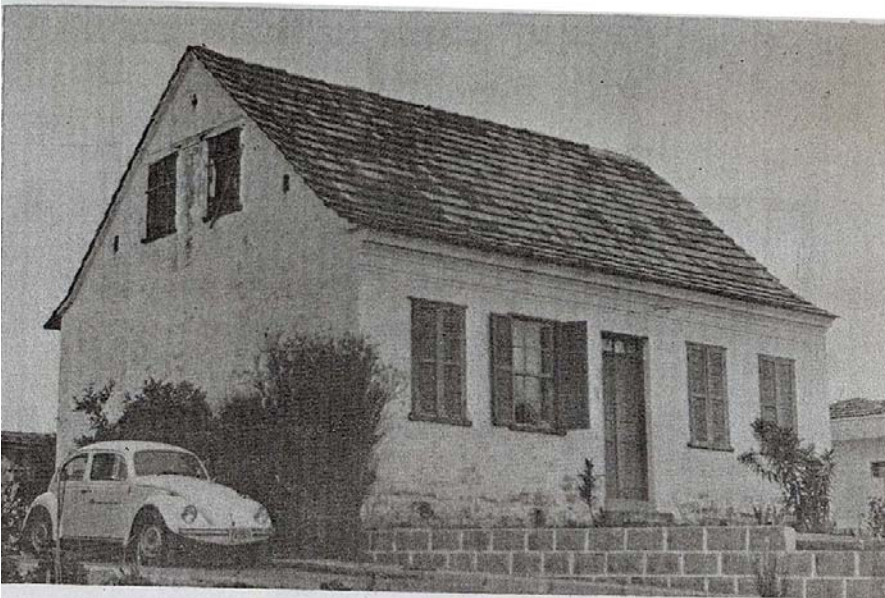


foto do Boletim 24 – Casa Romário Martins – pg. 47

Os japoneses também trouxeram uma arquitetura de madeira própria, que foge da abrangência desse estudo por se localizar nas regiões norte do estado.

Os ingleses tiveram um papel empresarial na colonização do estado, com a implantação da rede ferroviária e a fundação de cidades através de companhias colonizadoras. Sua participação se relaciona com a difusão das novas tecnologias industriais relacionadas ao novo transporte e aos fatores culturais correlatos, tais como as idéias românticas do ecletismo em arquitetura.

Capítulo 4

AS CASAS DE CHÁCARA

Na seqüência dos estudos das determinantes que influenciam a formação da arquitetura de madeira em Ponta Grossa, cabe anotar a questão da implantação no lote. As colônias da região foram instaladas distantes de 6 a 30 km. do núcleo urbano. As mais distantes foram desativadas, enquanto as mais próximas foram incorporadas, tornando-se atualmente bairros da cidade: colônia Rio Verde, colônia dona Luiza, colônia Nova Rússia. No final do século XIX a periferia do centro da cidade era formado por chácaras, onde havia a produção de hortifrutigranjeiros. Essas chácaras foram sendo subdivididas até a configuração de lotes urbanos convencionais com dimensão em torno de 14X30m. Apresentavam um modo de vida peculiar, com características simultaneamente urbanas, devido a sua proximidade do centro e rurais, pela produção de hortas, pomares de variadas espécies inclusive vinhedos e a criação de gado, suínos e aves. É um período significativo para o modo de vida das populações dos bairros e toda a cidade, gerando uma estrutura habitacional própria, ainda existente no ano de 2007.



Vista da cidade, no alto da rua Balduino Taques, em 1892 – observa-se as chácaras e casas típicas

Foto acervo Casa da memória

É característica da arquitetura dos bairros da cidade, inclusive com exemplares próximo do centro, a arquitetura de casas de chácara de madeira, destacada no terreno, com ajardinamento, e lambrequins, sótão. As varandas faziam a transição entre o espaço externo relacionado ao trabalho na terra com o interior da habitação. Integra esse conjunto a “casa do poço”, um anexo em “meia-água” (cobertura de um só plano de inclinação), nos fundos, paralelo à cozinha, fechado por três lados e que se abria para o lado da casa, onde se localizavam o poço e os serviços de lavagem de roupa.



Casa de chácara do bairro de Olarias
Foto AK, 2006

Na mesma construção ficava a despensa para as ferramentas de lida na terra. Junto ficava o forno de pão, em arco de tijolos e a caixa d'água, com estrutura de madeira e abastecimento através de bomba manual ou elétrica. Nas chácaras maiores existiam os paióis, barracões de madeira com cobertura em duas águas para o abrigo da carroça ou automóvel, e oficinas de carpintaria e utensílios de horticultura. Anexos também ficavam o galinheiro, em alguns casos com patos e perus, em outros um pequeno estábulo e pocilga de porcos. O sanitário em fossa negra, denominada “casinha”.

A CASA DO IMIGRANTE URBANO

Existem dois tipos básicos na história da casa de madeira na região de Ponta Grossa.

O primeiro conhecido como “casa de polaco”, possui implantação transversal em relação ao terreno ou acesso principal, com varanda e a entrada principal no centro desta. Complementam esta tipologia o telhado de inclinação alta que abriga o sótão e um prolongamento da cobertura, onde se localiza a cozinha, que gera uma quebra típica na sua linha de caimento. O volume é simples, de caracterização imediata. Esta tipologia é a mais antiga, derivada da tradição colonial portuguesa de casas em fita, que vai se modificando com o processo de miscigenação da colonização.

O segundo tipo básico está relacionado com o lote urbano de aproximadamente 14 X 30 metros. A implantação é longitudinal, integrada com as laterais do terreno, com a possibilidade de melhores aberturas de janelas para a higienização, valorizada na época. A varanda e a porta principal passam a ser laterais, em alguns casos também na frente, ou mesmo nos três lados.

Daí surgiu a tipologia básica das plantas das casas de madeira do século XX de Ponta Grossa: a planta bicameral. Na maioria das casas a planta divide-se longitudinalmente em duas alas. De um lado a área coletiva, normalmente a partir da varanda externa, e do outro a ala dos dormitórios, que formam o volume de oitão da fachada.

OS LAMBREQUINS

São ornamentos de madeira ou zinco, de aproximadamente 40 a 60cm, com desenhos estilizados colocados nos beirais das casas, caracterizando um acabamento de efeito poético, próprio da arquitetura do imigrante.

Pode-se fazer uma classificação dos lambrequins a partir de seus desenhos. Os mais simples e quadrados são de origem polonesa. Os mais arredondados são de origem germânica, e os mais detalhados tipicamente italianos. (citar gazeta)

Existem outros acabamentos que complementam a casa de madeira típica do imigrante europeu: os rendilhados dos frontões e empenas e as molduras das varandas, que podiam também ocorrer no interior das casas e mesmo dos móveis. O arquiteto Antonio Carlos Zani, em tese de doutorado na FAU/USP, sobre a arquitetura de madeira norte-paranaense, cita uma verdadeira competição entre os carpinteiros da região, nas décadas de 1940 e 1950, pois eram qualificados segundo o grau de elaboração desses ornamentos. Em Ponta Grossa identificamos construções de madeira de alto grau de acabamento que merecem estudos específicos.



Casa da imigração na rua Ayrton Playsant, bairro da Ronda
Foto AK, 2006

O CHALÉ E O BANGALÔ

A virada do século traz para Ponta Grossa a república, a implantação da prefeitura, a estrada de ferro, com o desenvolvimento de um próspero comércio regional, além da indústria ervateira e da madeira. Junto com o progresso, nome do primeiro jornal da cidade, vem o ecletismo europeu que expressava as profundas modificações culturais que ocorriam no mundo através da revolução industrial. O ecletismo era um sinal de modernização para os cidadãos da época.

Inspirado nos ideais do romantismo surge no desenvolvimento urbano das cidades européias o “chalé”, que consistia em uma pequena propriedade, com arquitetura típica construída numa chácara, nas proximidades do centro urbano, e se caracterizava pelo contato com a natureza. Esse padrão arquitetônico é bastante difundido nas cidades brasileiras, influencia a caracterização das casas de madeira de Ponta Grossa, conforme observamos no capítulo referente aos projetos aprovados na prefeitura local.

O romantismo trouxe também uma das mais expressivas contribuições para a arquitetura das casas de madeira de Ponta Grossa – o bangalô. O termo surgiu da colonização inglesa na Índia, derivado de Bânglã, da língua Bengali, caracterizando a tipologia própria de uma casa baixa com varandas em todo o perímetro. O governo inglês construía abrigos a cada 12 a 15 km. nas principais estradas da Índia para a estadia de seus funcionários viajantes. Essas construções assimilaram os padrões formais da arquitetura banglã local, sendo trazidas ao Brasil junto com a construção das ferrovias e de suas casas.

O SISTEMA DE PRODUÇÃO DA MADEIRA

A industrialização criou um padrão de beneficiamento da madeira em peças relativamente padronizadas que se adaptavam ao processo construtivo das pequenas casas. Esse sistema empírico era amplamente utilizado pela população e seus construtores, constituindo um saber popular que permitia a utilização do material sem a necessidade de cálculos especializados, embora também limitasse a variedade de soluções plásticas e formais das construções.

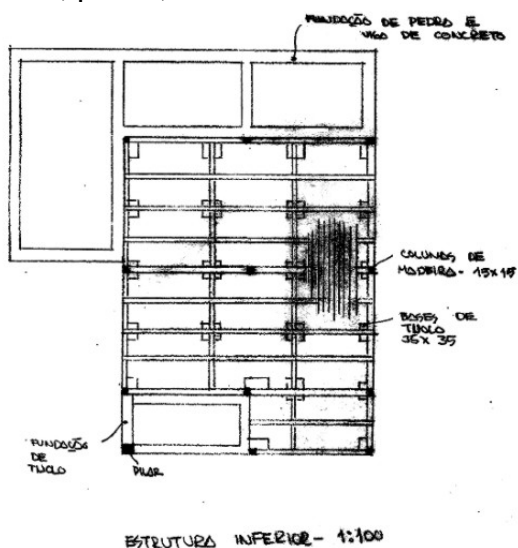
Uma característica interessante do sistema de padronização da madeira, também chamadas “bitolas”, é que sua unidade de medida é ainda hoje popularmente referida no sistema inglês de polegadas, devido à influência no período de implantação da ferrovia e da indústria de beneficiamento.

A TÉCNICA CONSTRUTIVA

Fazer a casa de madeira era um conhecimento empírico difundido entre os construtores e carpinteiros da região. Seus fundamentos originam na tradição de corporações seculares e podiam ser visitados pela simples observação dos modelos existentes, permitindo alguma variação com a troca de experiências e informações pela prática cotidiana, amadurecida por vários anos.

A casa de madeira era sempre construída elevada do solo, no mínimo em meio metro, para permitir que a ventilação mantivesse seca sua estrutura. O apodrecimento da madeira é um fenômeno biológico de ação de fungos que se desenvolvem na umidade. As estruturas de madeira secas e protegidas de cupins, tem demonstrado durabilidade de séculos.

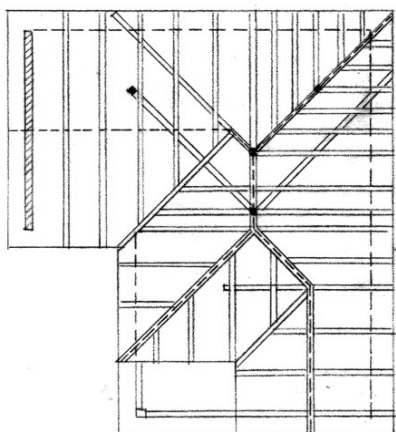
A base da casa é uma grelha de vigas de 10X5 cm (4X2”) que se apóia em pilaretes de tijolos, pedra, ou mesmo madeira de lei.



Estrutura do assoalho de casa de madeira – desenho AK – 1982

Construía-se o assoalho das casas antigas com tabuas largas e sem encaixes, que causava um frio intenso no inverno do sul. Por isso era usado sarrafear a parte inferior dos assoalhos. Depois passaram a serem usadas tábuas com encaixe macho e fêmea.

Sobre o assoalho era levantada a estrutura de pórticos em coluna e vigas, de dimensões aproximadas de 15x15 cm (6 X 6 "). O espaçamento das colunas destas estruturas, aproximadamente 3,00 metros, correspondia à dimensão dos cômodos da casa, embora pudesse ser modificado para outras soluções.

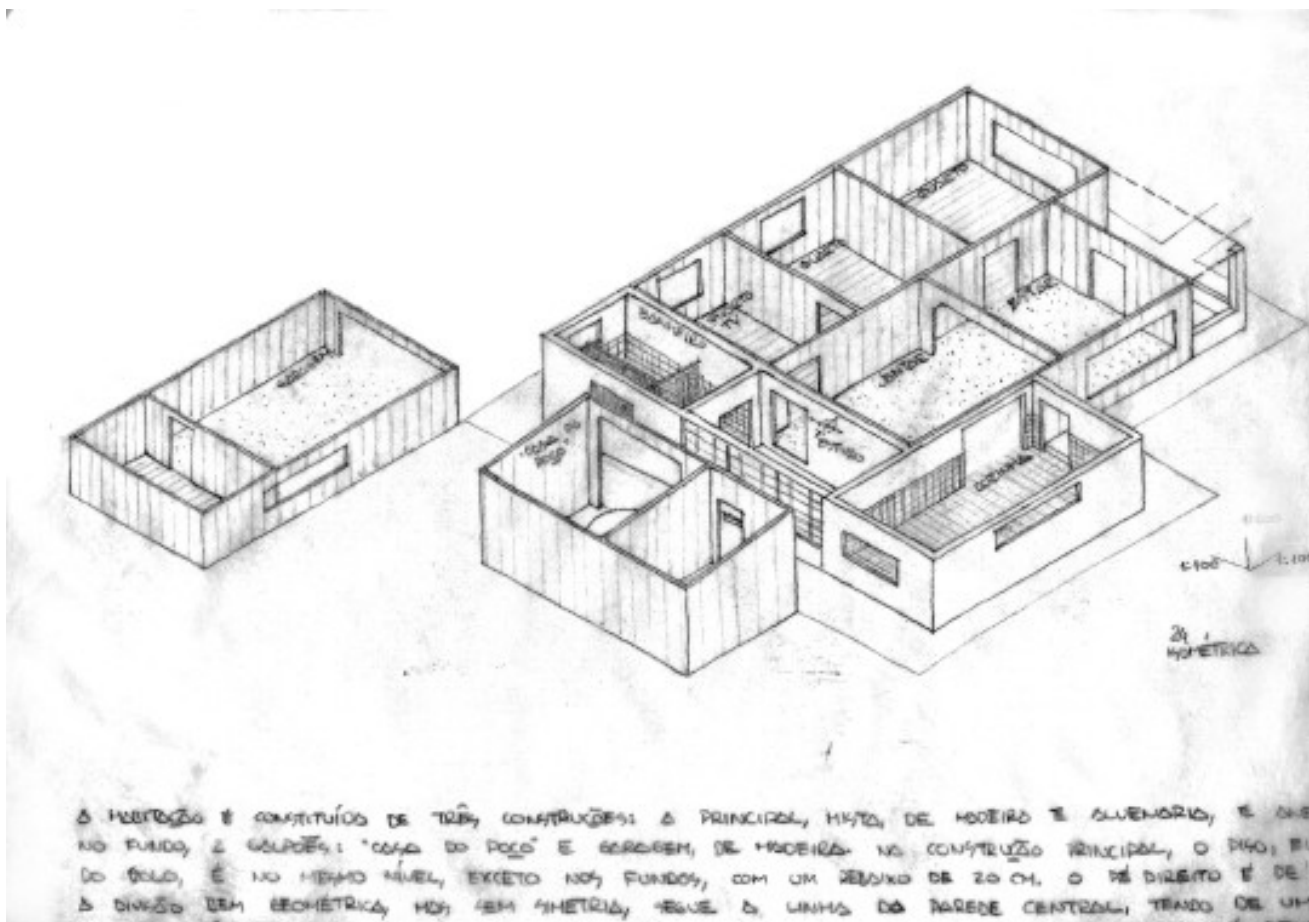


ESTRUTURA DA COBERTURA - 1:100

O forro, inicialmente de taboas largas, com sobreposição alternada em duas camadas, passou a ser do tipo "forro paulista", de taboas estreitas e mais leves, com encaixe macho e fêmea, de dimensões 10 X 1,2 cm.

As janelas de madeira ou ferro eram fixadas diretamente no plano formado pelas tábuas de vedação, sem necessidade de reforços mesmo nas portas. As janelas de madeira eram normalmente no sistema de guilhotina vertical, com venezianas que podiam ser externas ou internas, daí ocasionando que os vidros ficavam expostos no lado de fora da casa.

Várias casas apresentavam um sistema misto de construção em madeira e alvenaria. As mais antigas usavam fazer a fachada em alvenaria, com a platibanda e ornamentos característicos do eclétismo, buscando melhorar a apresentação da construção. Também eram usuais as ampliações de cozinha e banheiro nessa técnica.



Isometria da casa do autor: madeira, anexos e ampliação da cozinha em alvenaria – AK 82

Existe na região o costume de revestir a construção de madeira com paredes de alvenaria, gerando um novo padrão de arquitetura pelo aproveitamento da estrutura interna, normalmente bem conservada.

Capítulo 5

CATALOGAÇÃO DE PROJETOS DE CASAS DE MADEIRA OU MISTAS DAS DÉCADAS DE 1920 A 1950 DA PREFEITURA DE PONTA GROSSA

Fazendo uma observação geral das centenas de imagens, desenhos, plantas, fragmentos, detalhes, fotos, anotações e memórias que buscam aprofundar o conhecimento do processo histórico da formação da cidade, pudemos perceber um acompanhamento paralelo, como que o surgimento de uma segunda história, mediatizada pelos vários recursos, pelos processos de reflexão.

Mas a questão é justamente a riqueza de sugestões e as oportunidades que o desenvolver dessa reflexão proporcionam ao arquiteto de hoje. Descobrir como se forma a cidade, sua gênese, seus processos, ciclos, princípios, impulsos, barreiras, determinantes e limitações. Os pensamentos das épocas, as interações das classes, tudo contribui para a construção da cidade. A cidade é a interação e a espacialização da sociedade, e essa visão em conjunto deve ser mantida.

Assim, sobrevoando essa colcha de retalhos que são os indícios da memória da história da cidade, vemos a época dos desenhos eufóricos do ecletismo, que transmitia a mesma vitalidade do “novo século” para as construções dos chalés e das casas de madeira dos imigrantes, mantendo a velha implantação transversal e o telhado empinado, quebrado nos fundos. A casa no alinhamento constrói a calçada e a rua, ou se afasta para gerar um pequeno jardim. Nesse tempo as fachadas eram em alvenaria, enobrecendo com platibandas e cimalkas a intersecção entre o público e o privado e a apresentação social dos moradores.

Notamos os afastamentos laterais das casas dos imigrantes e das casas ecléticas, algumas com graciosas varandas ou até pórticos laterais, cercadas de jardins.

A transição entre o público e o privado é sempre elaborada no interior das casas, surgindo soluções com salas comerciais de uma ou mais portas e altas janelas abrindo para a rua, em cantos marcantes de esquinas. Soluções pitorescas que constroem a cidade, o espaço, o ambiente. Cabe aqui lembrar a maestria estética dos edifícios que formavam a esquina da rua XV com a rua Sant’Ana nos anos 1940.

É poética a simplicidade das casinhas de madeira resistindo bravamente ao crescimento da cidade, guardando os segredos de uma estética tão elaborada que o único elemento além de uma essência minimalista seria a delicadeza sinuosa de uma linha de lambrequins, que só poderia estar ali, no equilíbrio perfeito da proporção das paredes com o telhado com sua textura e cores variantes com o caminho do sol. Delicadeza da linha quase imoerceptível da moldura de tábuas de um oitão.

Interessante observar os fragmentos da arquitetura. Platibandas, cimalthas, janelas com linhas sinuosas, molduras, frisos, cunhais, peitoris, lambrequins, portões, gradis e gateiras em ferro trabalhado, formando um rico jogo de imagens e sugestões. De que tempo, espírito e arte falam essas coisas? Que sugestões evocam para a nossa arquitetura?

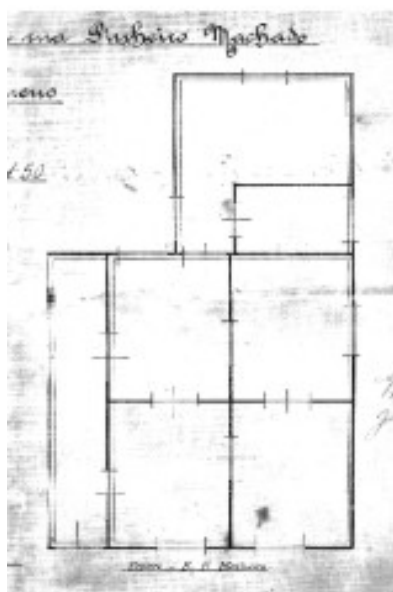
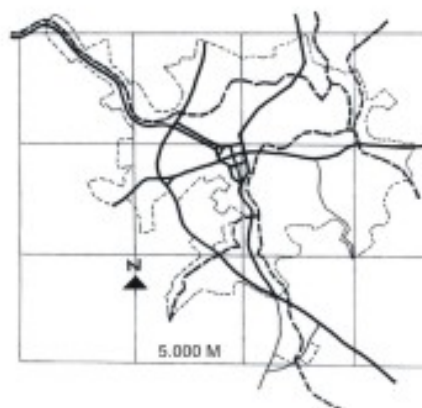
Observamos em algumas casas da década de 1920 uma integração ente os cômodos sem o uso do corredor de circulação. A existência dos sótãos, lugares mágicos, com telhados empinados com a janelinha no alto. Alguma coisa aconteceria ali. As escadas íngremes, rangentes. Espaços íntimos, acolhedores, aconchegantes, reservados ao repouso e ao isolamento, enquanto o convívio acontecia no térreo.

Observamos a beleza imponente, até majestosa de algumas fachadas ecléticas. Ornamentos que criam entes virtuais que participam da vida das pessoas, quase como as gárgulas e carrancas dos tempos antigos.

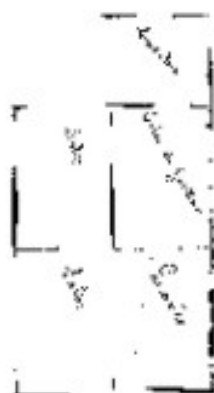
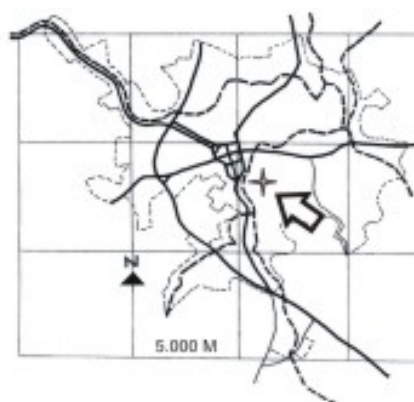
Percebemos que o desenho da planta da casa de esquina já indica a composição dos elementos da fachada, de seu chanfro e das várias aberturas. Pensar essa articulação dos espaços e da construção é criar uma nova arquitetura.

Observamos a multiplicidade de tendências vindas dos repertórios acadêmicos da história da arquitetura interagindo com os repertórios das várias etnias num momento de profundas transformações da noção de espaço urbano. Tentamos captar a seqüência da formação da cidade, inicialmente com seus casarios centrais justapostos no alinhamento das ruas, como ainda existe na rua Sant'Ana, e das casas de madeira dos colonos em suas chácaras na periferia. Observar a articulação das soluções espaciais, construtivas e estéticas do ecletismo, e os processos de geometrização e racionalidade característicos dos períodos decô e moderno, Processo histórico rico de conhecimento e soluções promissoras para aqueles que se dispuserem a conhecer e aprofundar os recursos de construção da cidade.

**LEVANTAMENTO DE PROJETOS DE CASAS DE MADEIRA
APROVADOS NA PREFEITURA DE PONTA GROSSA NA DÉCADA DE 1920**

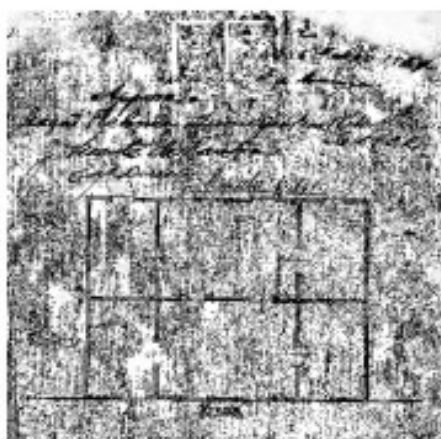
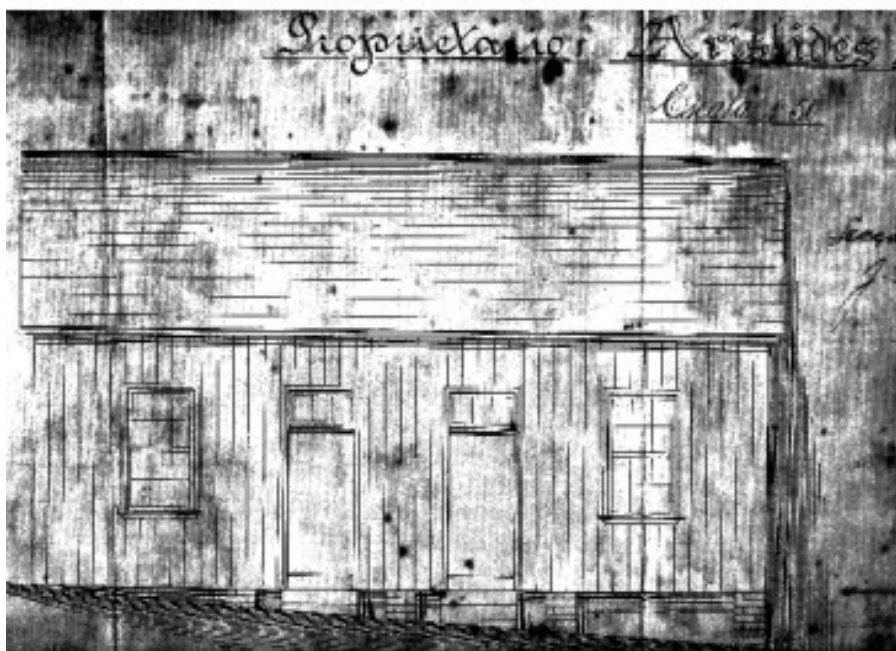
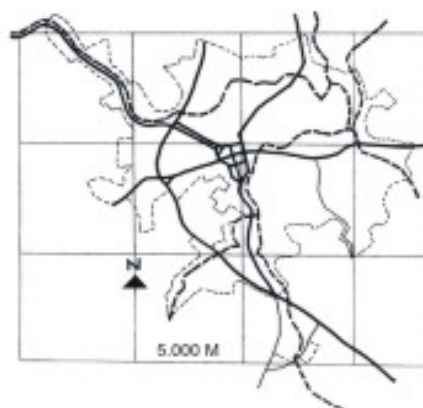


F001/21
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1921
 Prop. - Alzira Bueno
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006

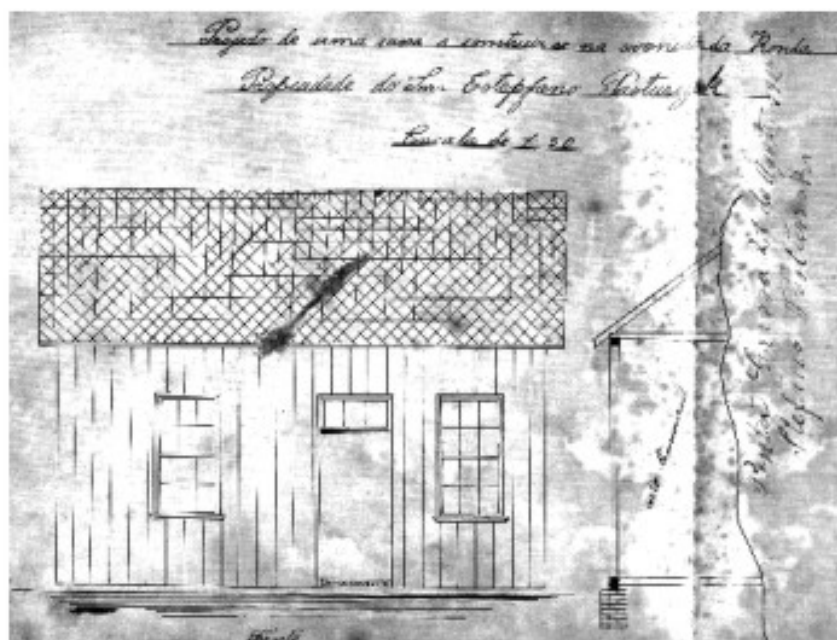
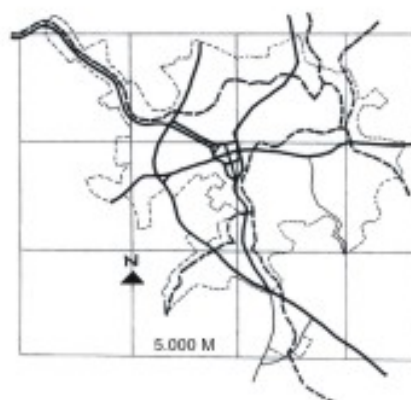


Projecto de
 uma casinha a construir-se na rua
 dos Operarios, propriedade de Sr. André
 Firaski. Escala 1:50

Ficha
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1922
 Proprietário - André Firaski
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. Sem implantação



F003/22
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1922
 Prop. - Aristides Araujo
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



F004/22
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1922
 Prop. - Estephano Pasturszak
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



*Projeto de uma casa a construir-se na rua da Ronda
 Proprietario João, offachoski
 Arquiteto João Machoski
 Esc. 1.90*



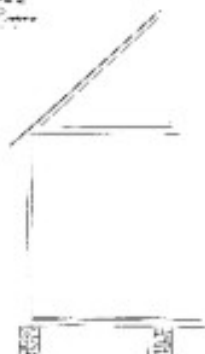
F005/22
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1922
 Prop. - João Machoski
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



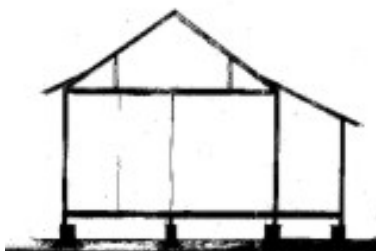
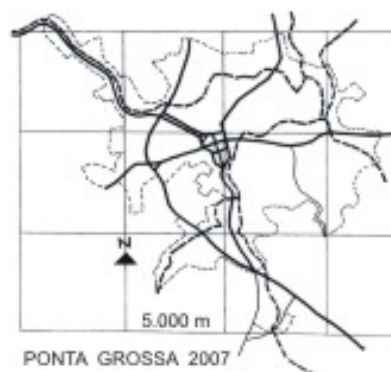
F006/22
 Casa de madeira mista
 Ano de construção - 1922
 Prop. Joaquim Fonseca
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - arquitetura eclética com
 interior em madeira



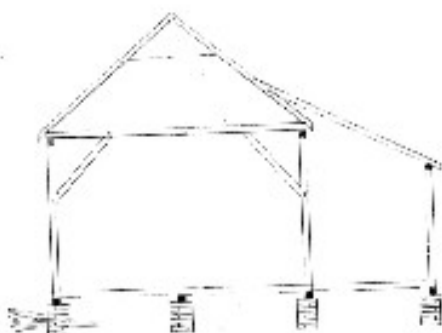
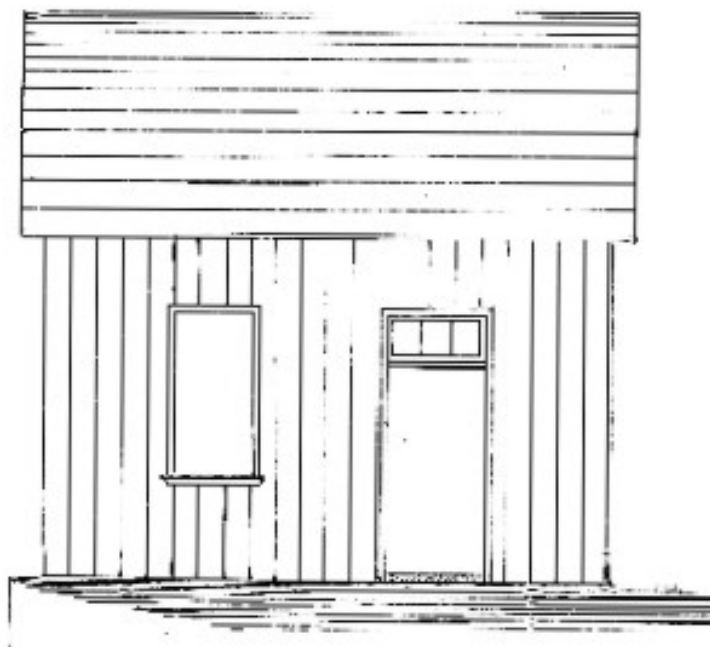
Vila Estrela para Sr. Lúcio Ribeiro
Arquiteto Sr. João de Deus
em 21 de Maio de 1922



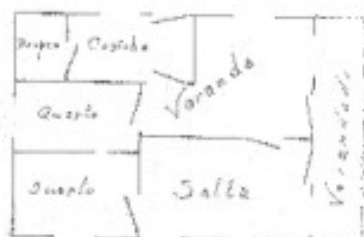
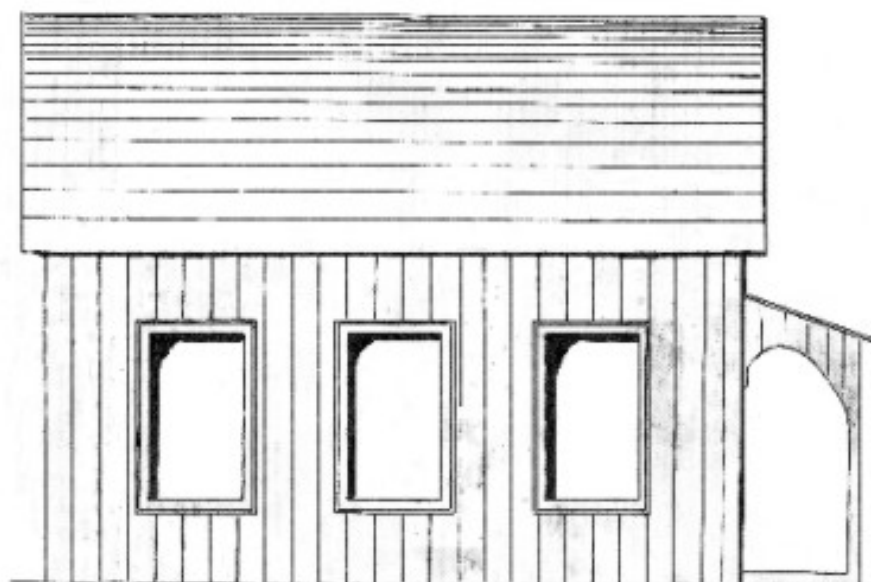
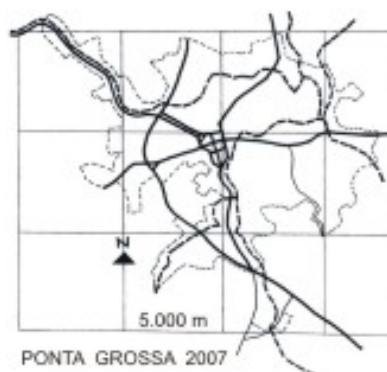
F007/22
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1922
 Prop. - Ladislava Ribeiro
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



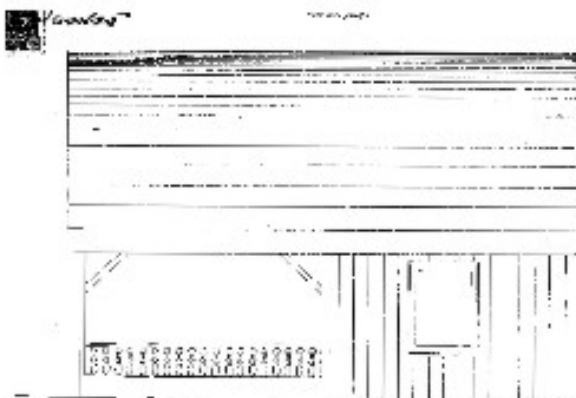
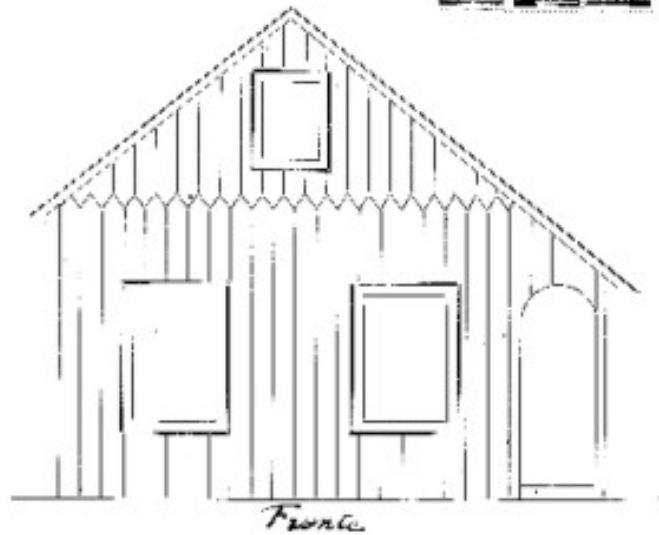
F008/22
 Casa de madeira mista
 Ano de construção - 1922
 Prop. - Paulo Canto
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. Fachada e implantação
 tipicamente eclética



F009/22
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1922
 Prop. - Said Saab
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



F010/22
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1922
 Prop. - Tuffi Saab
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



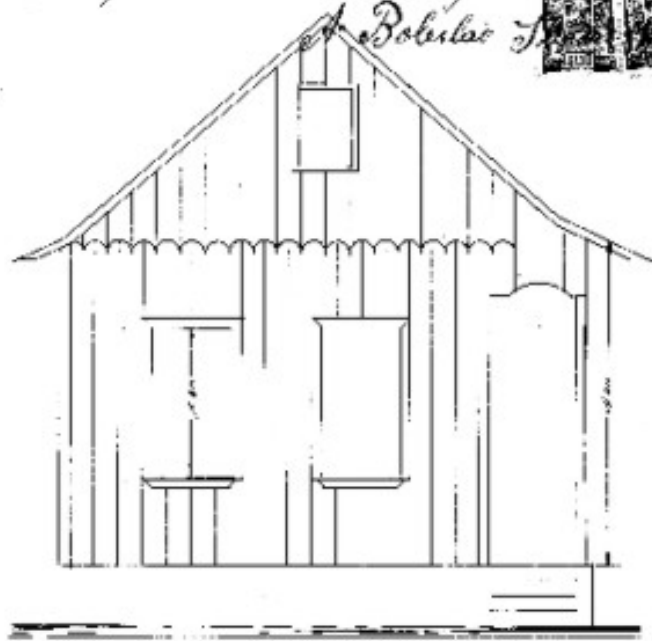
F011/23
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1923
 Prop. - Antonio dos Santos
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



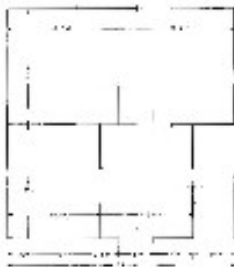
na. Lagoa de Curitiba, projeto, do. Ant. Francisco Galinsky.

Arquiteta / 1.50.

Ponta Grossa
Boleiros



Planta (segundo o projeto original de 1923)



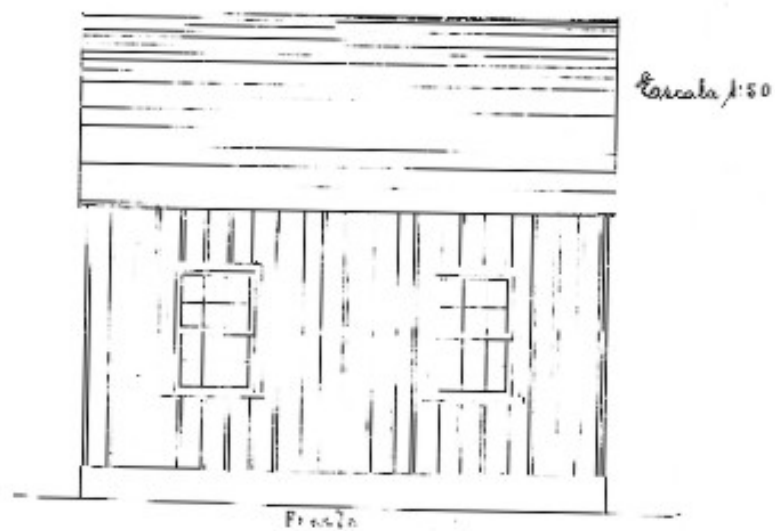
F012/23
Casa de madeira
Ano de construção - 1923
Prop. - Francisco Galinsky
Uso residencial
Fonte: prefeitura/2006



de uma casa de madeira a ser construída em

Villa Estrela

Proprietário Gumerindo Bisabo



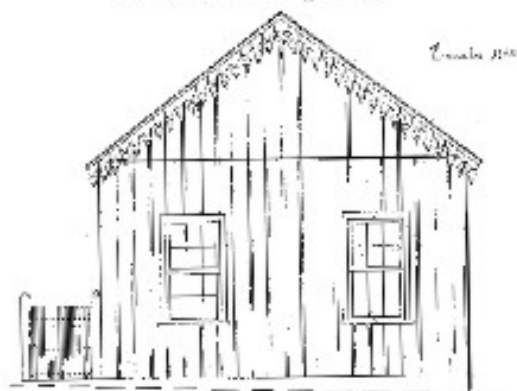
Plano de Frente



F013/23
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1923
 Prop. - Gumerindo Bisabo
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



Ponta Grossa
de uma casa de madeira a ser construída
Vila Rio Branco
Superintendente Herculano Ribas
Contratado Elias Hoffmann



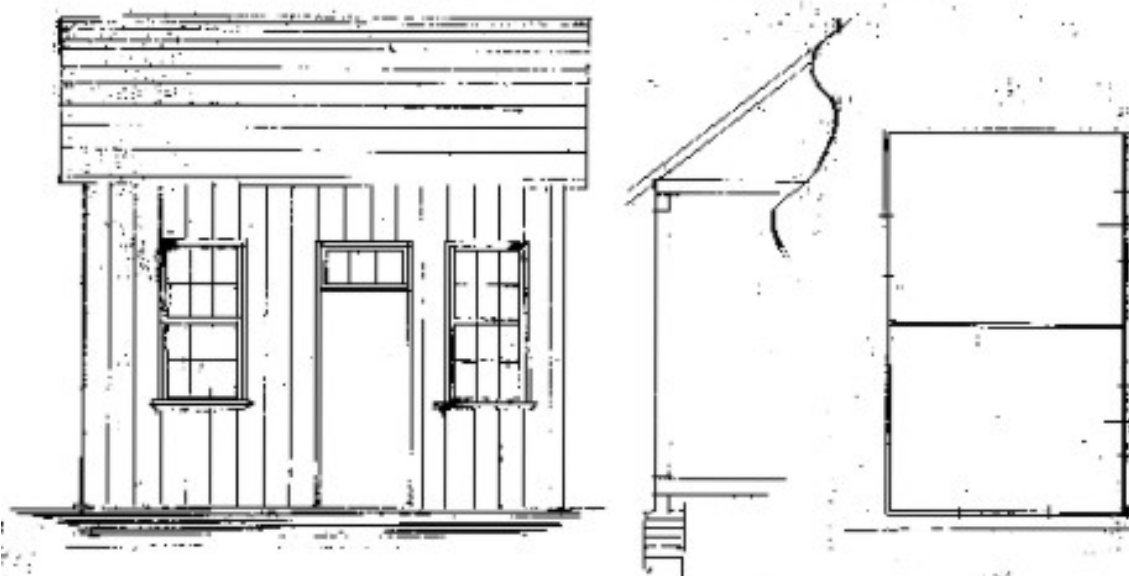
Projeto de Casa
1923
Projeto de Herculano Ribas
Contratado Elias Hoffmann



F014/23
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1923
 Prop. - Herculano Ribas
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



Projecto de uma casa a construir se na rua Ronda
Propriedade do Sr. Ricardo Chnekenberg
depoimento de 31-12-23
Langulziller
Eng. Arq. Costa 1923



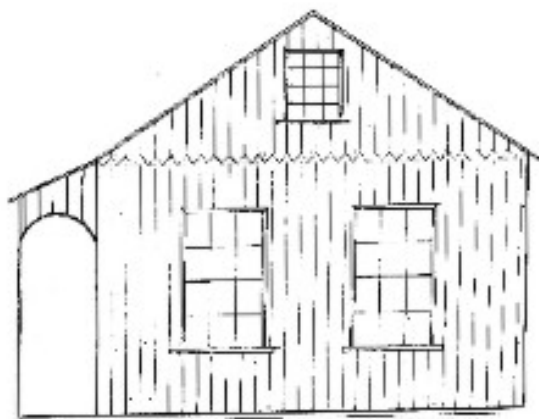
F015/23
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1923
 Prop. - Ricardo Chnekenberg
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006

Proprietário: Benedito de Souza F. S.

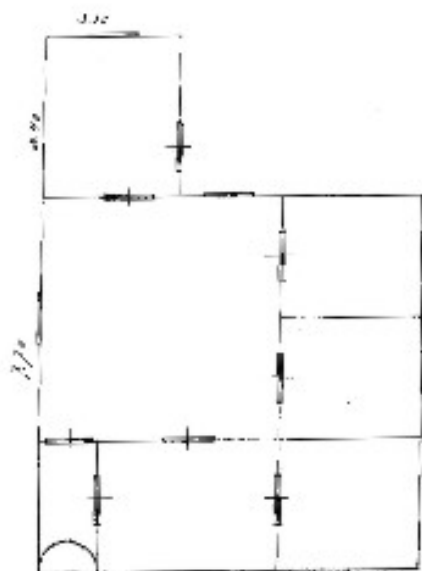
aprovado em: 10-5-1923

*Arquiteto: -
Eng. insinuado*

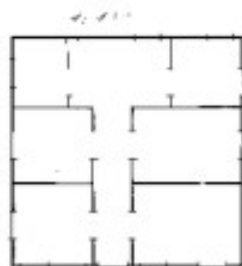
Esc. 1.120



Rua Coronel Dulcido 1.12



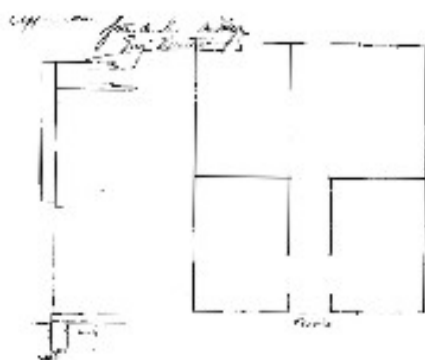
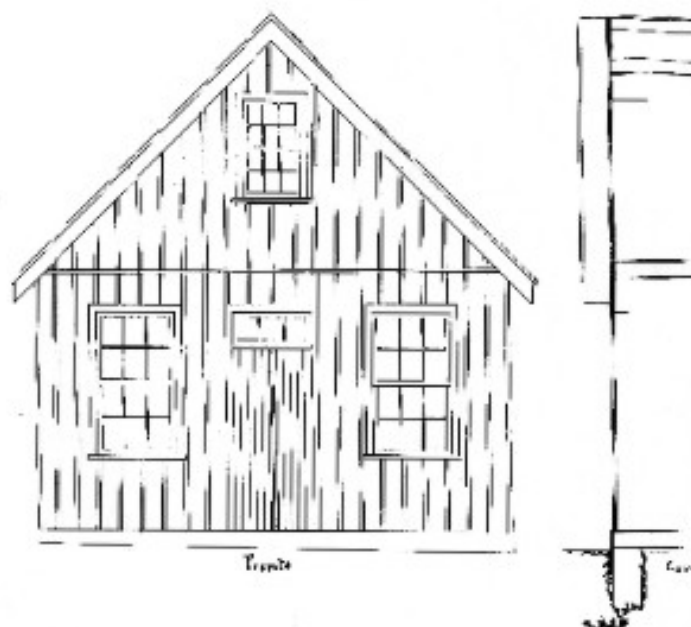
F016/23
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1923
 Prop. - Benedito de Souza
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



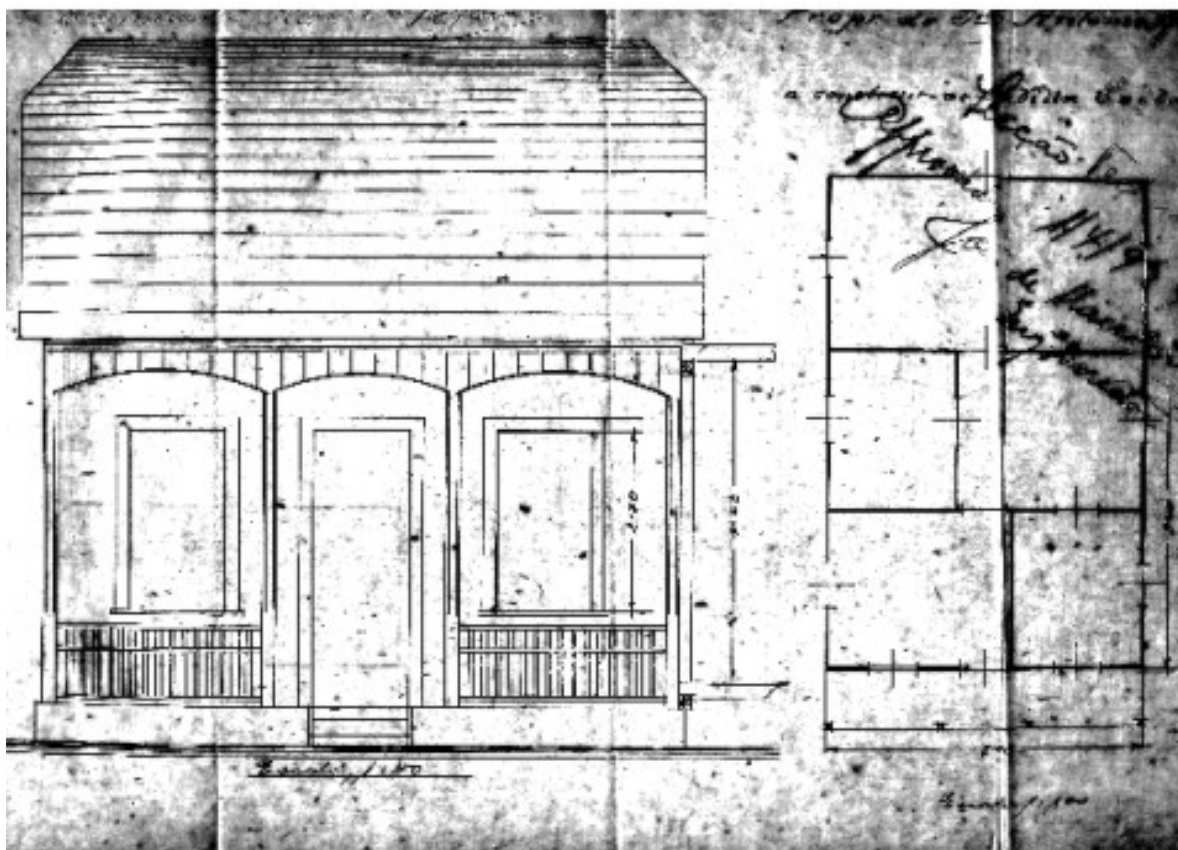
PONTA GROSSA 2007

*Rua B. Taques**Rua Martin*

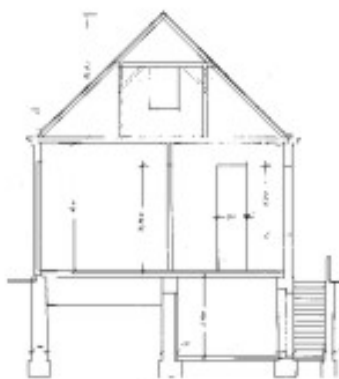
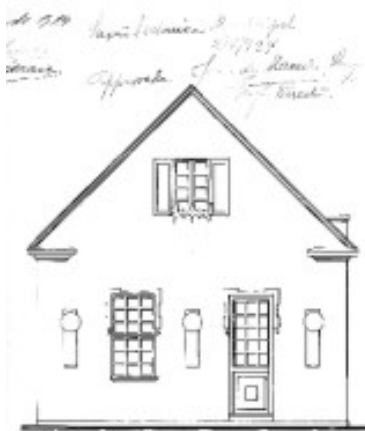
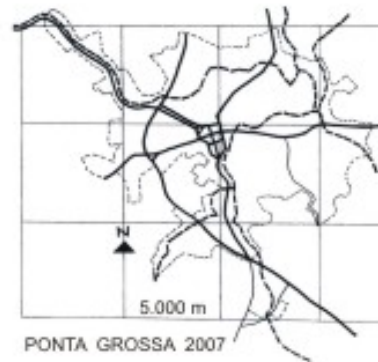
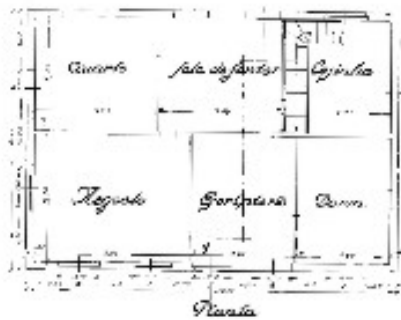
F017/24
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1924
 Prop. - sem nome 1
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - típica casa da imigração



F018/24
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1924
 Prop. - sem nome 2
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - típica implantação longitudinal

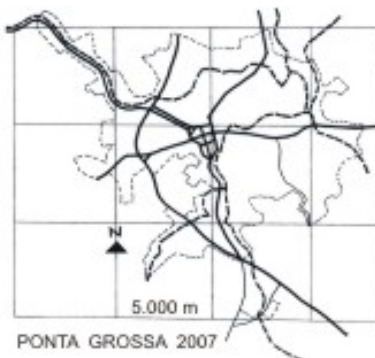


F019/24
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1924
 Prop. - Antonio Medeiros
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



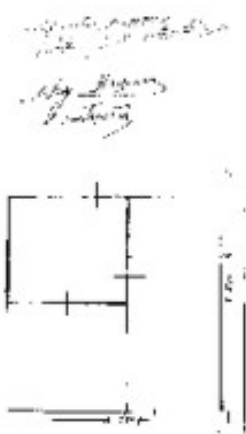
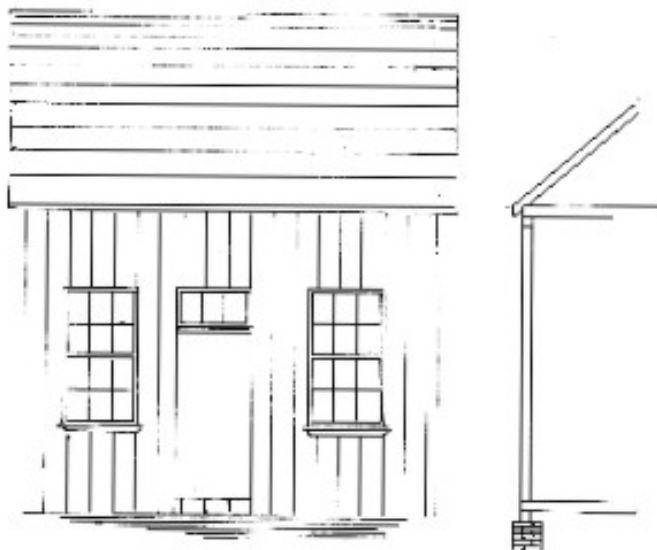
Corte a-b

F020/24
 Casa de madeira mista
 Ano de construção - 1924
 Prop. - Augusto Cavagnari Sobrinho
 Uso residencial e comercial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - Características de transição da
 implantação colonial e do chalé eclético

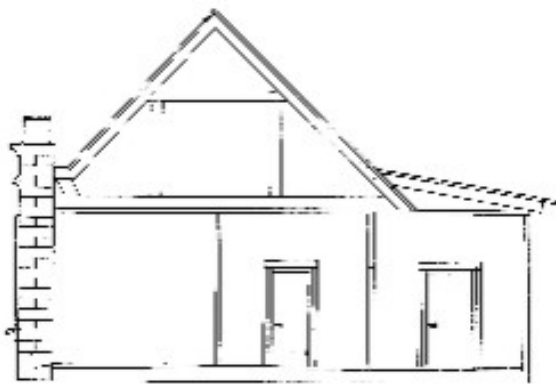


*Segundo Plano Municipal
Aprovado em 14/12/2007
Projeto de Urbanização
Loteamento 13*

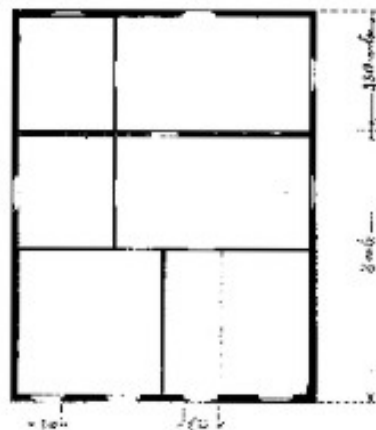
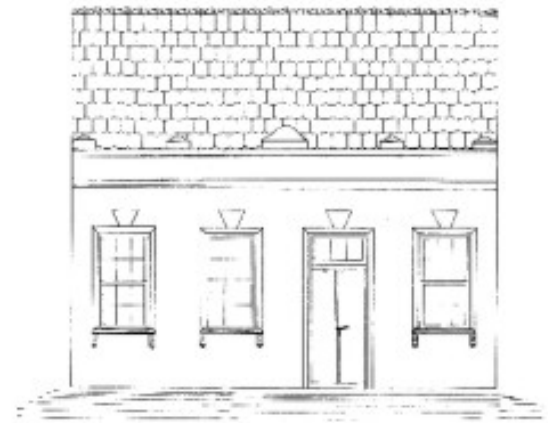
Bo. 150



F021/24
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1924
 Prop. - Manoel Portela
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - típica implantação transversal



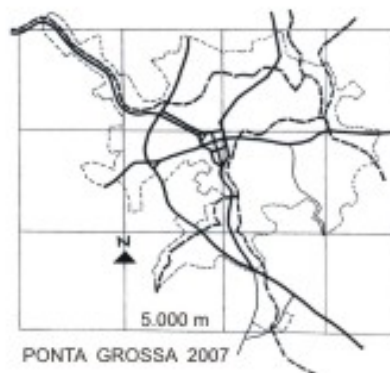
Ese. 100



Frente 3.ª. int.

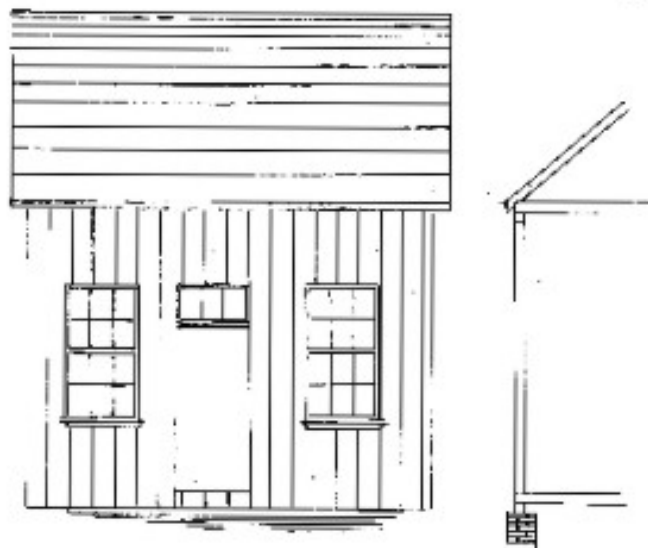
Ese. 1:100

F022/24
 Casa de madeira mista
 Ano de construção - 1924
 Prop. - Miguel Wosnairoski
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - típica implantação transversal



Legião Urbana - Municipal
 Aprovado: 2.8.724
 Proprietário: João Carlos Souza
 Eng.º: [illegible]

Lucas



Planta 1:20000
 Planta 2:1:20000
 [illegible]



F023/24
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1924
 Prop. - sem nome 3
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



F024/25
Casa de madeira
Ano de construção - 1925
Prop. - Francisco Zelinski
Uso residencial
Fonte: prefeitura/2006



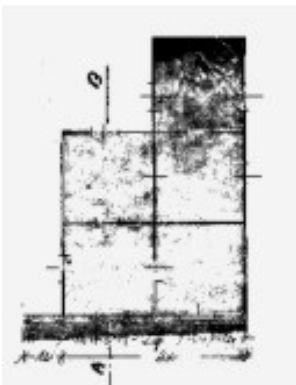
Arquiteto Paulo Botka, arquiteto em Curitiba

PLANTA DE UMA CASA
 a construir-se na rua: R. Schamber
 proprio do Sr. Paulo Botka
 Contorno da Igreja de 1165
 em Curitiba
 construtor

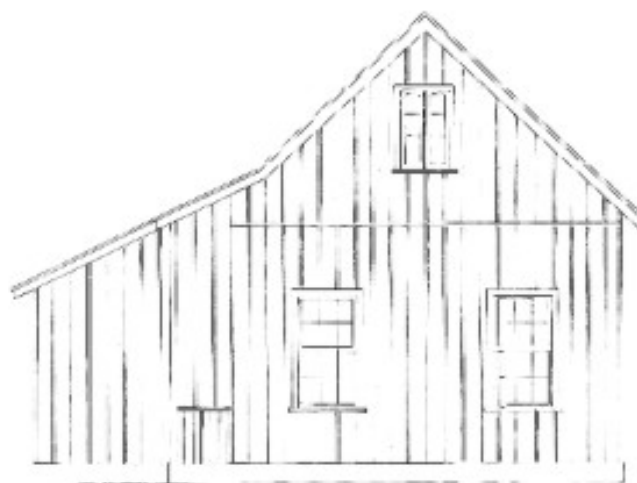
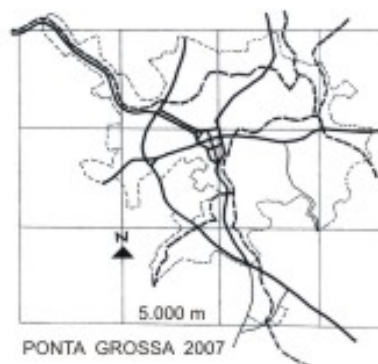


Apresentada em 1925

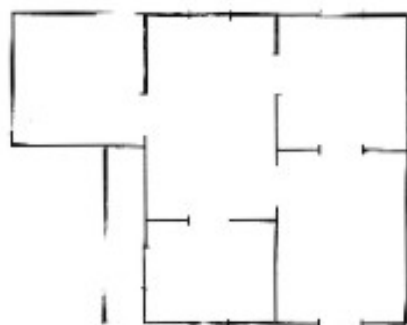
Esc. 1: 50



F025/25
 Casa de madeira mista
 Ano de construção - 1925
 Prop. - Paulo Botka
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - fachada eclética em
 alvenaria e construção em
 madeira



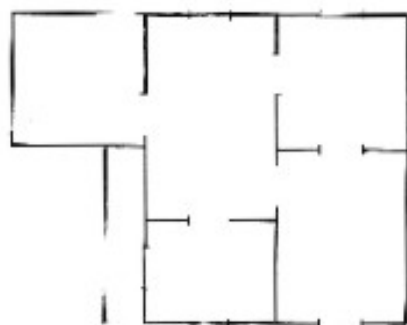
Escalas (frontal 1:50
lateral 1:100



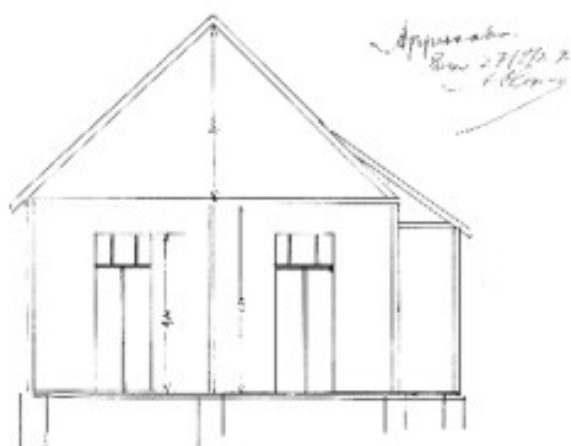
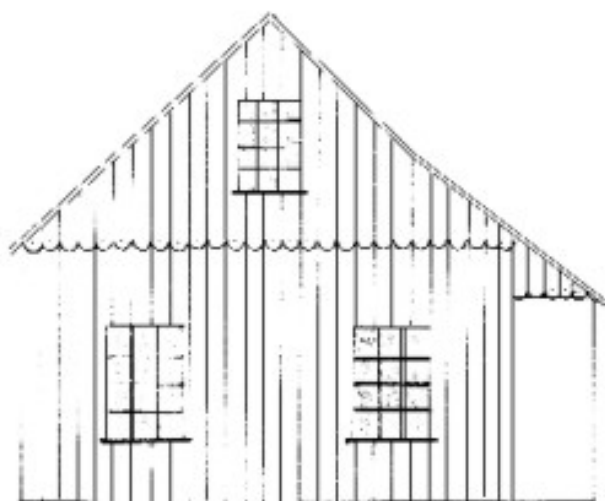
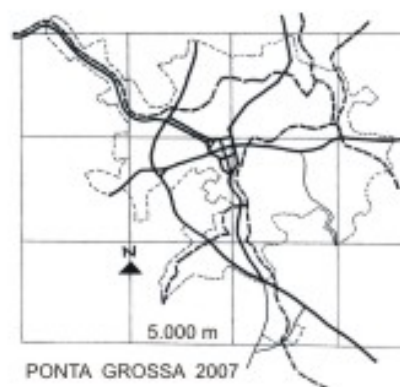
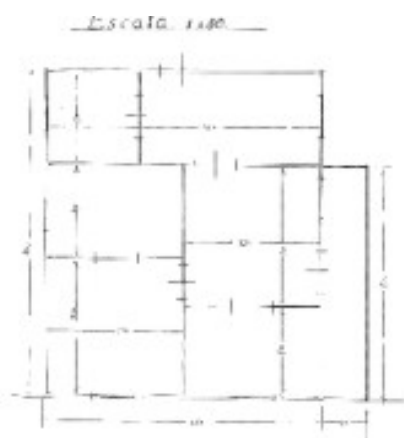
F026/27
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1927
 Prop. - Cepestriano Cabrini
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



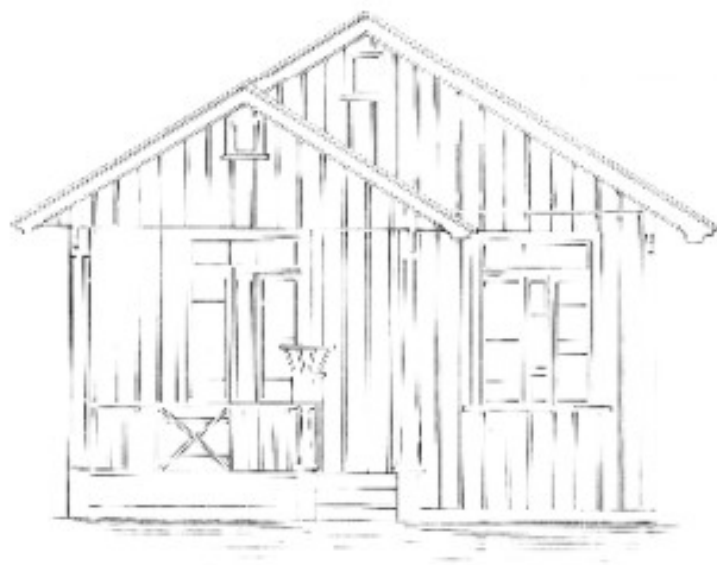
Escalas (fronte 1:50
lanta 1:100



F026/27
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1927
 Prop. - Cepestriano Cabrini
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



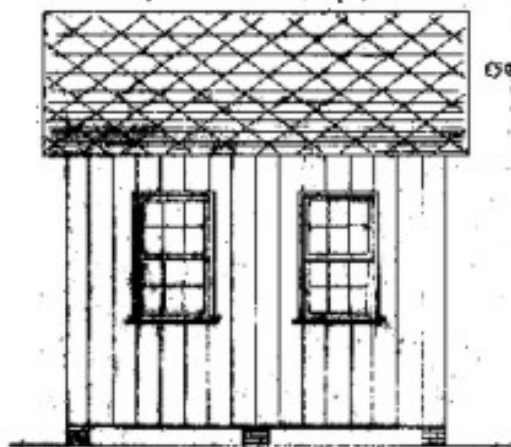
F027/27
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1927
 Prop. - Ernesto Migliorini
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



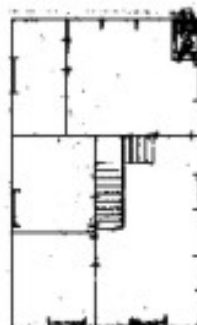
F028/27
Casa de madeira
Ano de construção - 1927
Prop. - Thomaz Martins
Uso residencial
Fonte: prefeitura/2006



PROJECTO DE UMA CASA
PARA SER CONSTRUIDA NO
TERRENO DA PROPRIETARIA
DE HIPOLITA NUNES DE OLIVEIRA
A RUA DOS OPERARIOS

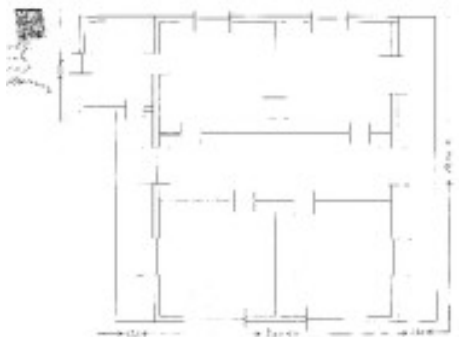
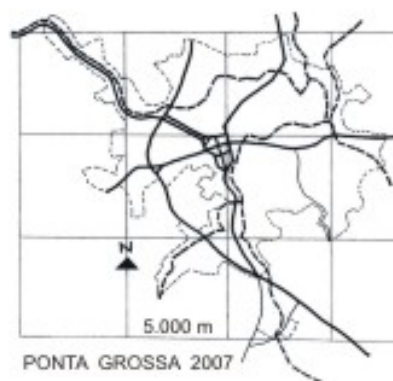


CASA (FRENTE) 4m
LARGURA 4m



*Arquiteto
Hipólito Nunes de Oliveira
(Proj. Arquitet. 1927)*

F029/27
Casa de madeira
Ano de construção - 1927
Prop. - Hipólita de Oliveira
Uso residencial
Fonte: prefeitura/2006



F030/27
 Casa de madeira mista
 Ano de construção - 1927
 Prop. - Jacob Ratzer
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - fachada eclética



PONTA GROSSA 2007



Projecto

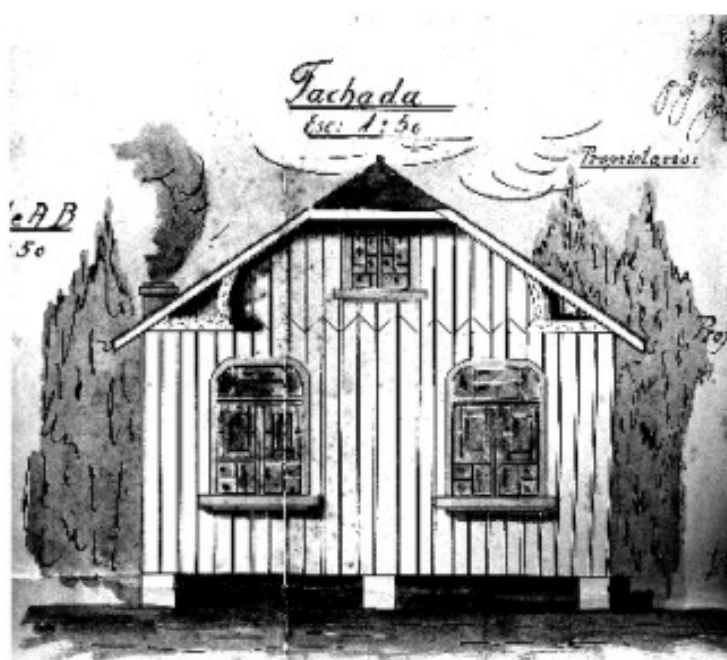
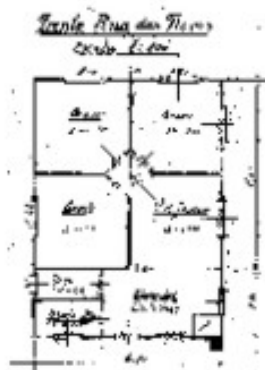
de uma casa de madeira
para ser construida na rua
Eng. Schamber Propriedade
de Sr. Luiz Goncalves

Planta

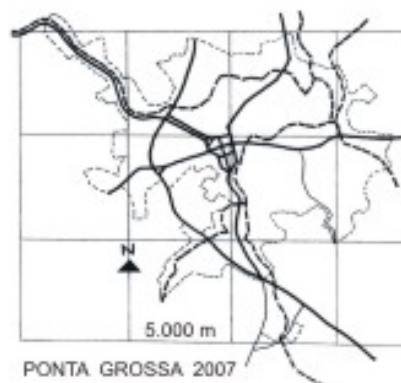
Escala 1:50



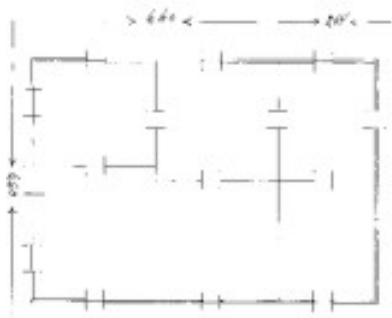
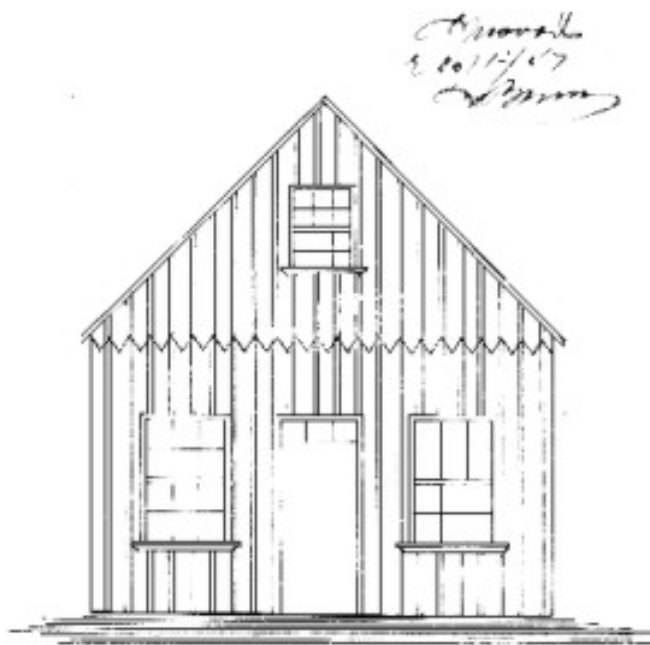
F031/27
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1927
 Prop. - Luis Gonçaves
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



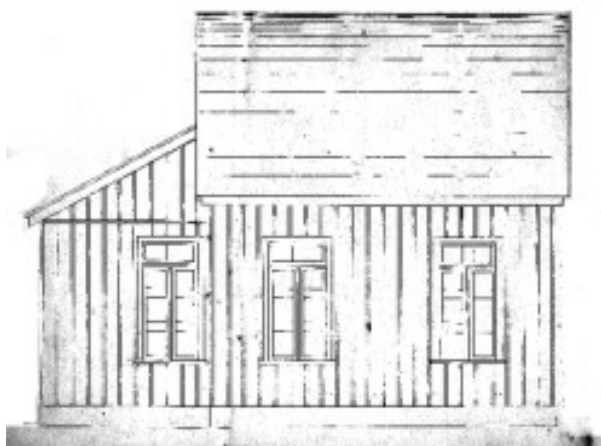
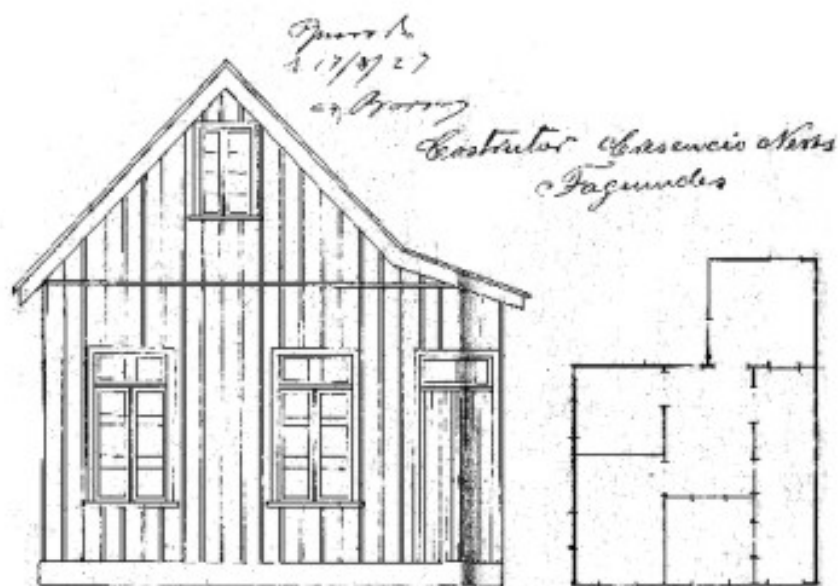
F032/27
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1927
 Proprietário - João Frare
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - típico chalé de madeira



F033/27
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1927
 Prop. - Pedro Taran
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



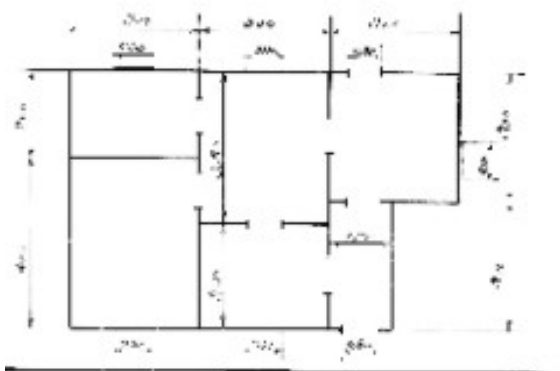
F034/27
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1927
 Prop. - João Pecher
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



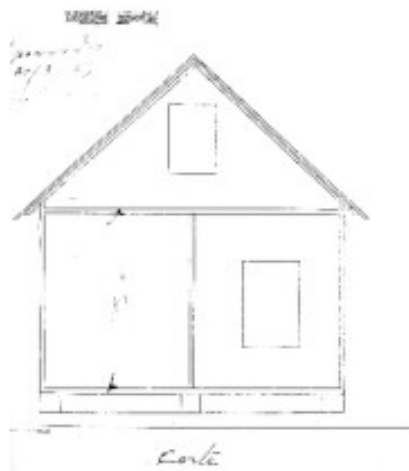
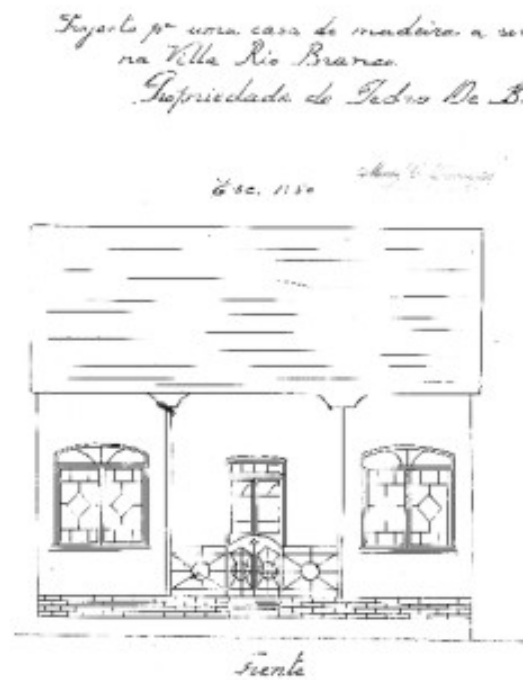
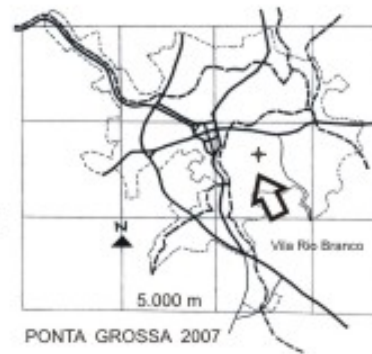
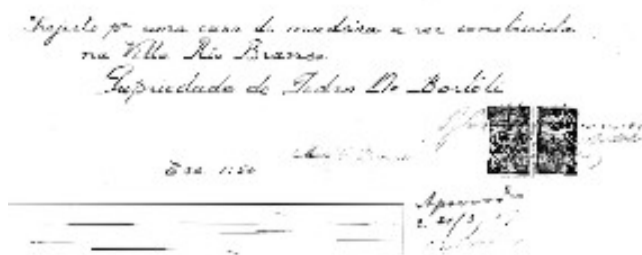
F036/27
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1927
 Prop. - João Paula Jr.
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



PONTA GROSSA 2007

Escala 1:100Escala 1:100

F037/27
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1927
 Prop. - Maria Ricetti
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



F038/27
Casa de madeira
Ano de construção - 1927
Prop. - Pedro de Bortolo
Uso residencial
Fonte: prefeitura/2006

LEVANTAMENTO DE PROJETOS DE CASAS DE MADEIRA
APROVADOS NA PREFEITURA DE PONTA GROSSA NA DÉCADA DE 1930



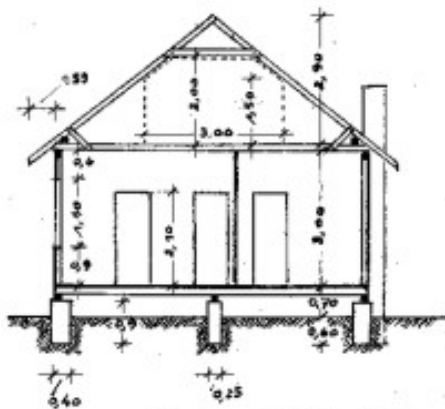
Planta



PONTA GROSSA 2007



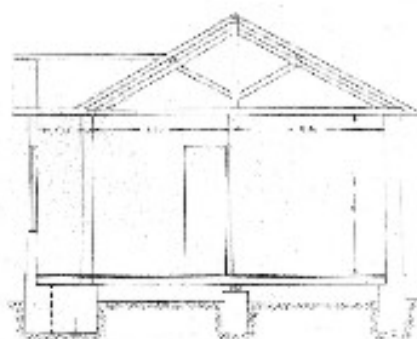
Fachada 1:50



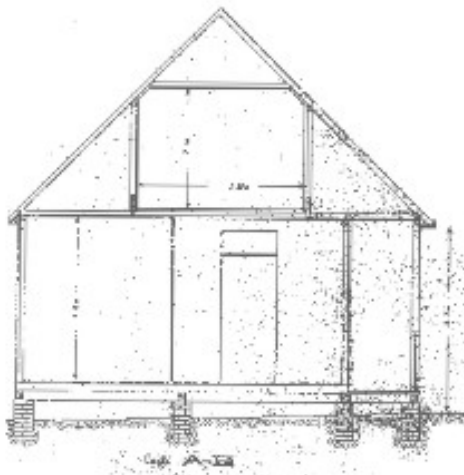
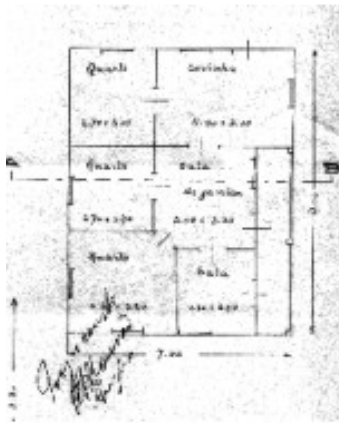
Corte A-B 1:100

010-1-6934

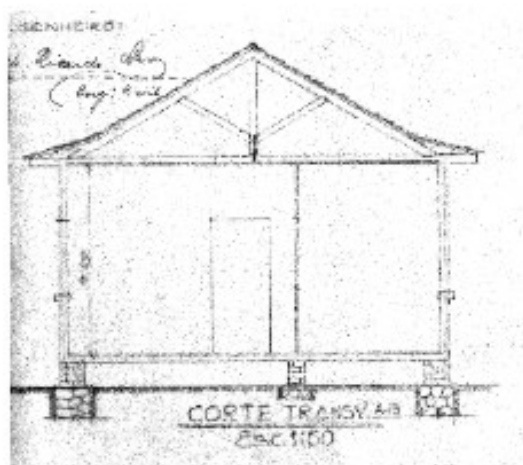
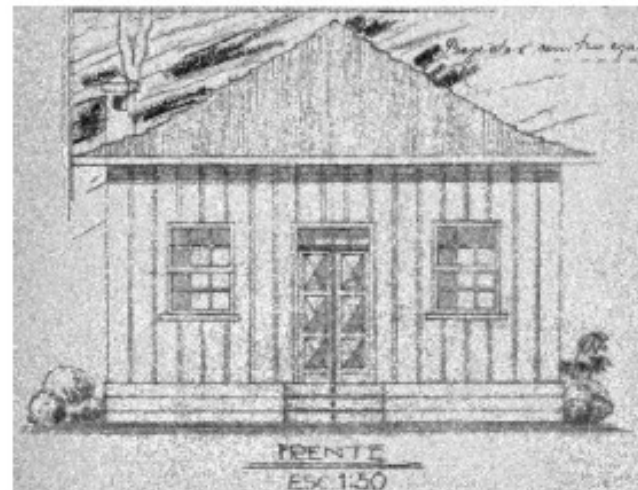
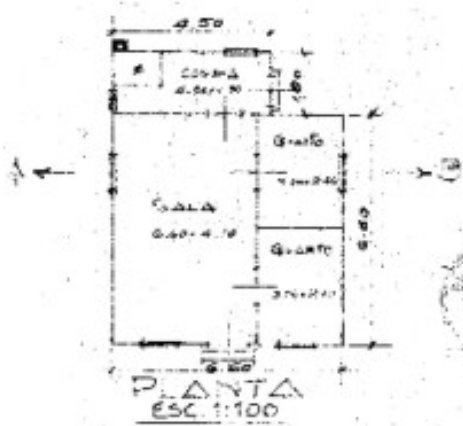
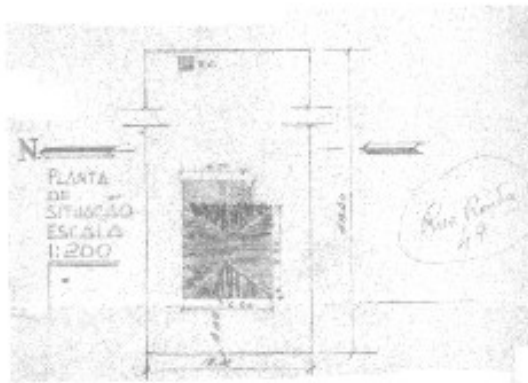
F001/34
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1934
 Prop. - Theophilo Brehol
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



F002/37
Casa de madeira mista
Ano de construção - 1937
Prop. - Agenor Veiga
Uso residencial
Fonte: prefeitura/2006
Obs. - típico bangalô



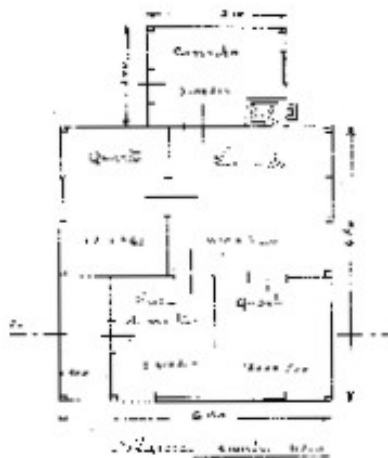
F003/37
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1937
 Prop. - Antonio Jablonski
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - típica casa do imigrante urbano



F004/37
Casa de madeira
Ano de construção - 1937
Prop. - H. Stadler
Uso residencial
Fonte: prefeitura/2006



PONTA GROSSA 2007



DE CASA DE MADEIRA
TOCARIO
MELINO DE LEÃO

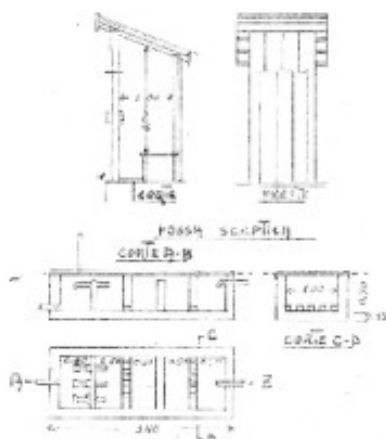


PROJETO PARA CONSTRUÇÃO
PARA DE IGNÊS
RUA ERIP

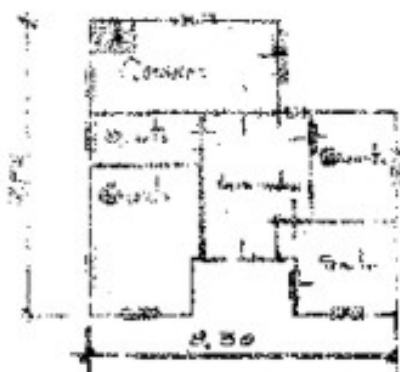
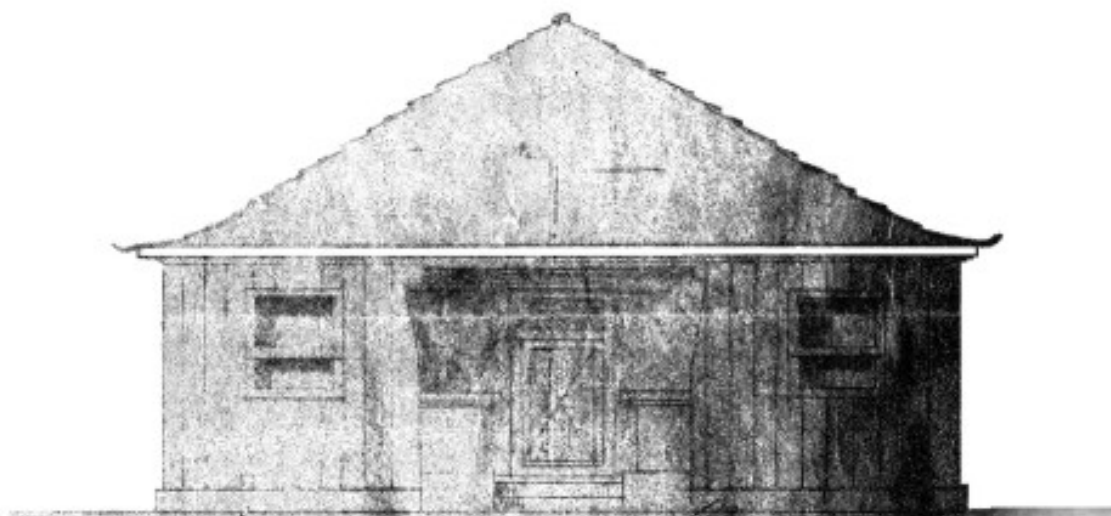
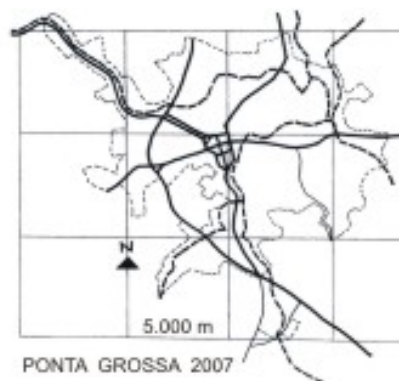


Handwritten notes:
 Projeto para construção de casa de madeira para a Srta. Ignês Tocaio.
 Valor do terreno R\$ 2.000,00
 Valor da obra R\$ 1.000,00
 Valor total R\$ 3.000,00
 37. Tocaio de

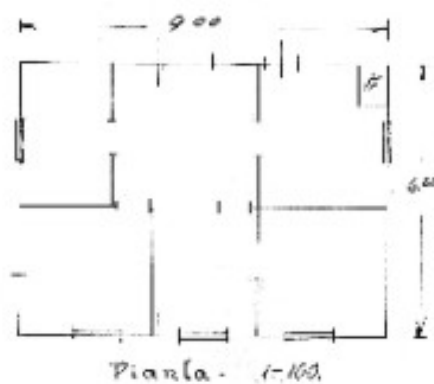
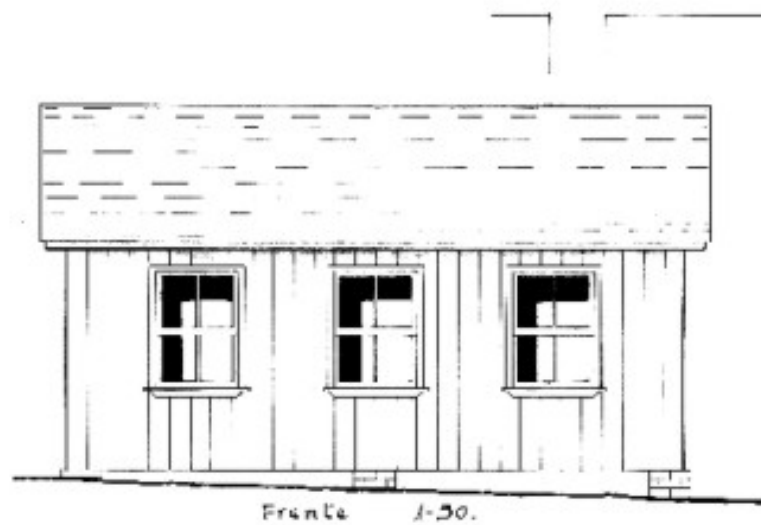
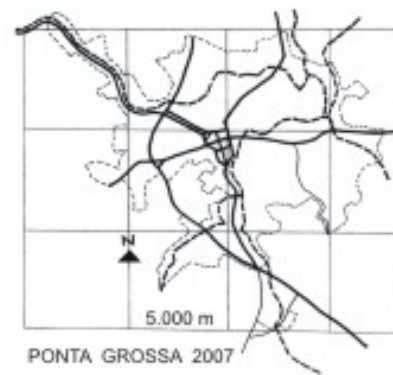
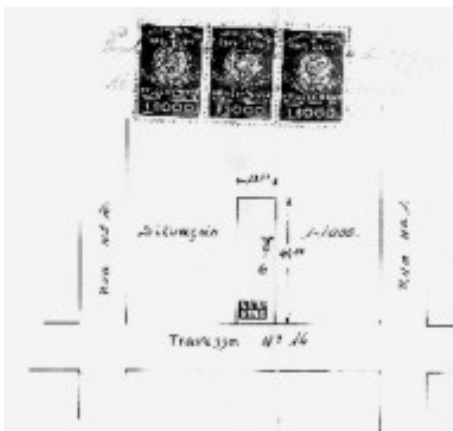
detalhamento da estrutura



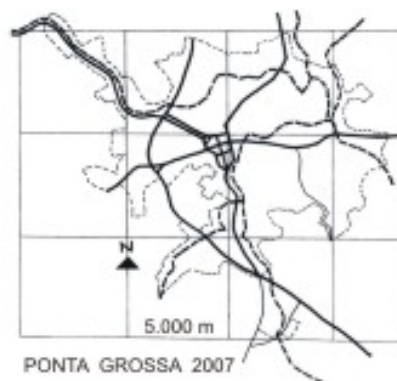
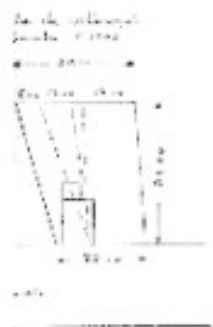
F004/37
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1937
 Prop. - Inês Tocaio (2)
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



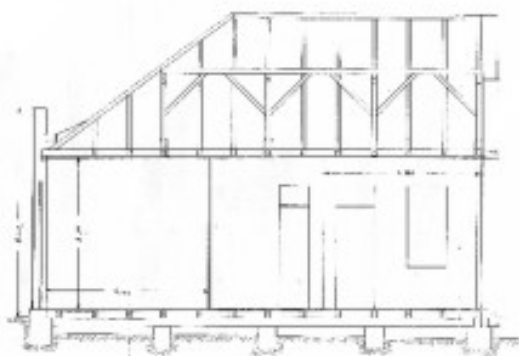
F006/37
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1937
 Prop. - João Bueno
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs.



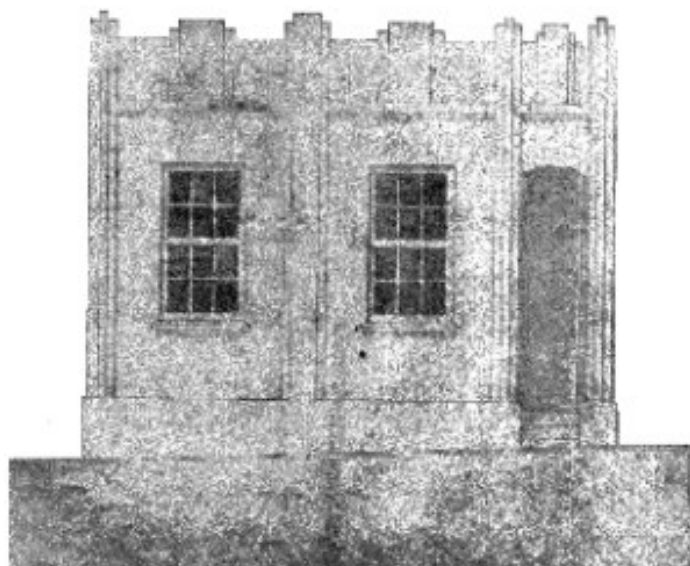
F007/37
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1937
 Prop. - Maria Antunes
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



Ponta Grossa
Viz
Março de 1937



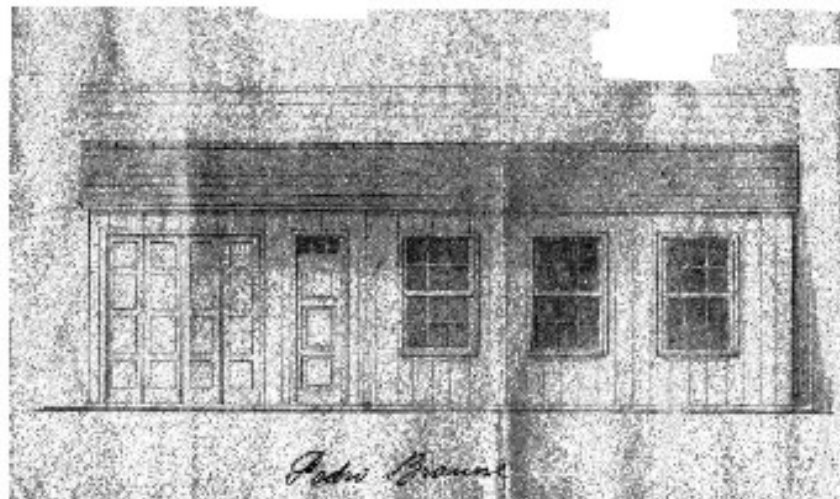
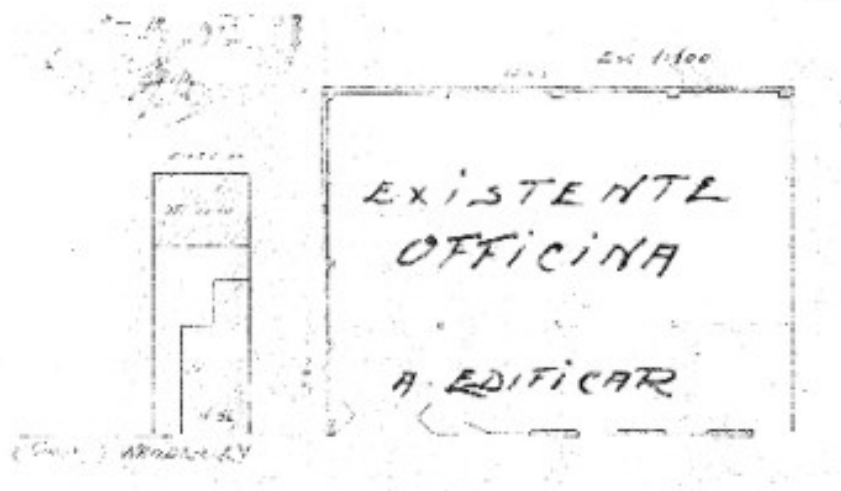
F008/37
Casa de madeira mista
Ano de construção - 1937
Prop. - Neji Barbosa
Uso residencial
Fonte: prefeitura/2006
Obs. - fachada eclética



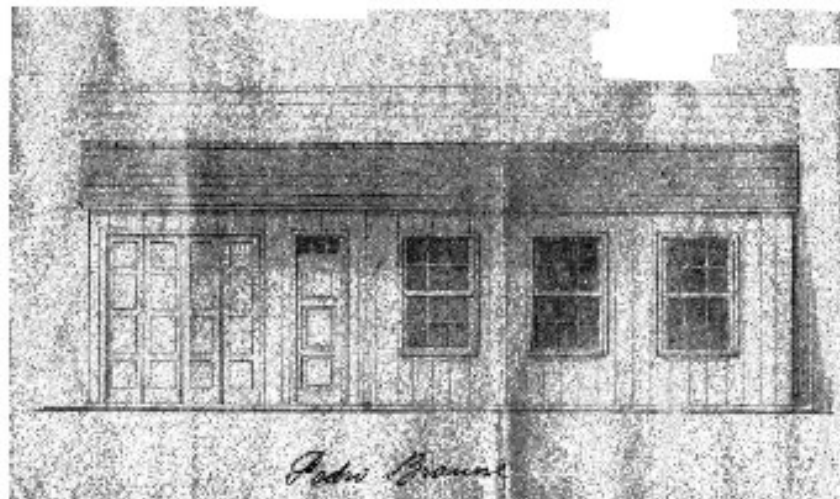
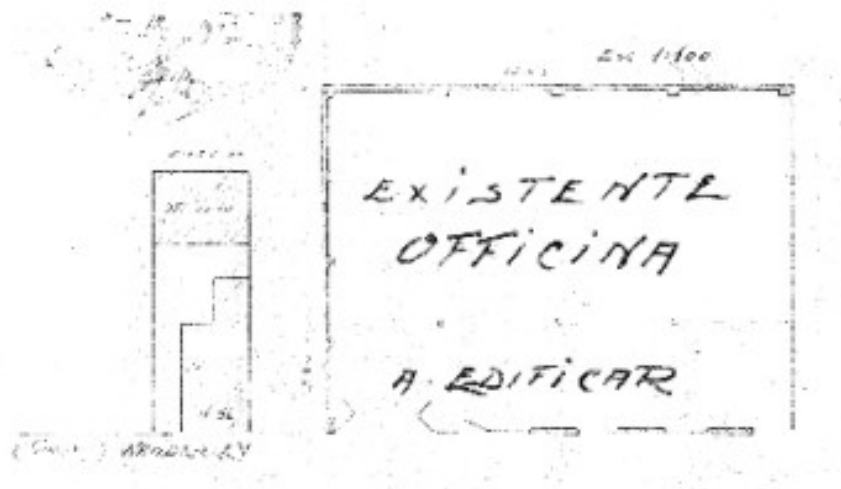
F009/37
 Casa de madeira mista
 Ano de construção - 1937
 Prop. - Odonei Rocha
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - fachada eclética



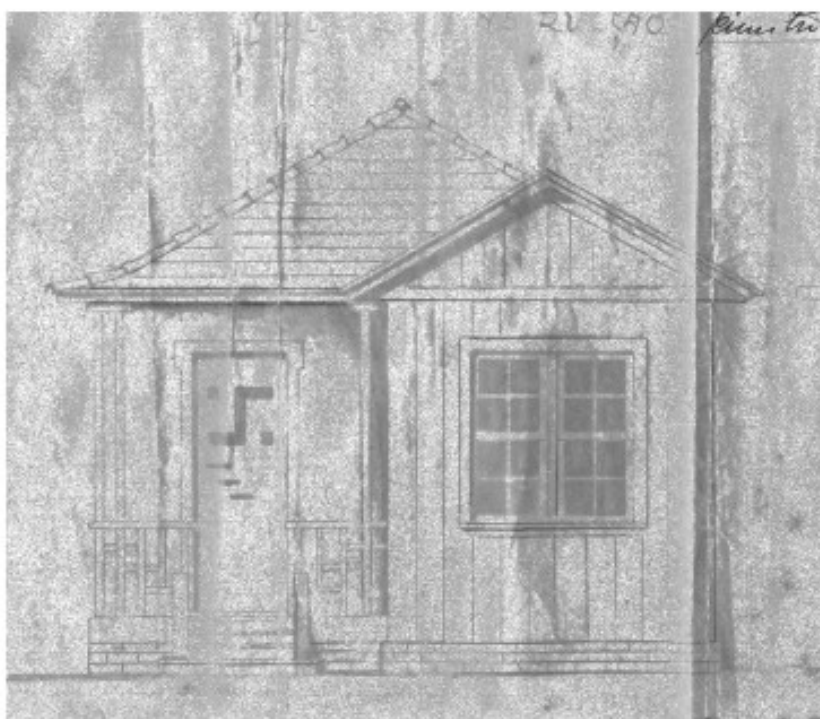
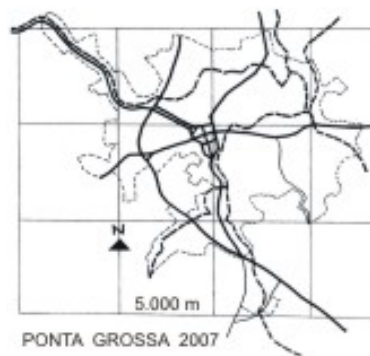
PONTA GROSSA 2007



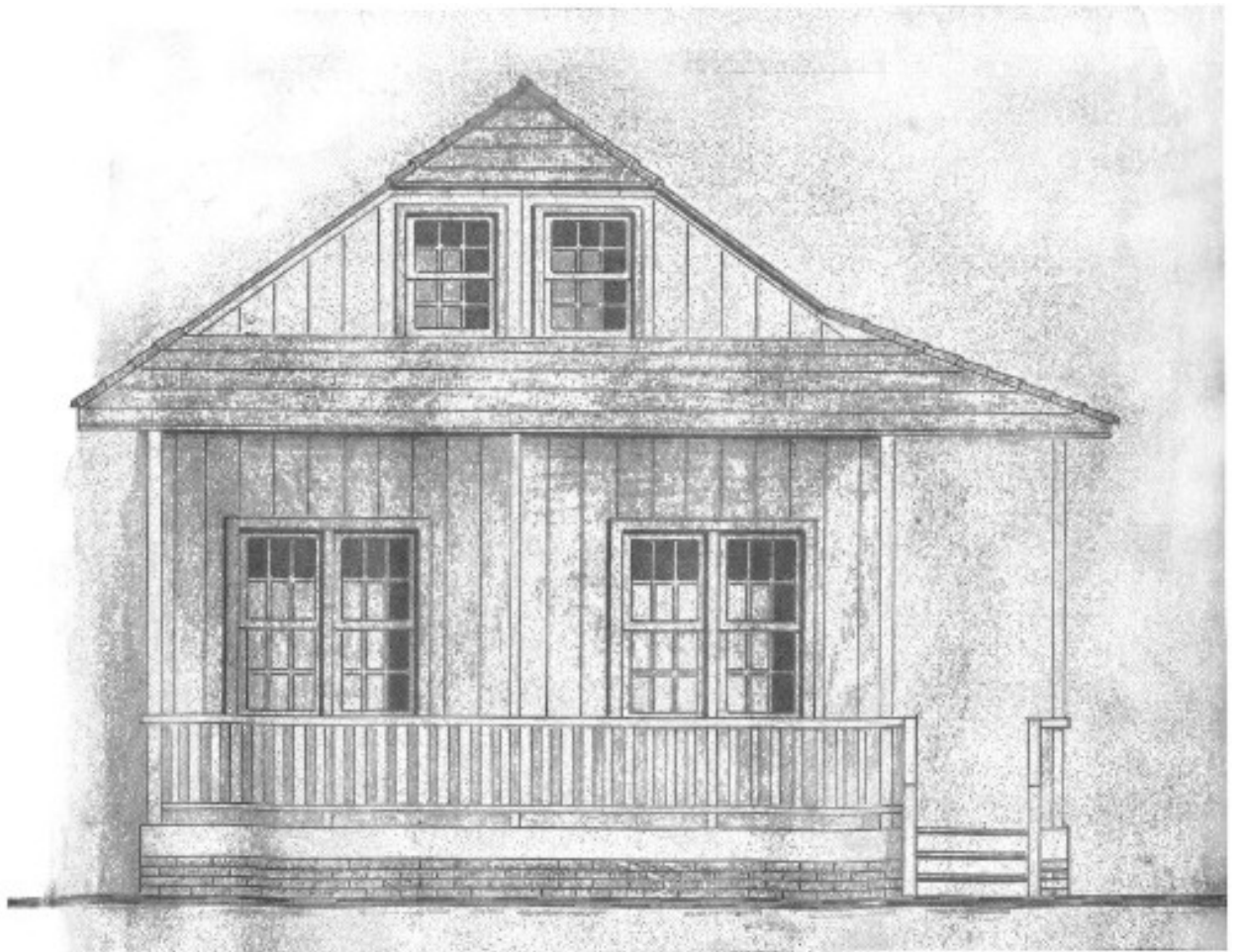
F010/37
 Oficina em madeira
 Ano de construção - 1937
 Prop. - Pedro Braune
 Uso comercial
 Fonte: prefeitura/2006



F010/37
 Oficina em madeira
 Ano de construção - 1937
 Prop. - Pedro Braune
 Uso comercial
 Fonte: prefeitura/2006



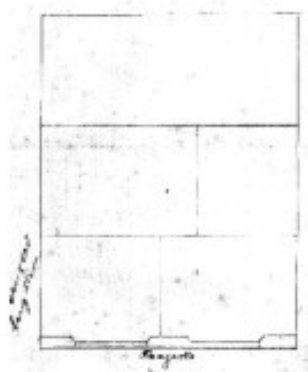
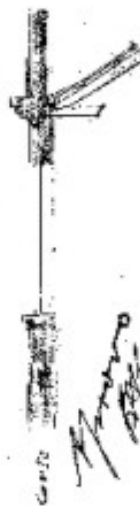
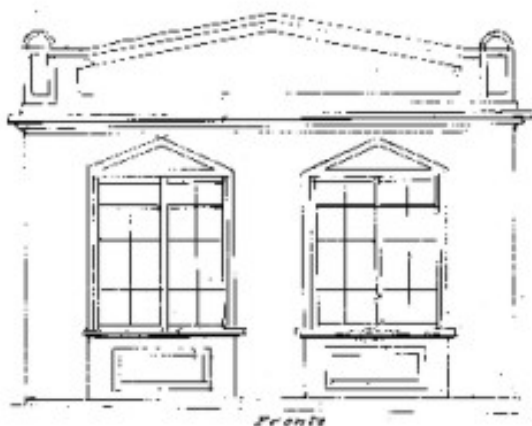
F011/37
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1937
 Prop. - Reinaldo Silveira
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - típico bangalô



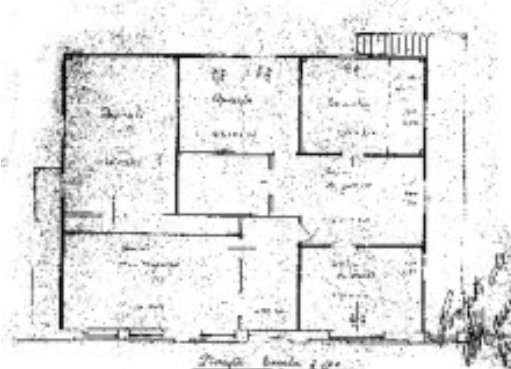
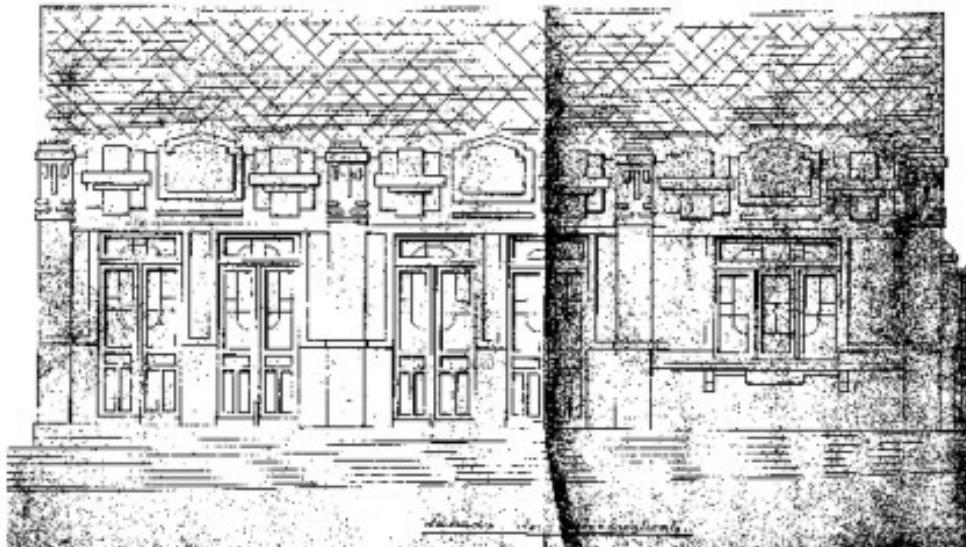
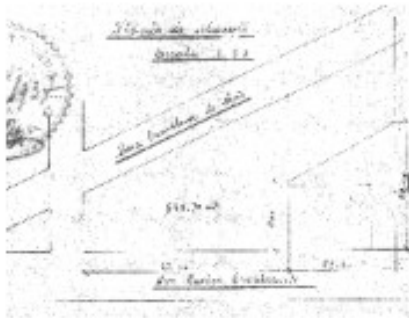
F012/37 - parte A
Casa de madeira
Ano de construção - 1937
Prop. - Ricardo Jeny
Uso residencial
Fonte: prefeitura/2006
Obs. - típica casa do imigrante urbano



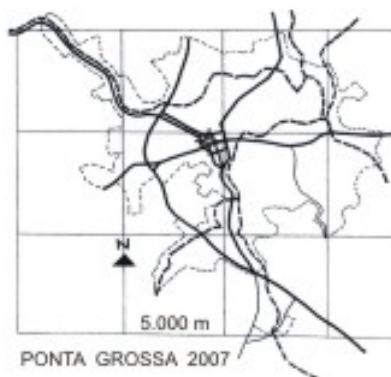
Escala 1:50



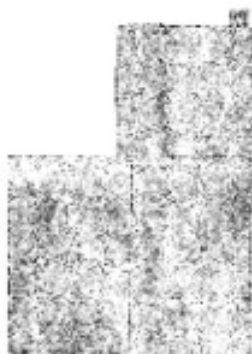
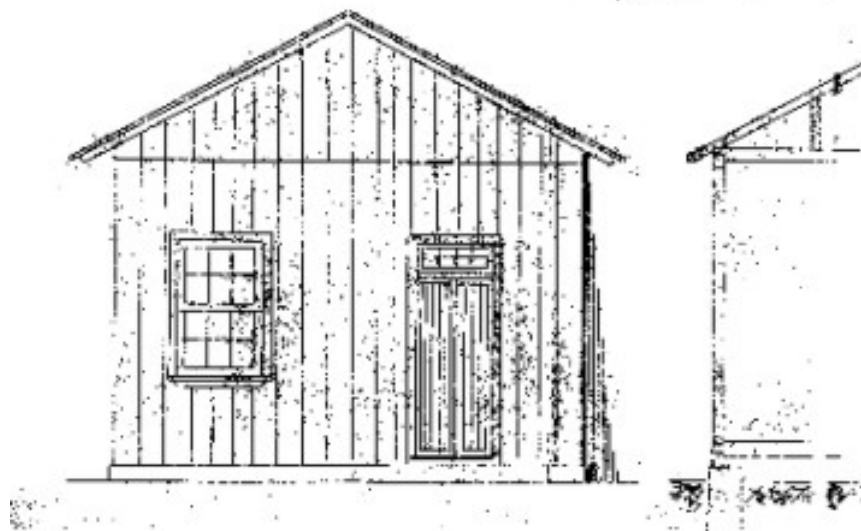
F014/37
 Casa de madeira mista
 Ano de construção - 1937
 Prop. - sem nome 2
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - fachada eclética



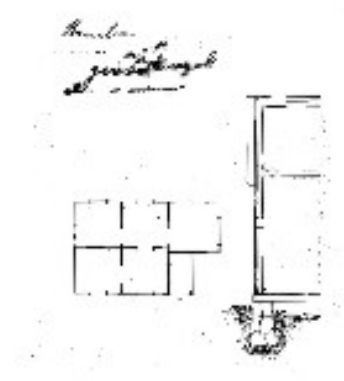
F015/37
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1937
 Prop. - Tufi Ayub
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - fachada eclética



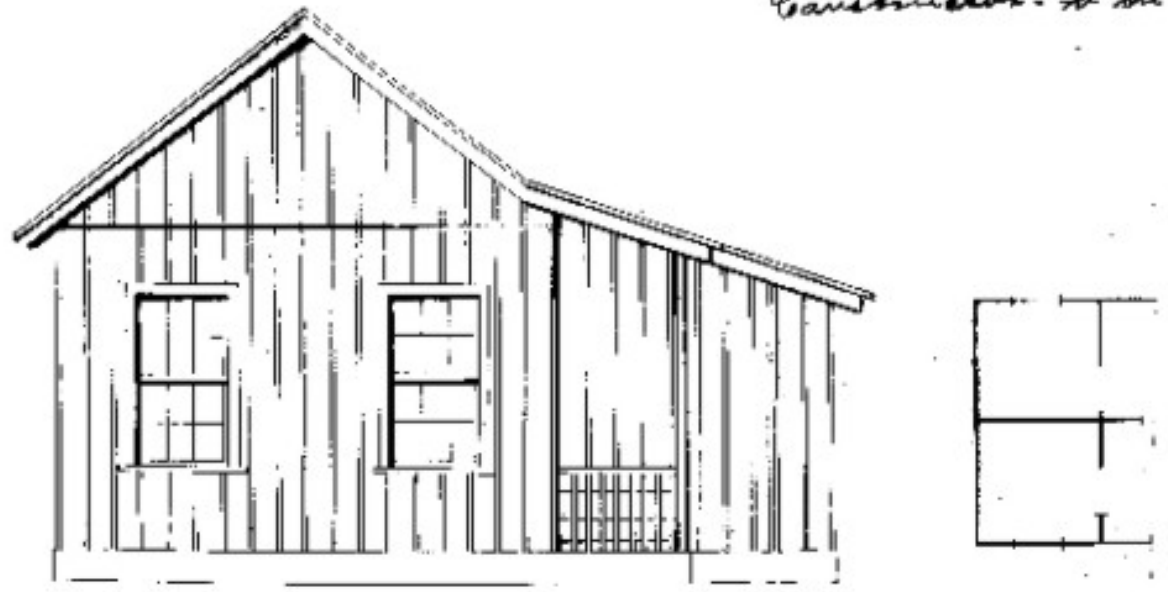
CASA PARA A S^{RA} ZENÓBIA FERREIRA
 PROJ. E CONSTRUÇÃO: *Francisco de Paula de Almeida*
Arquiteto



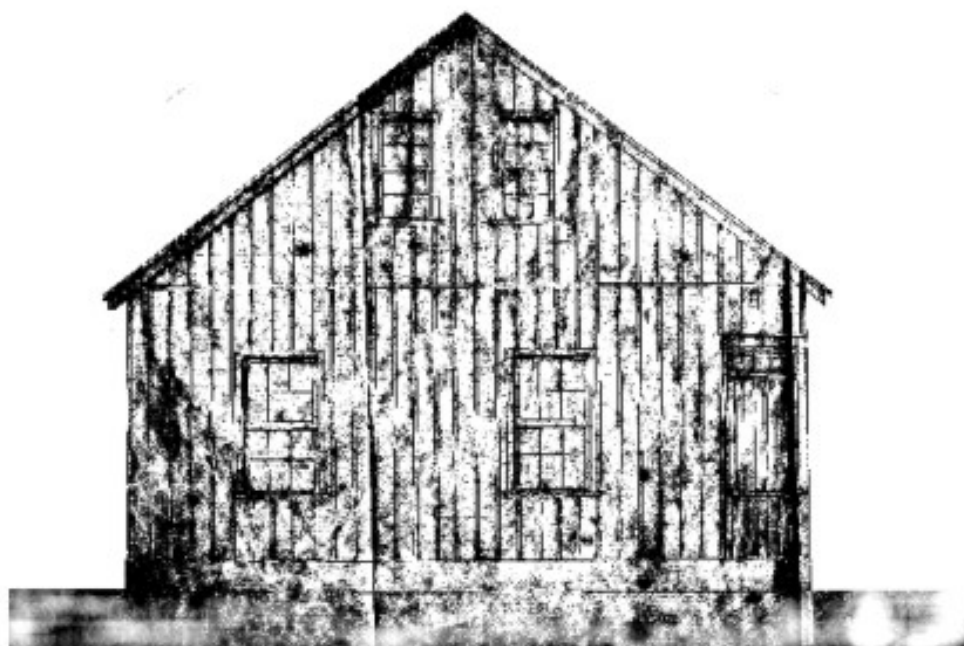
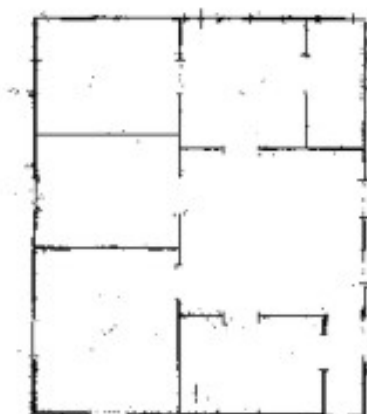
F017/37
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1937
 Prop. - Zenóbia Ferreira
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



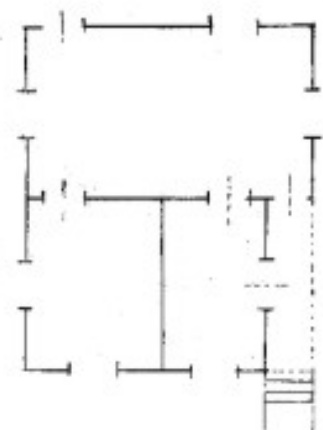
Projeto de uma casa na rua Ronda
 Escalas { Frente 14m
 Lado 80
 Planta 1:100
 Rua - - - - -
 Proprietário José Pastivazak
 Construtor - - - - -



F017/38
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1938
 Proprietário - José Pastivazak
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



F018/38
Casa de madeira
Ano de construção - 1938
Prop. - Leão Federmann
Uso residencial
Fonte: prefeitura/2006
Obs. - típica planta longitudinal
com sótão e varanda - ocorre em
toda a cidade



Vista de lado



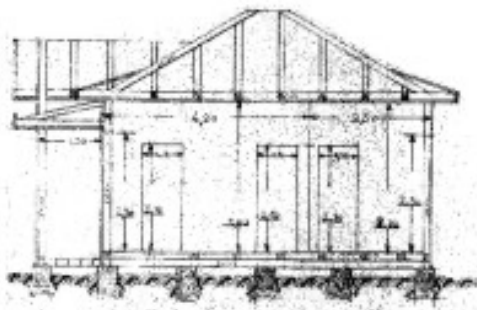
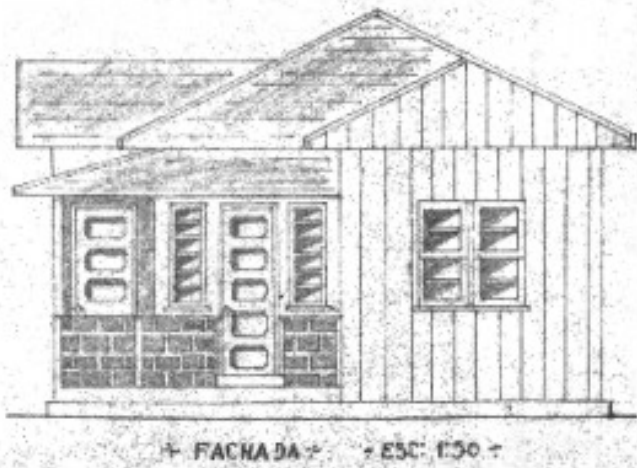
Vista de frente



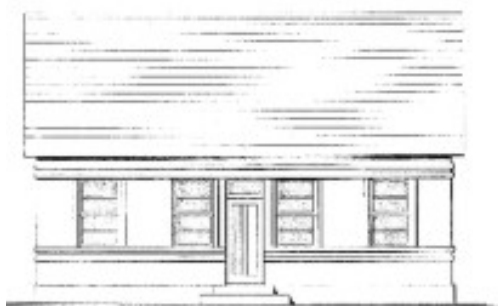
*Projeto
de uma Casa de Madeira
para ser construída na Vila Anna Rita
proprietária de Manoel Wambier*

F019/39
Casa de madeira
Ano de construção - 1939
Prop. - Manoel Wambier
Uso residencial
Fonte: prefeitura/2006

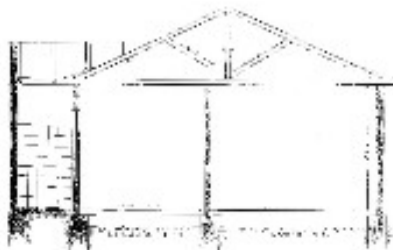
**LEVANTAMENTO DE PROJETOS DE CASAS DE MADEIRA
APROVADOS NA PREFEITURA DE PONTA GROSSA NA DÉCADA DE 1940**



F001/46
Casa de madeira
Ano de construção - 1946
Prop. - Albino Kostrzevitz
Uso residencial
Fonte: prefeitura/2006

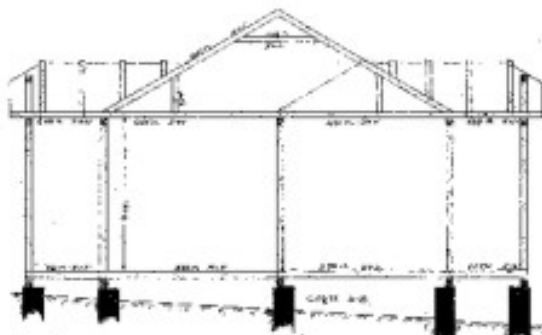
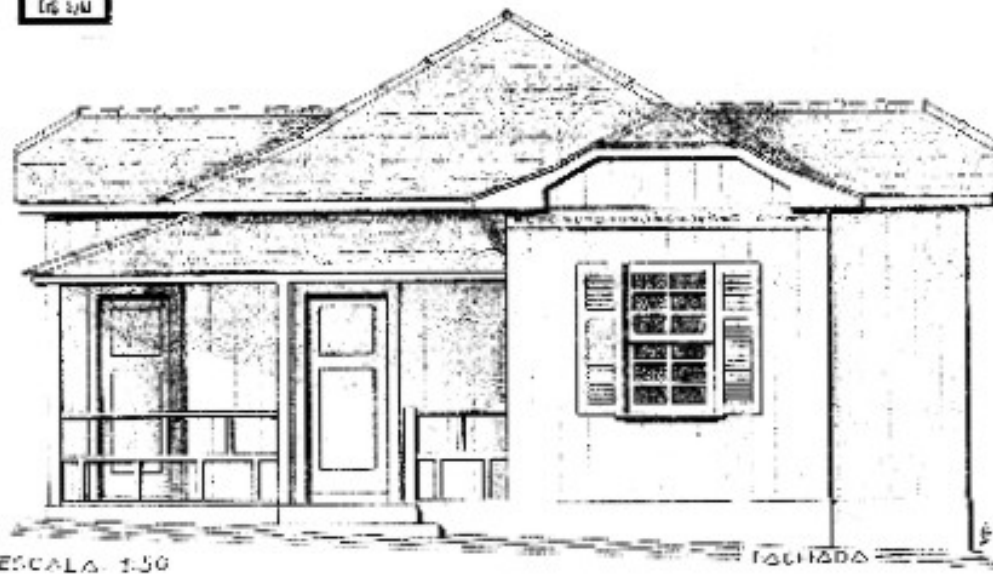


F002/46
 Casa de madeira mista
 Ano de construção - 1946
 Prop. - Alberto Borcezzi
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs.- Típico chalé com sótão

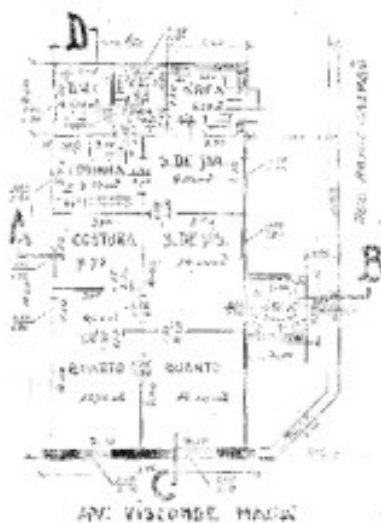


F003/46
 Casa de madeira mista
 Ano de construção - 1946
 Prop. - Alfredo Jansen
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs.- Típico bangalô

PROJETO DE UMA CASA



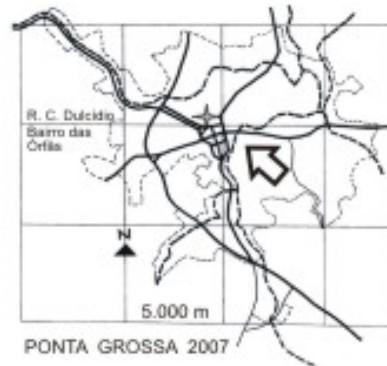
F004/46
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1946
 Prop. - Claudio Hass
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs.- Bangalô



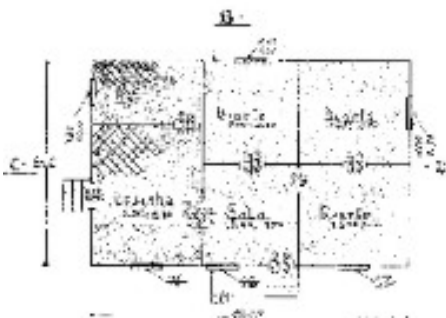
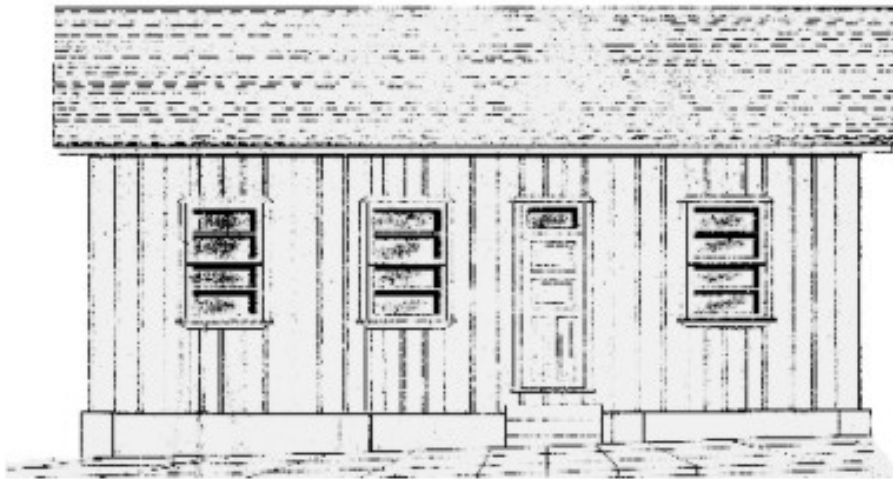
F005/46 - parte B
 Casa de madeira mista
 Ano de construção - 1946
 Prop. - Ernesto Casagrande
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



F005/46 - parte A
 Casa de madeira mista
 Ano de construção - 1946
 Prop. - Ernesto Casagrande
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - fachada neocolonial e
 pórtico lateral típico



**CASA DE MADEIRA A SER CONSTRUIDA
 NA RUA Cel. DULCIDIO-VILA ORFANS
 PARA O Sr. GILBERTO MARÇAL**



PLANTA ESC. 1:100

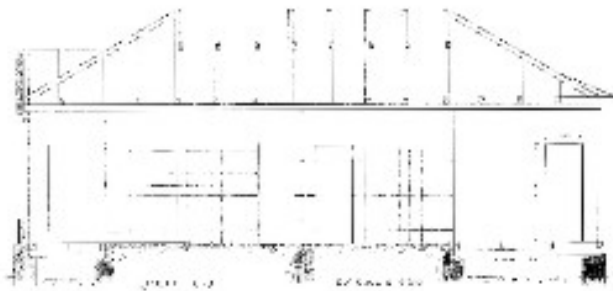
F006/46
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1946
 Prop. - Gilberto Marçal
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



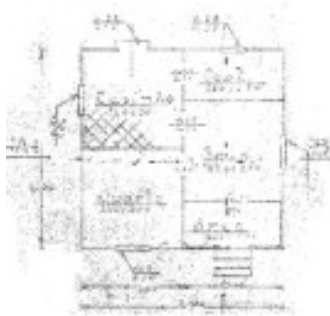
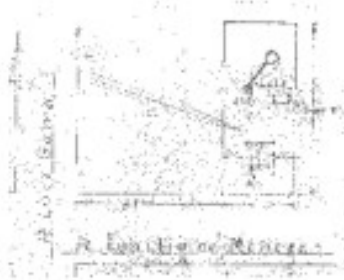
PONTA GROSSA 2007



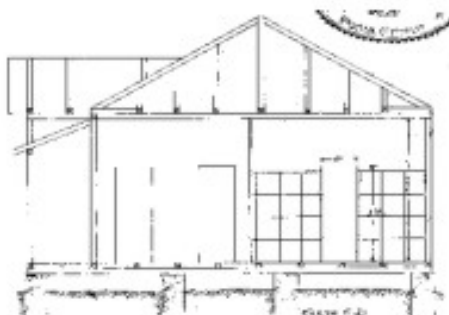
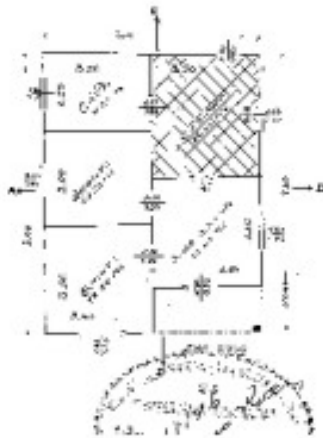
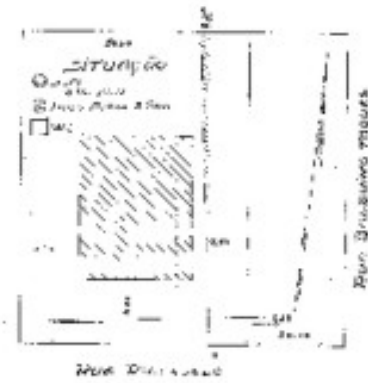
CASA DE REFERÊNCIA DA ESCOLA



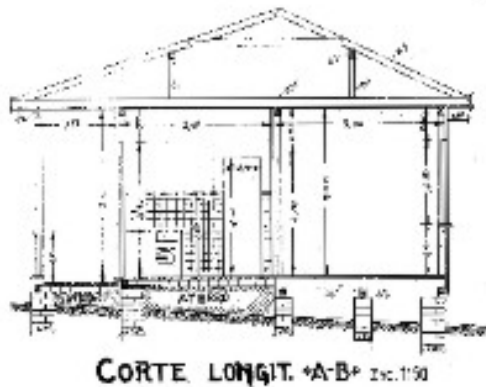
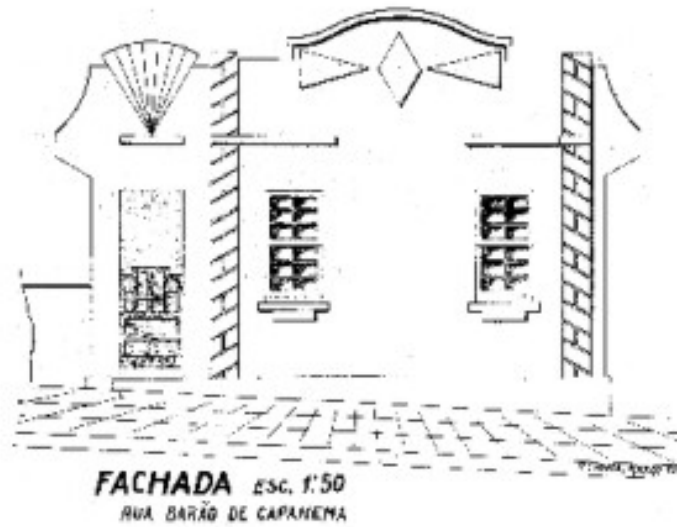
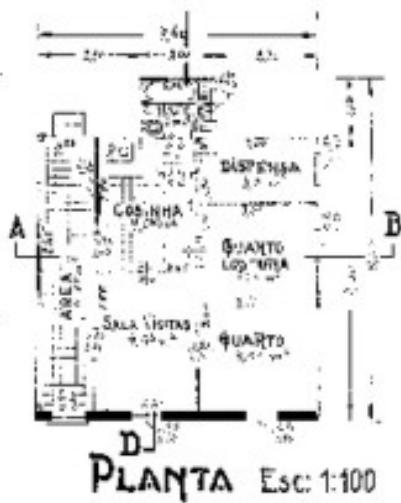
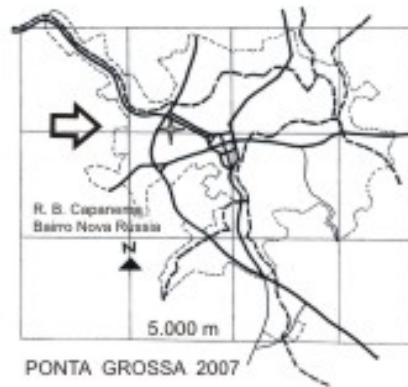
F007/46
 Casa de madeira mista
 Ano de construção - 1946
 Prop. - Henrique Breckman
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



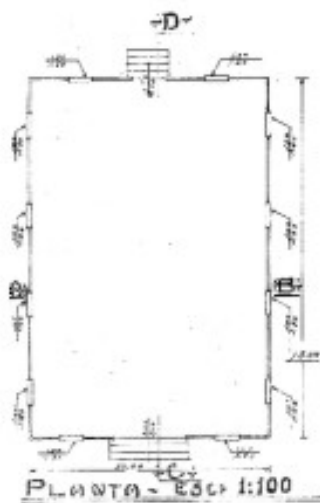
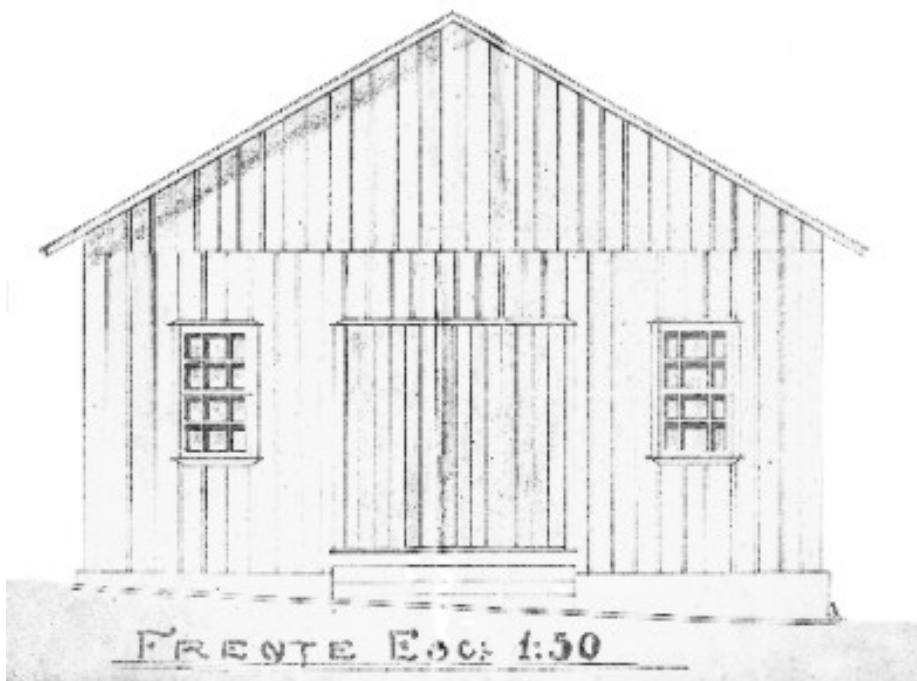
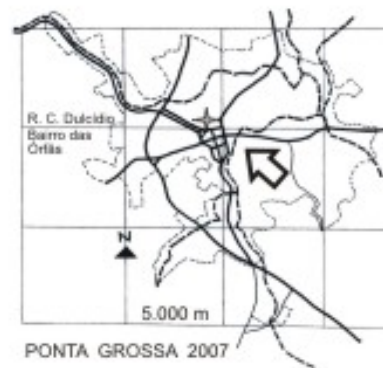
F008/46
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1946
 Prop. - João Chiergate
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



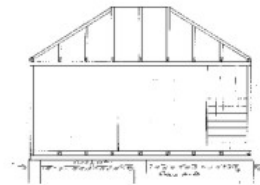
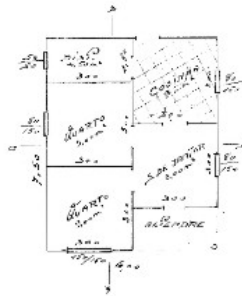
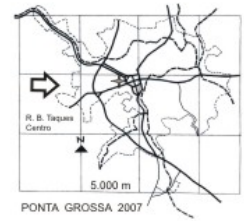
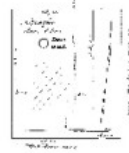
F008/46
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1946
 Prop. - João Krechinski
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs.- Típico bangalô com planta bicameral



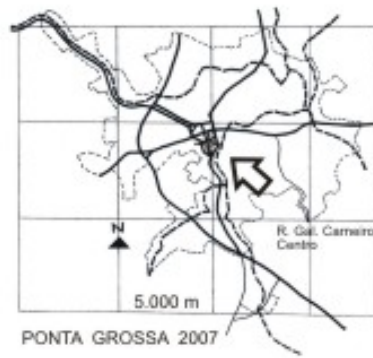
F010/46
 Casa de madeira mista
 Ano de construção - 1946
 Prop. - João Podolan
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



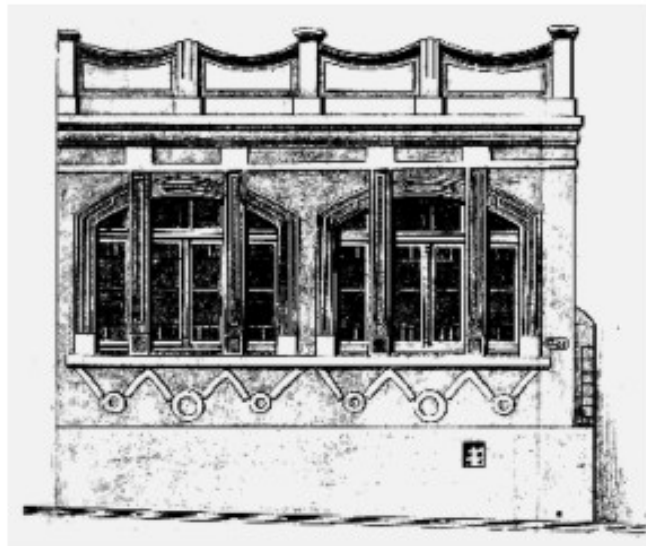
F011/46
Barracão de madeira
Ano de construção - 1946
Prop. - Lourenço Cristiano
Uso comercial
Fonte: prefeitura/2006
Obs.-



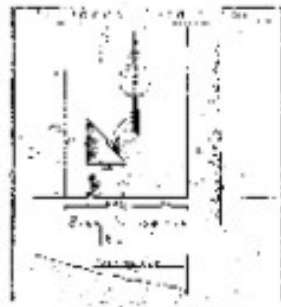
F012/46
Casa de madeira
Ano de construção - 1946
Prop. - Pedro Alquati
Uso residencial
Fonte: prefeitura/2006



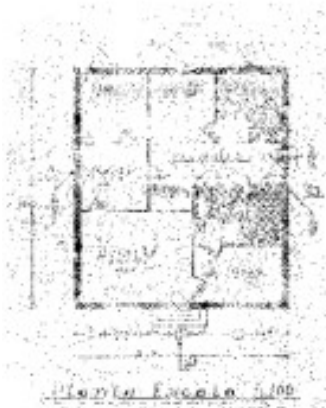
PONTA GROSSA 2007



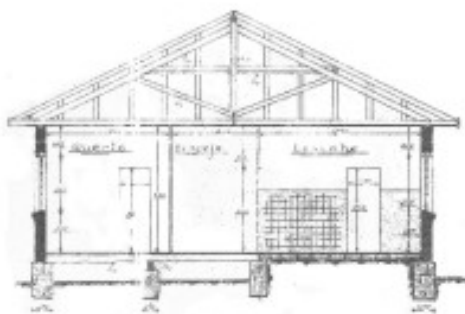
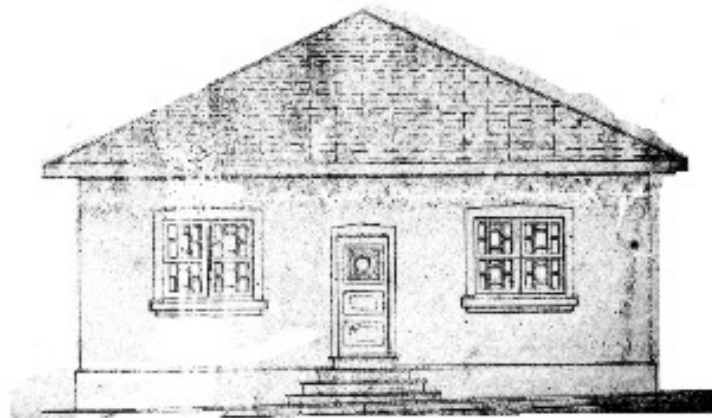
F013/46
 Casa de madeira mista
 Ano de construção - 1946
 Prop. - Vicente Lacerda
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs.- Fachada eclética



PONTA GROSSA 2007

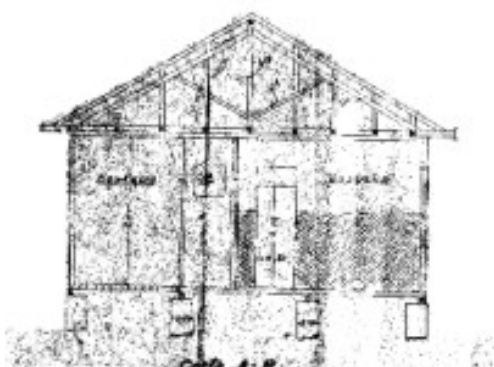
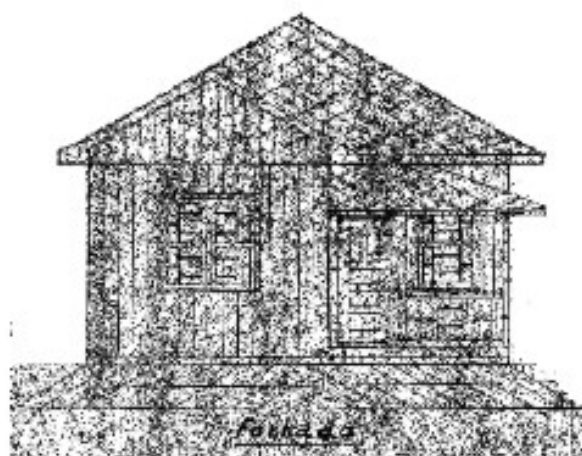
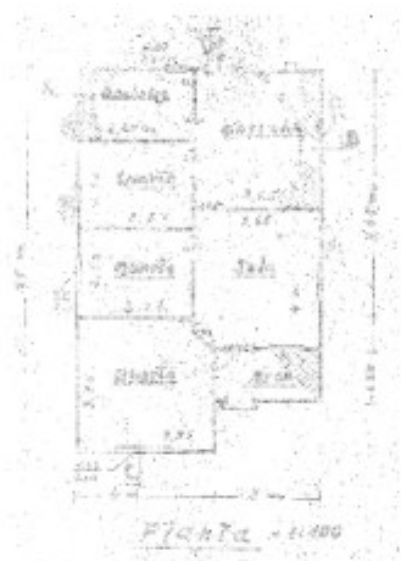


Planta Escala 1:100



Corte A-B Escala 1:50

F014/46
 Casa de madeira mista
 Ano de construção - 1946
 Prop. - Waldemar Hoffmann
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



F015/49
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1949
 Prop. - domínio público
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - casa padrão R da prefeitura

**LEVANTAMENTO DE PROJETOS DE CASAS DE MADEIRA
APROVADOS NA PREFEITURA DE PONTA GROSSA NA DÉCADA DE 1950**

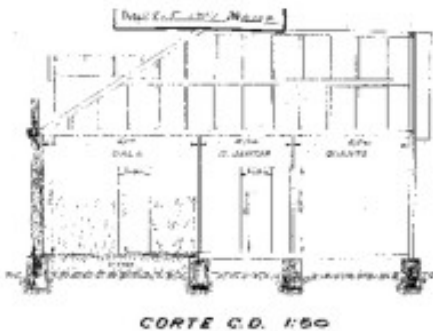
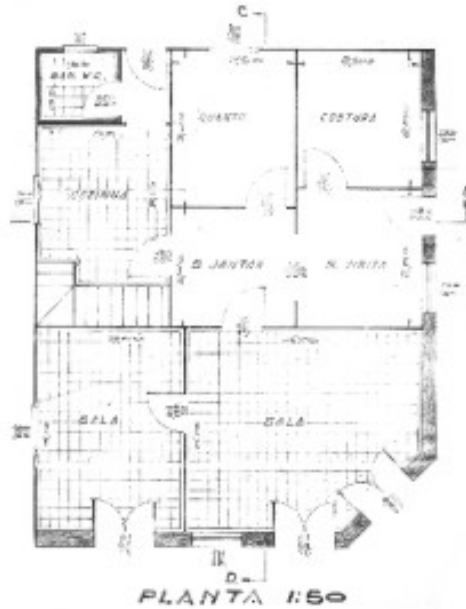
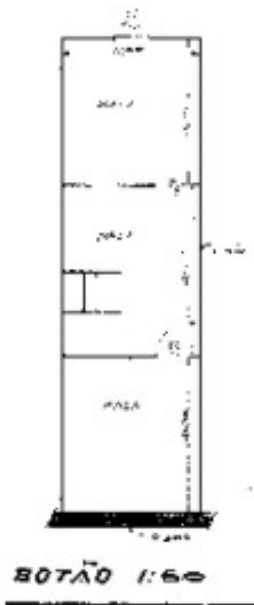


FACHADA FRONTAL 1:50

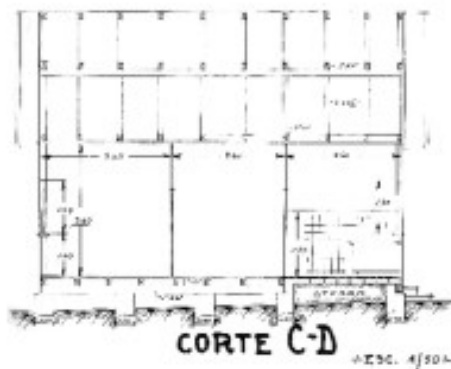
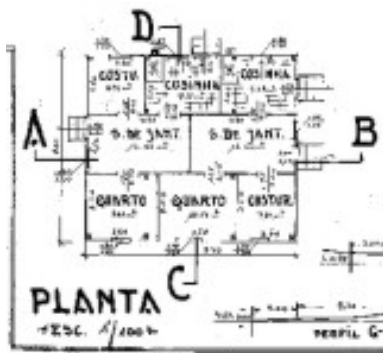


FACHADA LATERAL 1:50

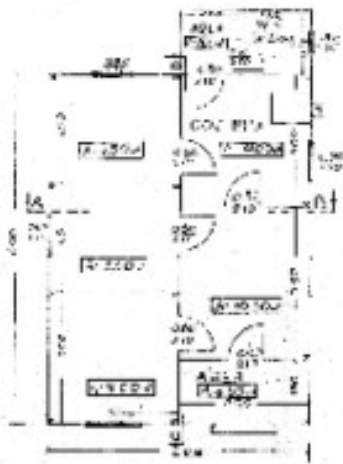
F001/51- parte 1
Casa de madeira mista
Ano de construção - 1951
Prop. - Manoel M. Oliveira
Uso residencial e comercial
Fonte: prefeitura/2006
Obs. - típico comércio de
esquina de bairro



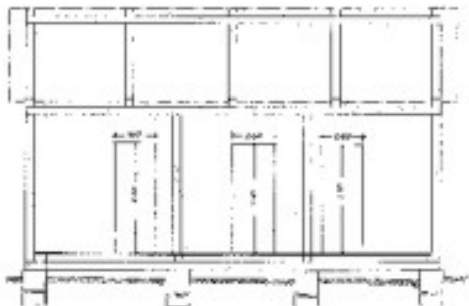
F001/51 - parte 2
 Casa de madeira mista
 Ano de construção - 1951
 Propr. - Manoel M. Oliveira
 Uso residencial e comércio
 Fonte: prefeitura/2006



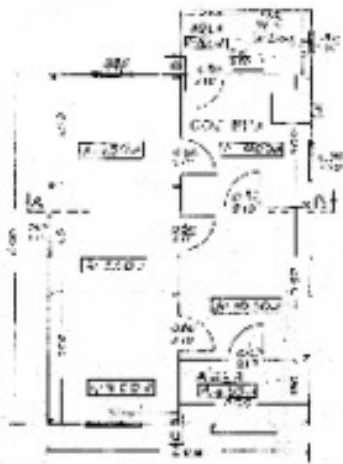
F002/51
 Casa de madeira geminada
 Ano de construção - 1951
 Prop. - Agostinho Pinto
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - duas moradias na
 mesma construção



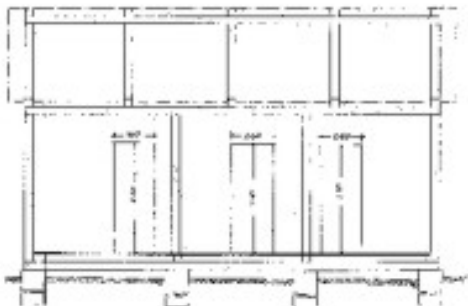
PLANTA
Escala 1:100



F003/51
Casa de madeira
Ano de construção - 1951
Prop. - Euridice Mascarenhas
Uso residencial
Fonte: prefeitura/2006

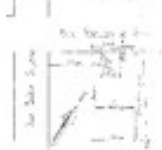


PLANTA
Escala 1:100



F003/51
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1951
 Prop. - Euridice Mascarenhas
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006

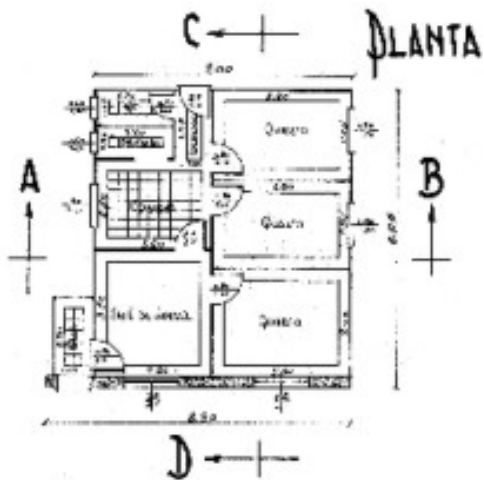
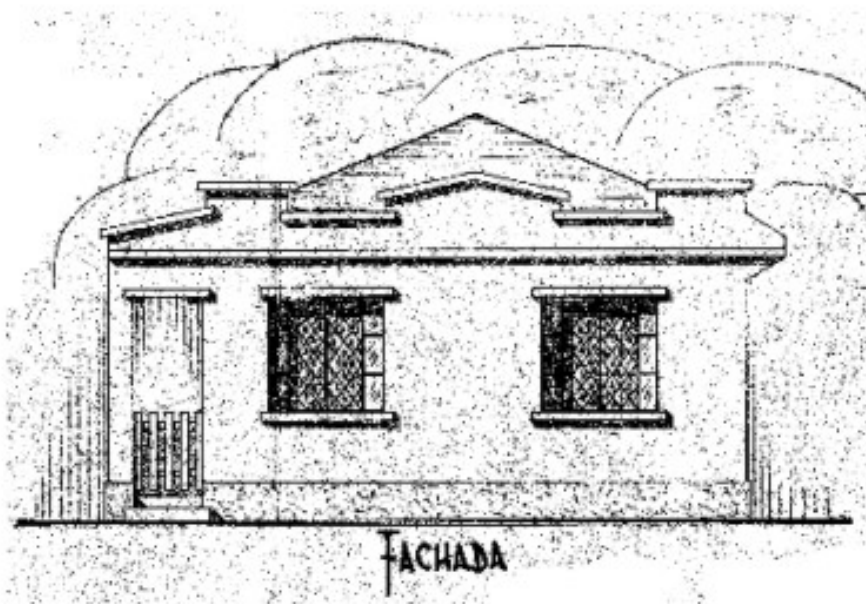
PLANTA DE SITUAÇÃO
Escala: 1:500



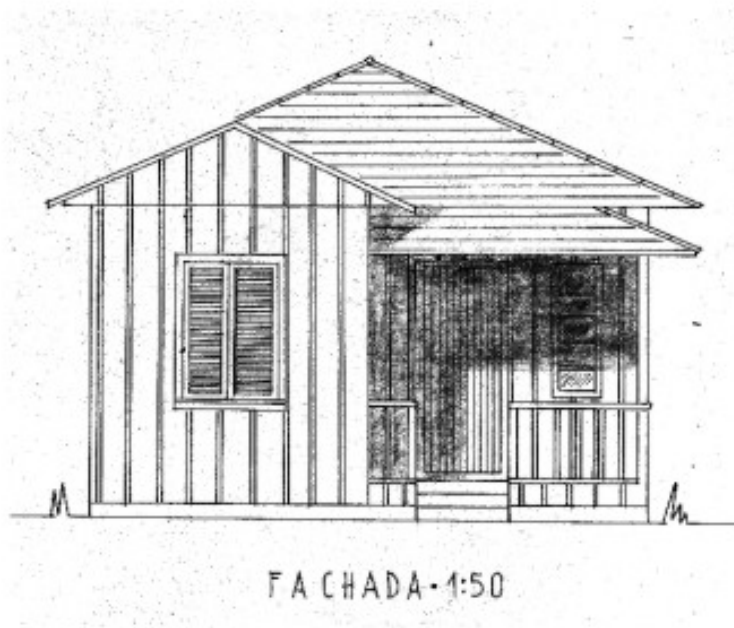
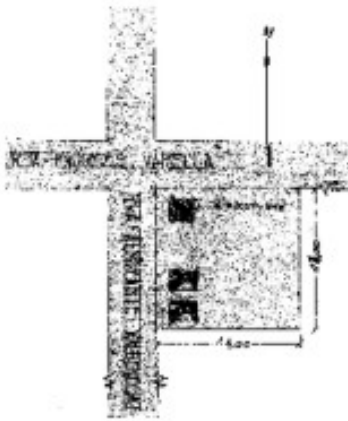
PROJETO DE UMA RESIDÊNCIA
MISTA PARA O SR.
BENTO FERREIRA ANDRADE
PROJETO: Oscar Niemeyer
CONSTRUÇÃO: 1954
PROPRIEDADE: Prefeitura de Ponta Grossa



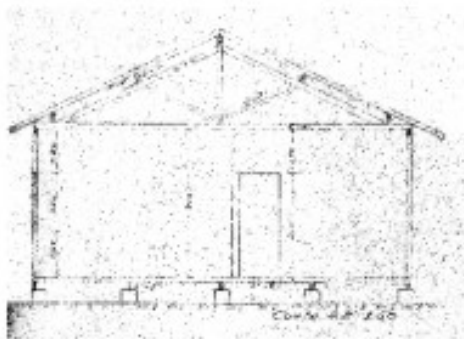
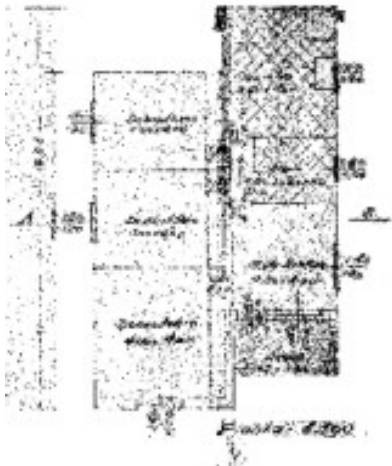
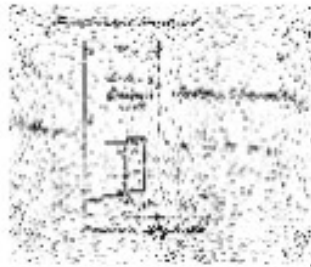
PONTA GROSSA 2007



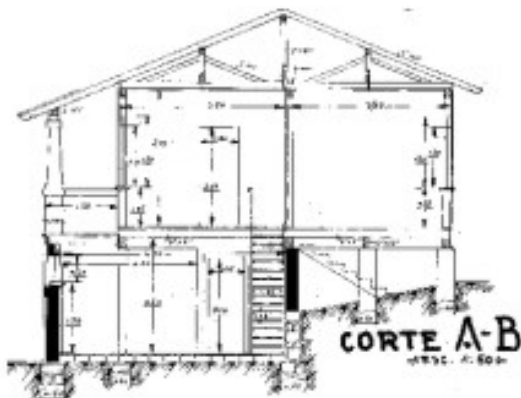
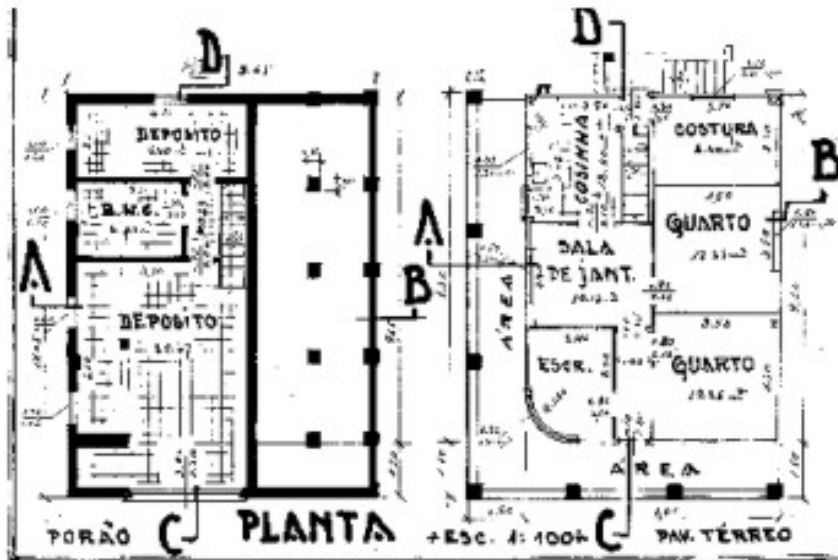
F004/54
Casa de madeira
Ano de construção - 1954
Prop. - Bento de Andrade
Uso residencial
Fonte: prefeitura/2006



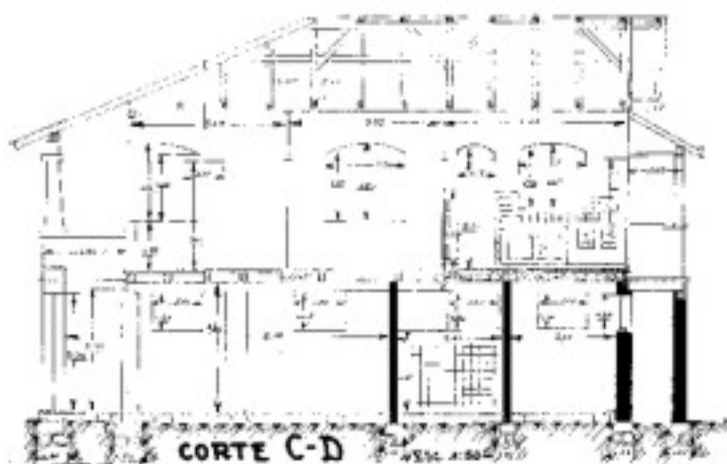
F005/54
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1954
 Prop. - Virgílio Brisola
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



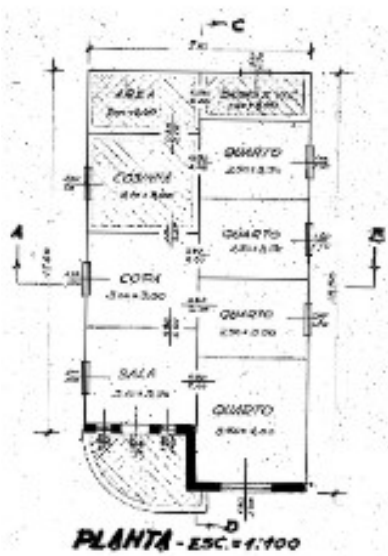
F006/54
 Casa de madeira mista
 Ano de construção - 1954
 Prop. - Alfredo Dalcol
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - fachada em alvenaria



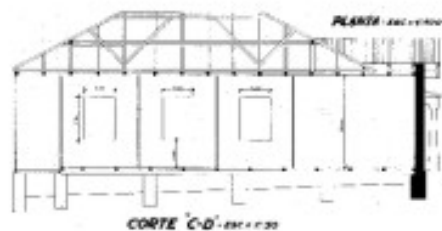
F007/54 - parte 2
 Casa de madeira mista
 Ano de construção - 1954
 Prop. - Alfredo Jansen
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



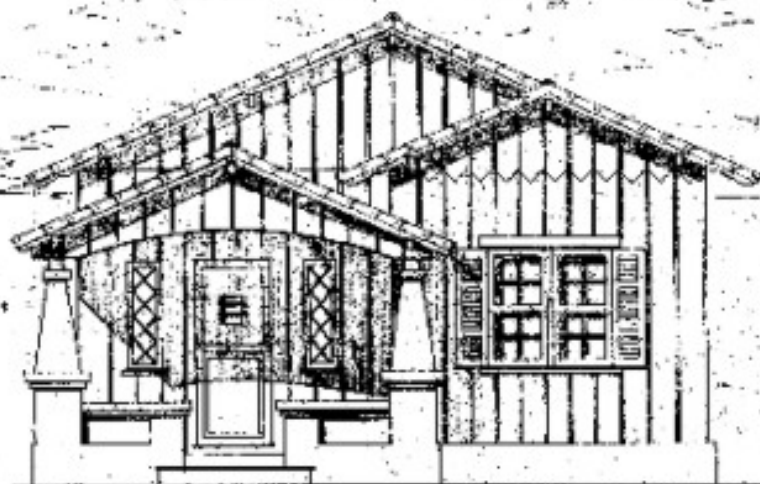
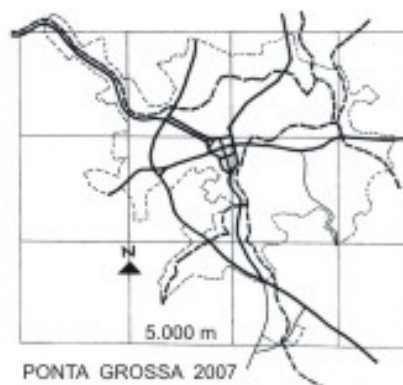
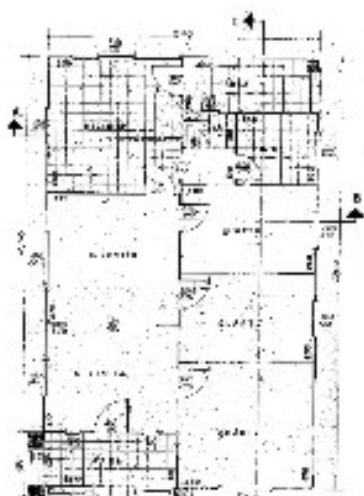
F007/54 - parte 1
Casa de madeira mista
Ano de construção - 1954
Proprietário - Alfredo Jansen
Uso residencial
Fonte: prefeitura/2006



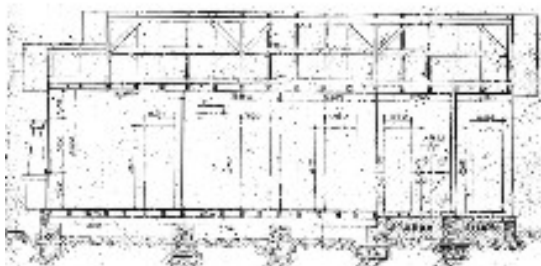
FACHADA - ESC. = 1:50



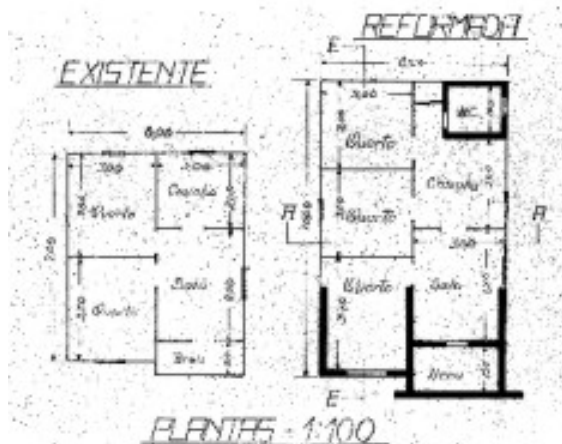
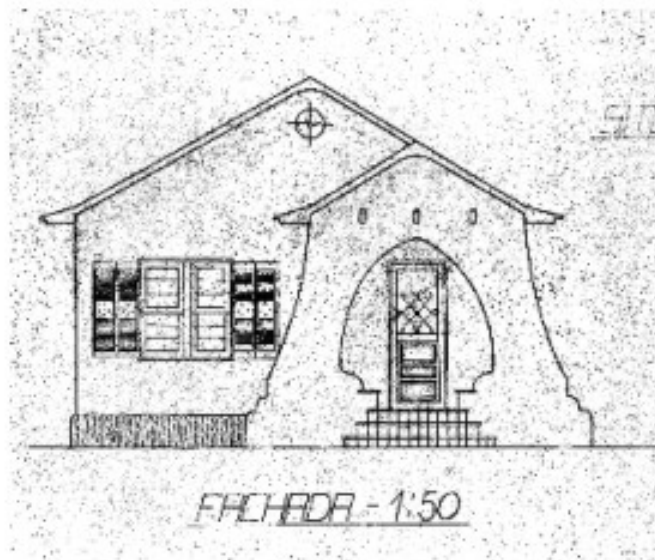
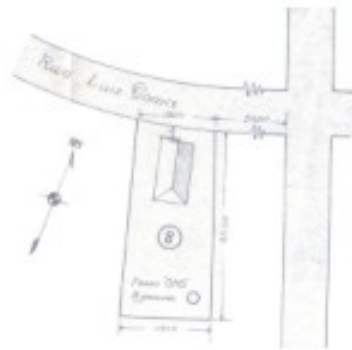
F008/54
 Casa de madeira mista
 Ano de construção - 1954
 Prop. - Alfredo Justus
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - fachada em alvenaria



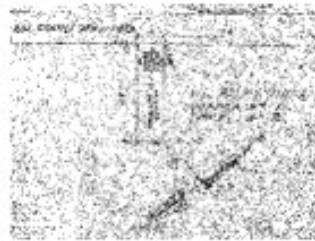
FACHADA 150



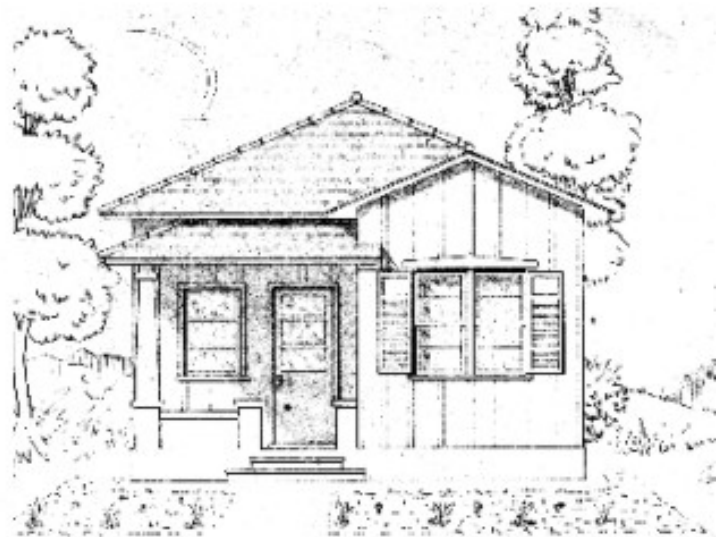
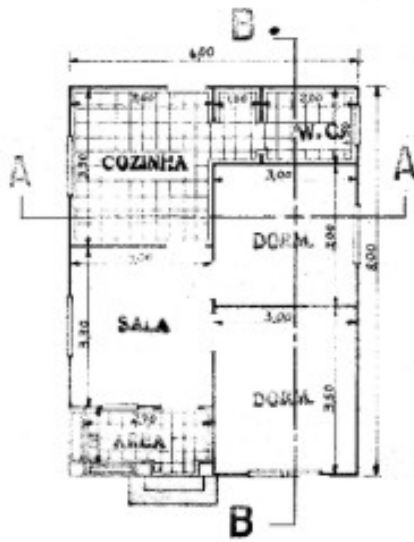
F009/54
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1954
 Prop. - Antonio Czelusniak
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



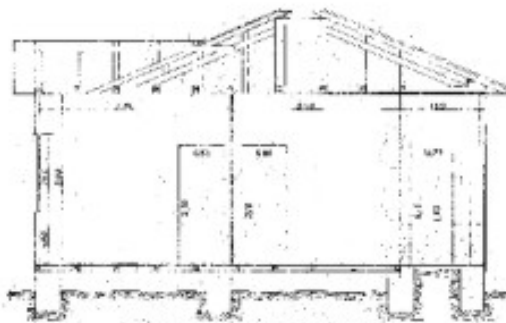
F010/54
 Casa de madeira mista
 Ano de construção - 1954
 Prop. - Alvino Antunes
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - ampliação em alvenaria



PONTA GROSSA 2007

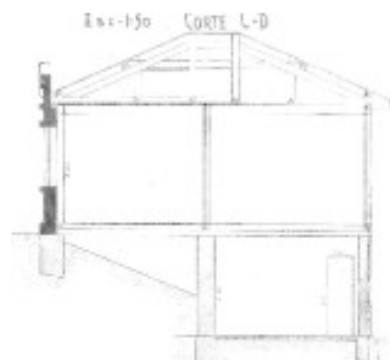
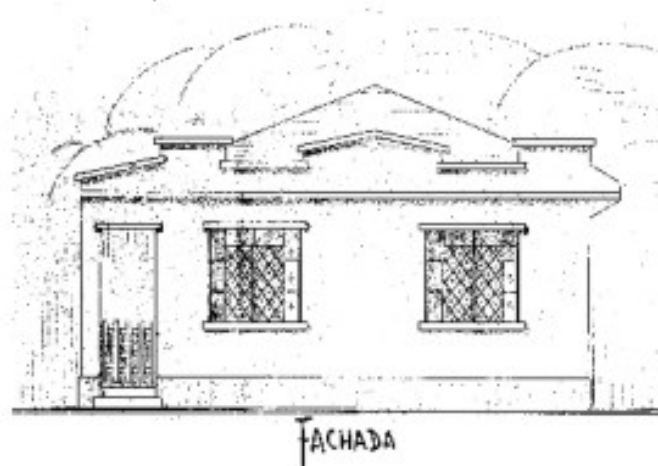
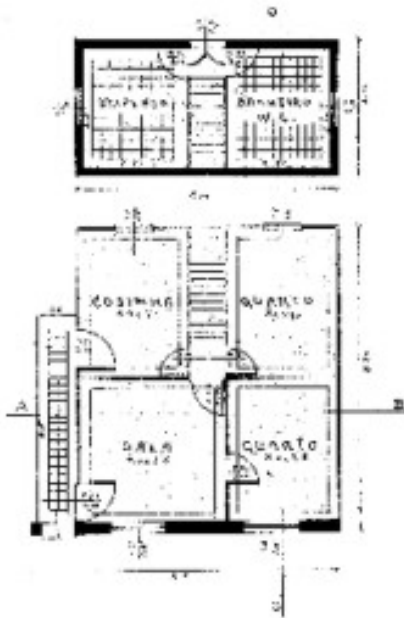
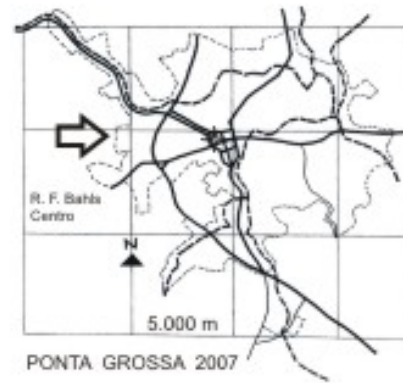


FACHADA - ESCALA 1:50

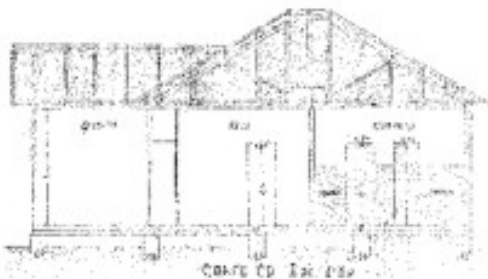
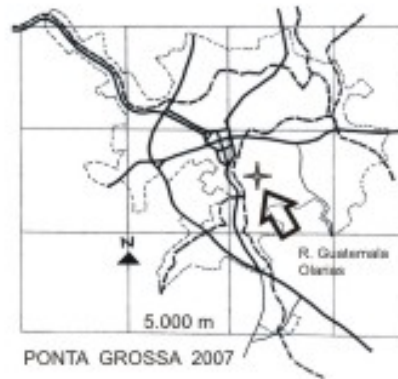


COORTE B,B-ESCALA 1:50

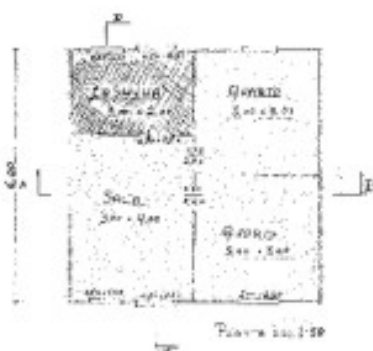
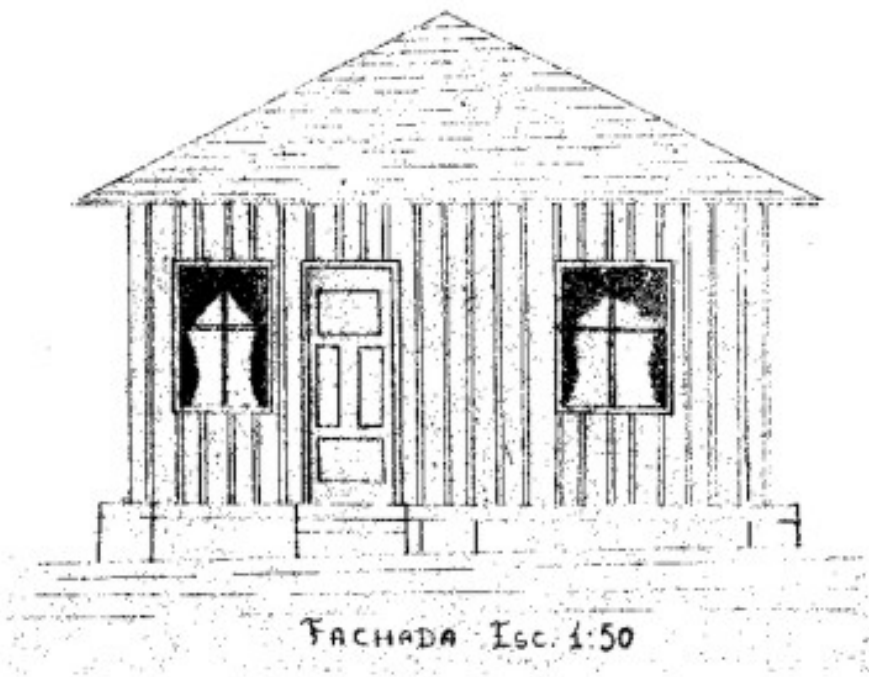
F011/54
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1954
 Prop. - Angelo Borsato
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - típico bangalô



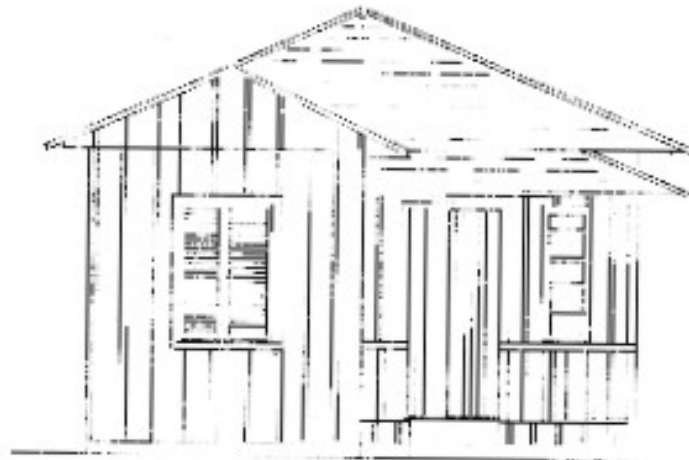
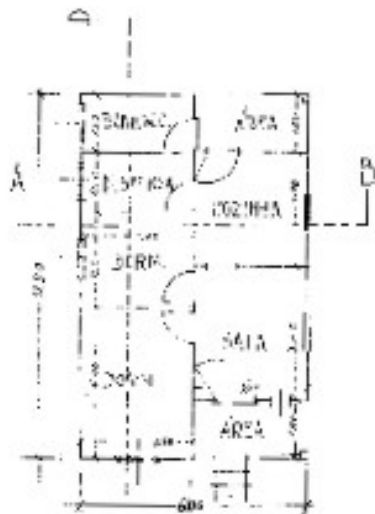
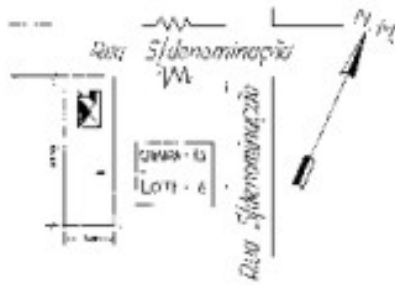
F012/54
 Casa de madeira mista
 Ano de construção - 1954
 Proprietário - Antonio Batista
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



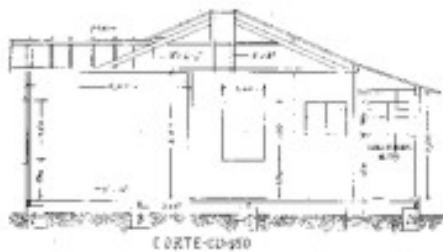
F013/54
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1954
 Prop. - Antonio Denck
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs.- Casas para aluguel



F014/54
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1954
 Prop. - Aristides Camargo
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006

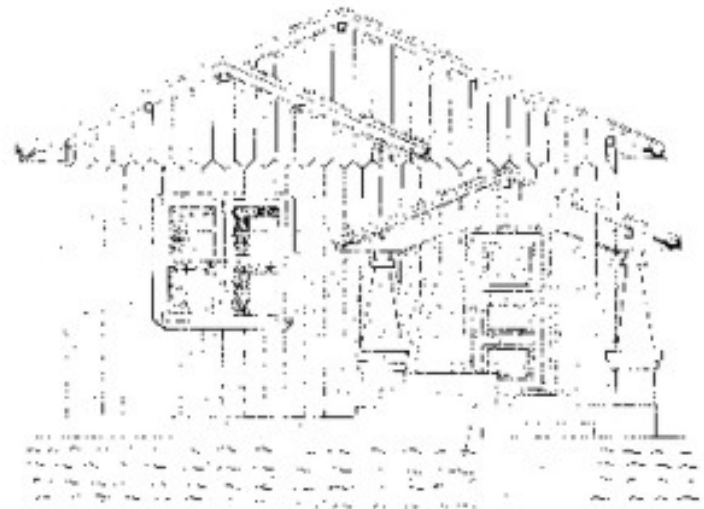
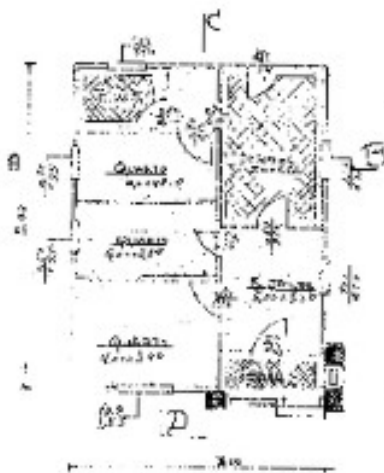


FACADA - 450

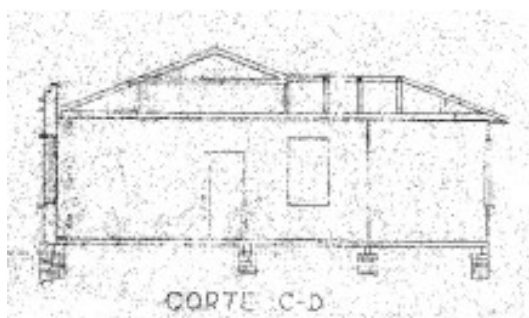


CORTE-CD-450

F015/54
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1954
 Proprietário - Carlos Baniski
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



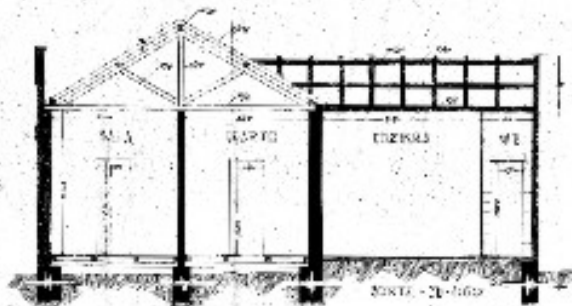
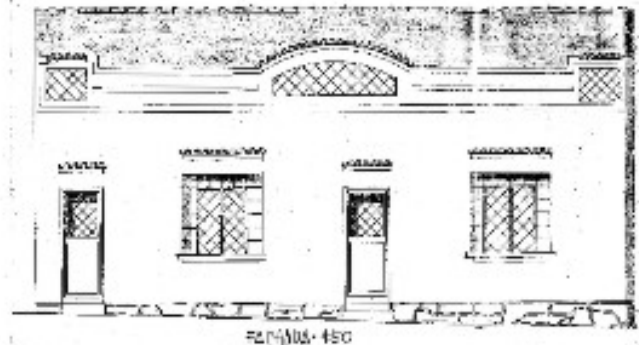
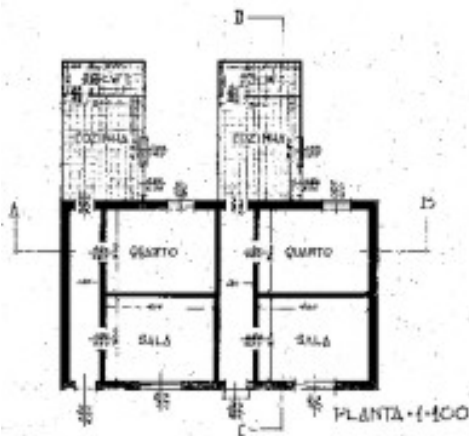
F016/54
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1954
 Prop. - Constantino Borsato
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



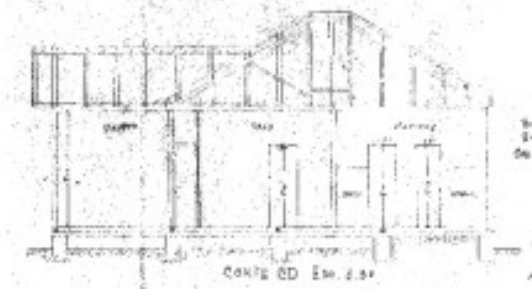
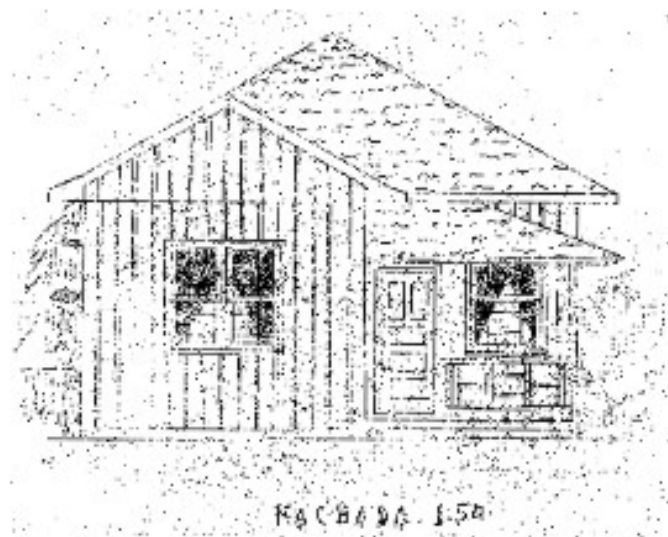
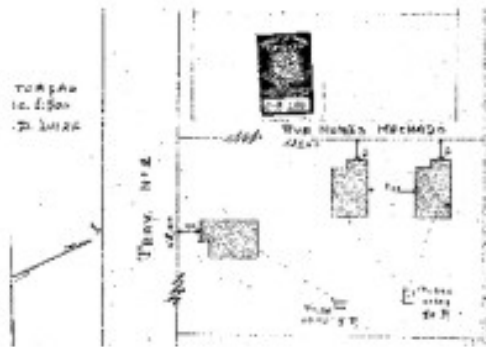
F017/54
 Casa de madeira mista
 Ano de construção - 1954
 Prop. - Éolo Dona
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - fachada eclética



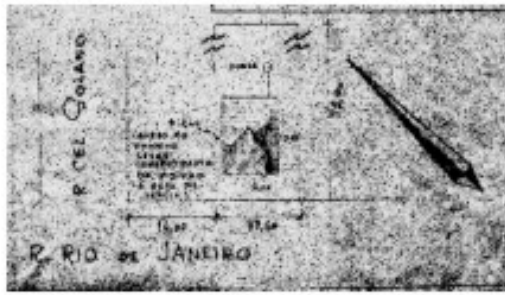
PONTA GROSSA 2007



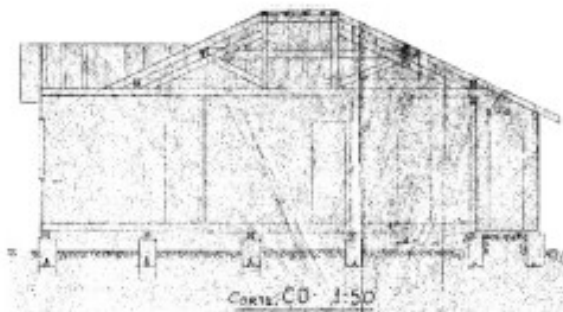
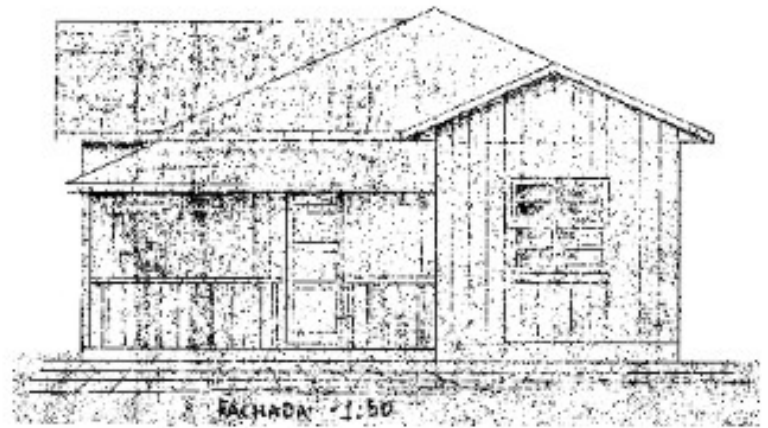
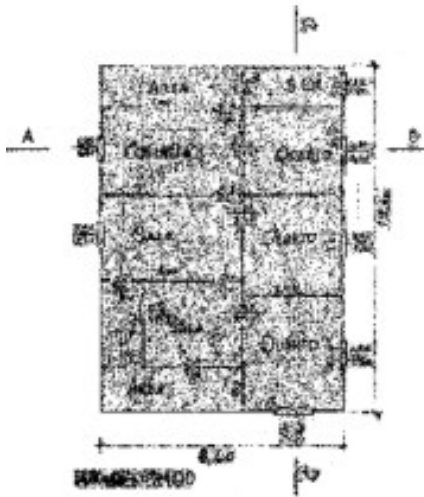
F018/54
 Casa mista
 Ano de construção - 1954
 Prop. - Floresval Justus
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - planta geminada



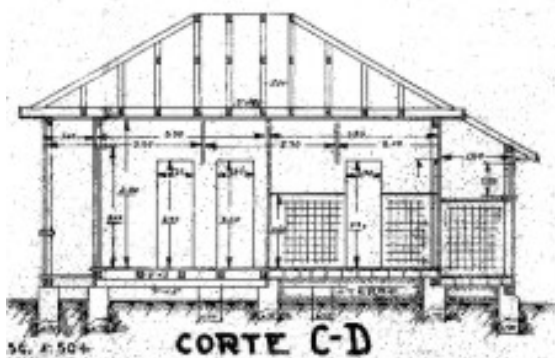
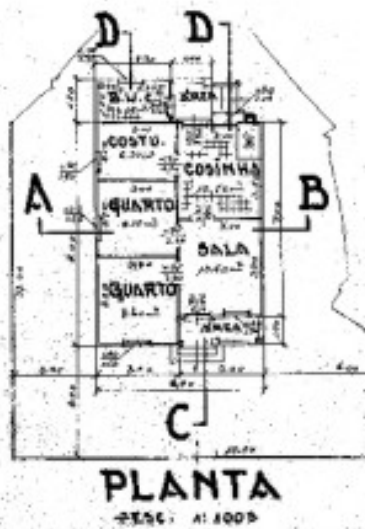
F019/54
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1954
 Prop. - Gaspar Becher
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



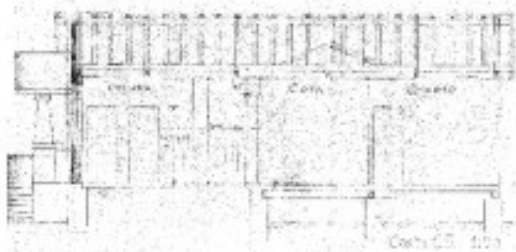
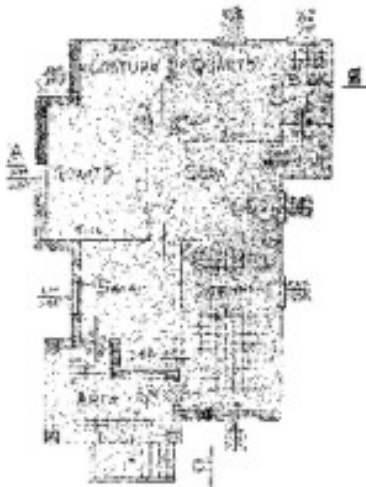
PONTA GROSSA 2007



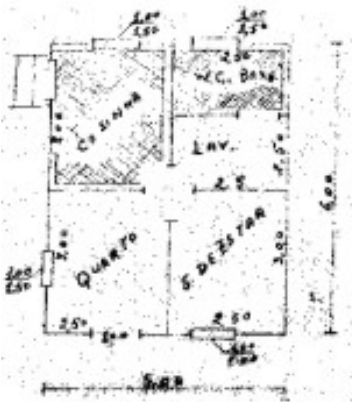
F020/54
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1954
 Prop. Guilherme Adib
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



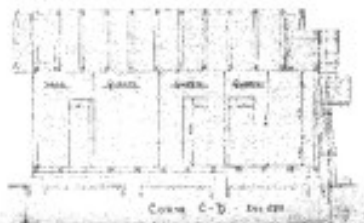
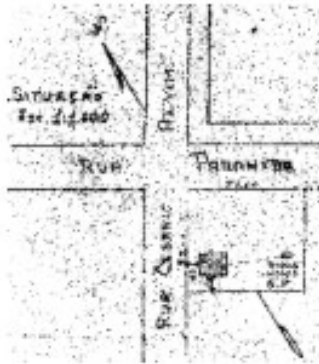
F021/54
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1954
 Prop. - Gutil Federman
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



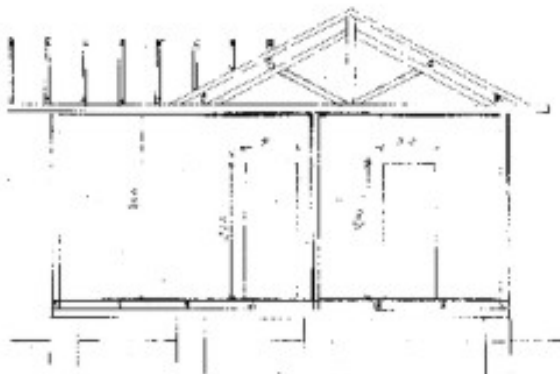
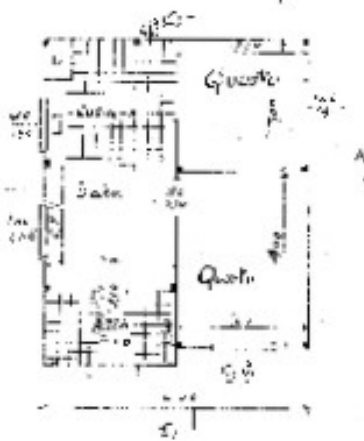
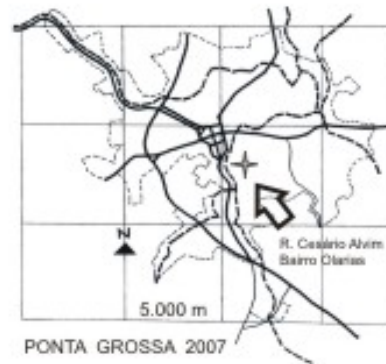
F022/54
 Casa de madeira mista
 Ano de construção - 1954
 Prop. - Hipólito Franco
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



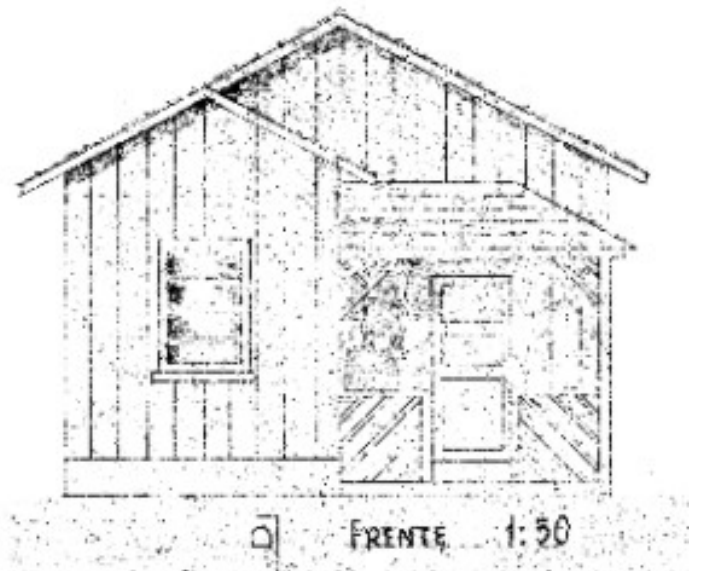
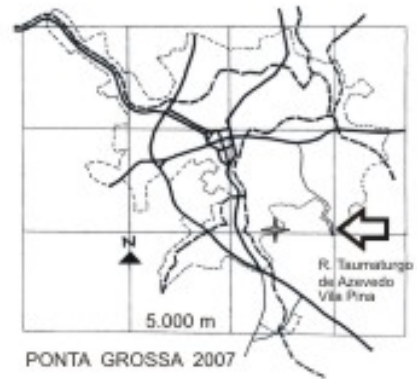
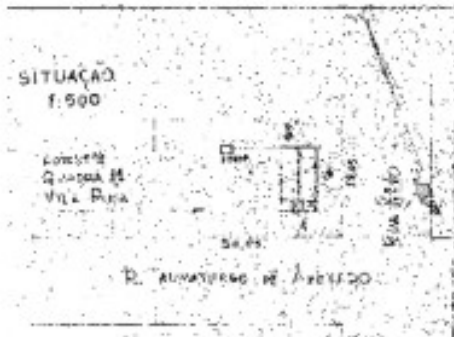
F023/54
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1954
 Prop. - João Schemim
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



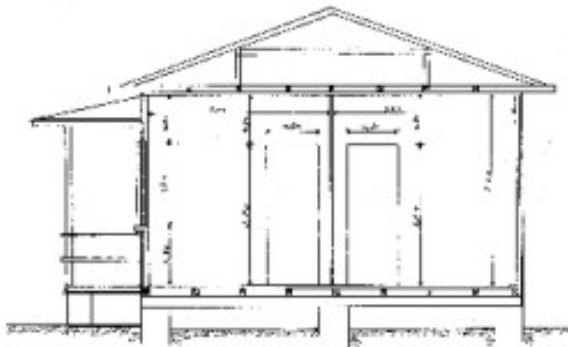
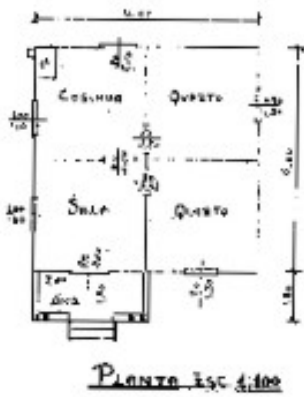
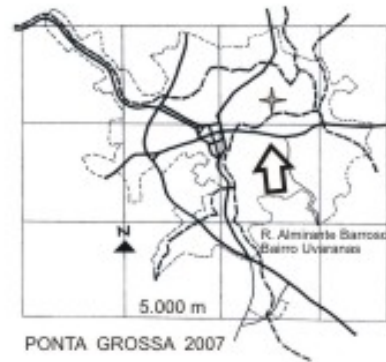
F024/54
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1954
 Prop. - Joaquim Alves Neto
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - típico bangalô



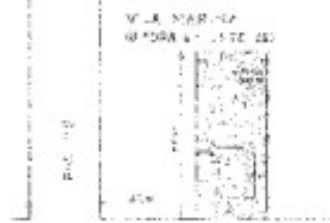
F025/54
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1954
 Prop. - Jorge Kluppel
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - típico bangalô, observar
 colunas da varanda



F026/54
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1954
 Prop. - José Alves
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



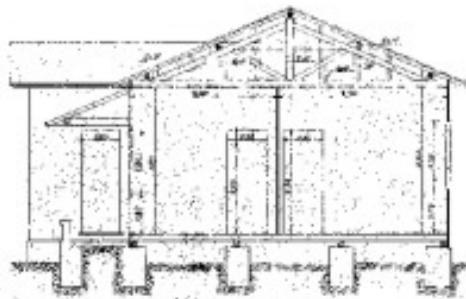
F027/54
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1954
 Prop. - José Binder
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



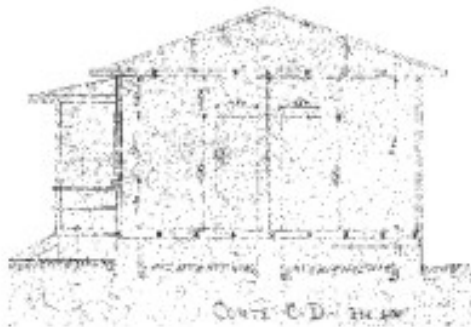
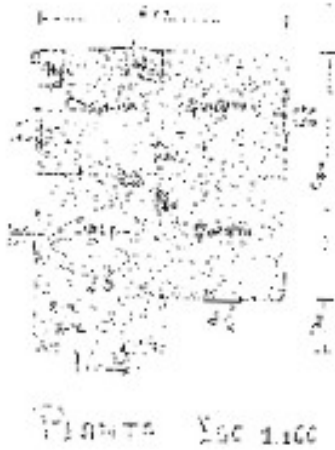
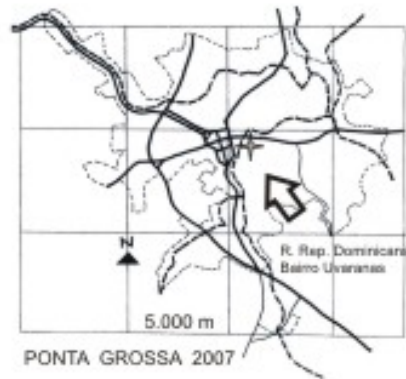
PLANTA DE SITUAÇÃO



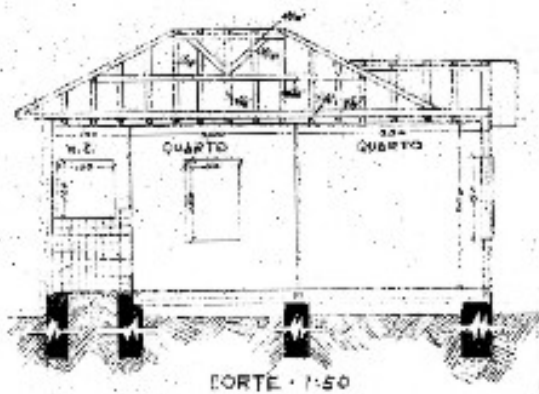
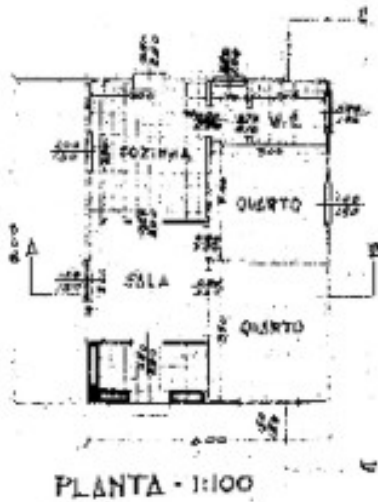
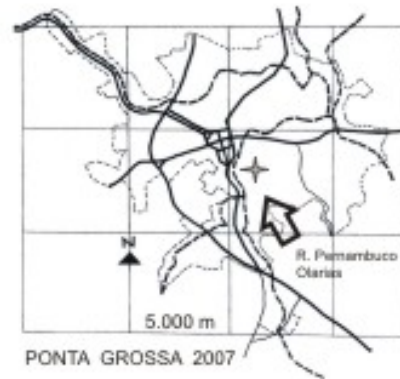
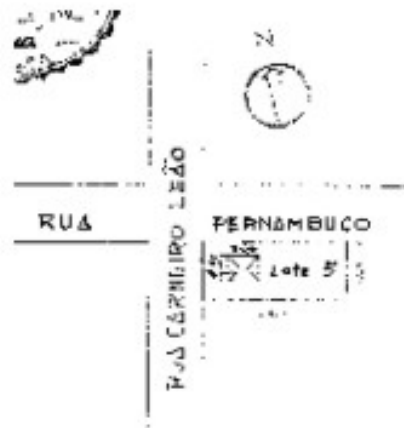
PONTA GROSSA 2007



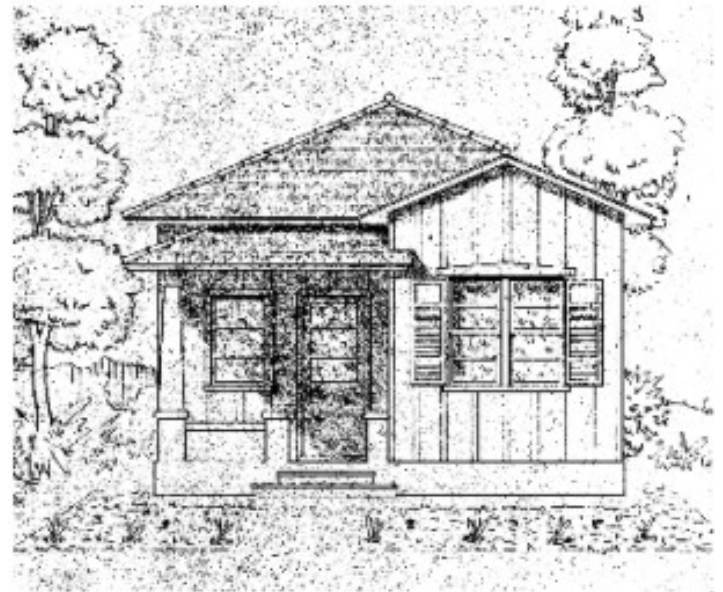
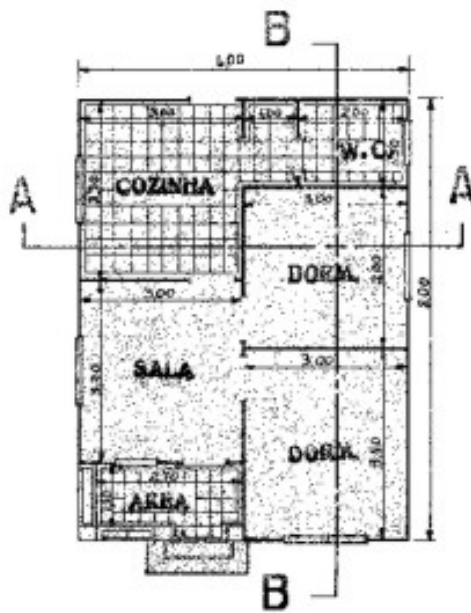
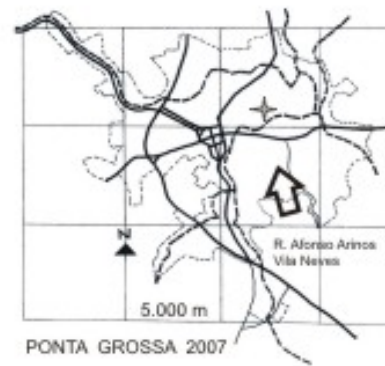
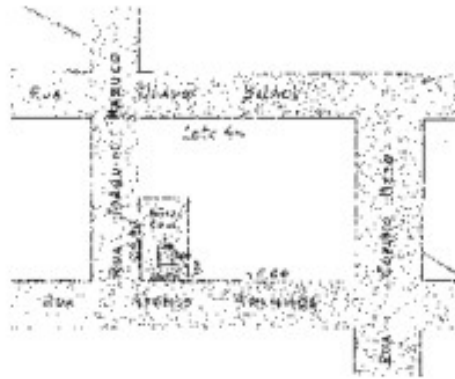
F028/54
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1954
 Prop. - José M. Pedro
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - típico bangalô
 pontagrossense



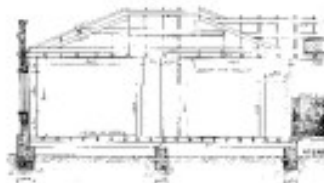
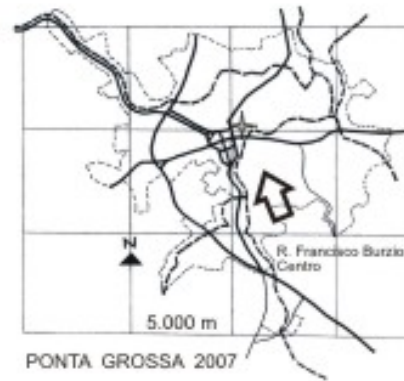
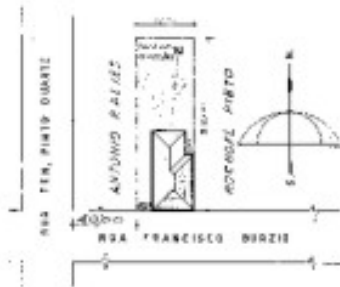
F029/54
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1954
 Prop. - Josefino de Brito
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - típico bangalô simples



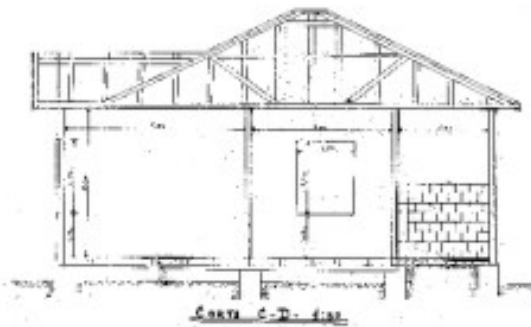
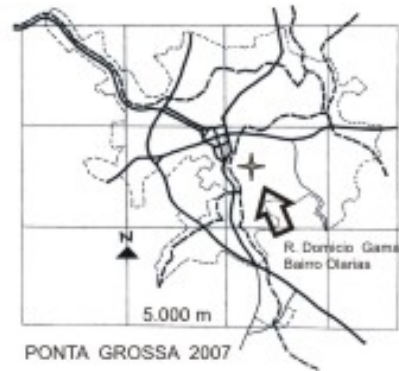
F030/54
Casa de madeira
Ano de construção - 1954
Prop. - Juvenal Carvalho
Uso residencial
Fonte: prefeitura/2006
Obs. - típico bangalô urbano



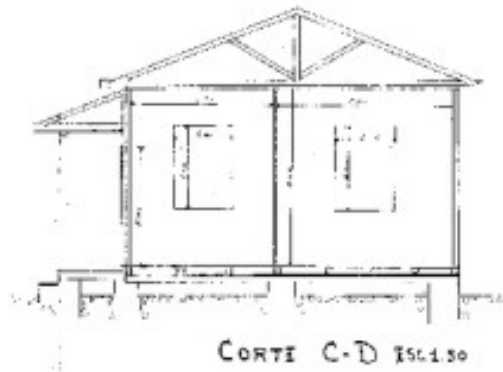
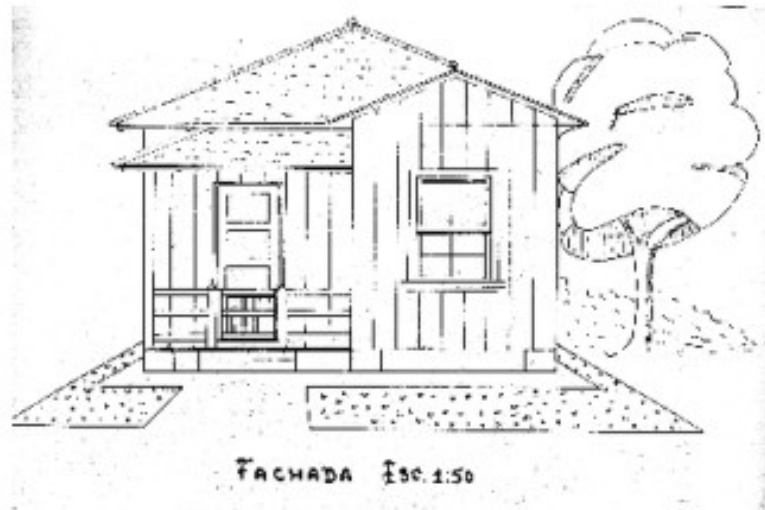
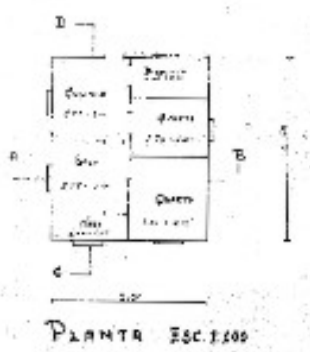
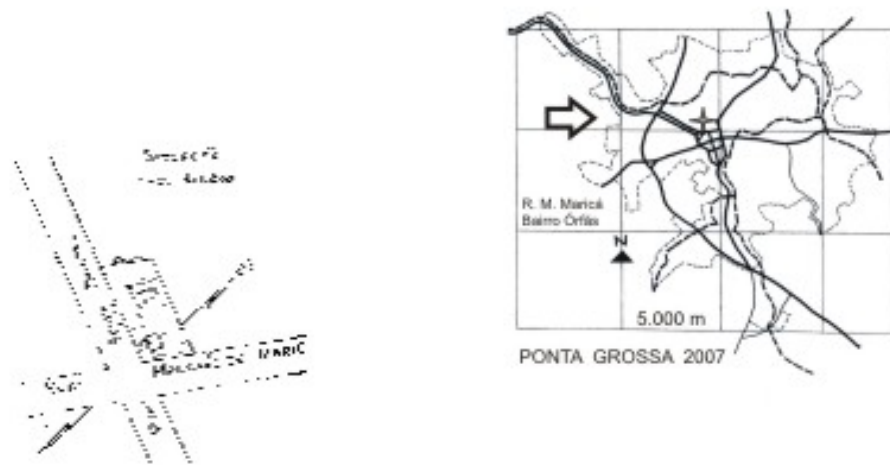
F031/54
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1954
 Proprietário - Leonidas Braga
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



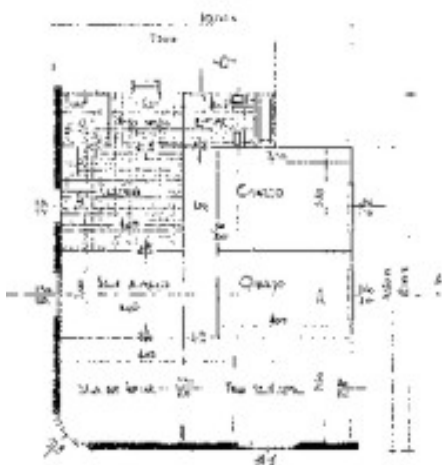
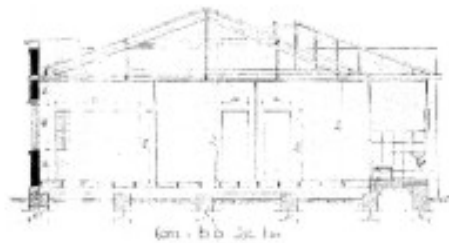
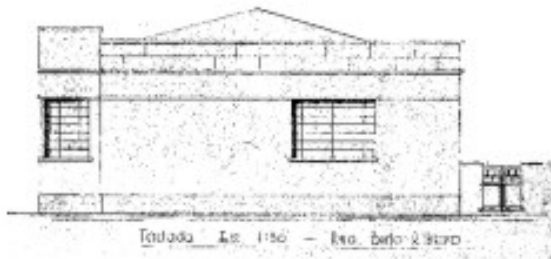
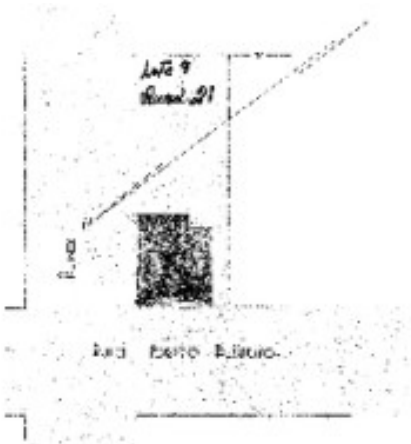
F032/54
 Casa de madeira mista
 Ano de construção - 1954
 Prop. - Manoel S. Bahls
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs.- Fachada neocolonial



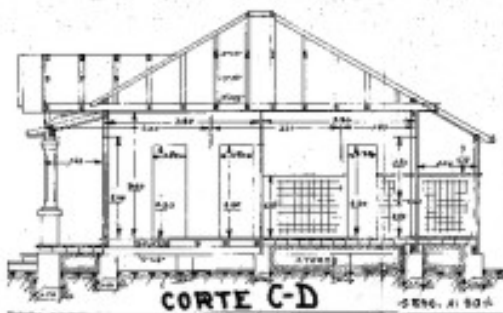
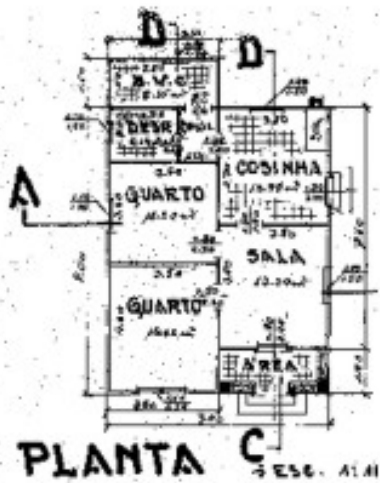
F033/54
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1954
 Prop. - Manoel Januário
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - típico bangalô pontagrossense



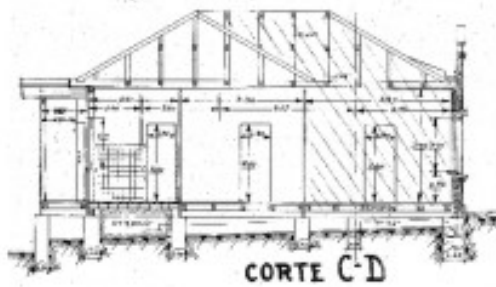
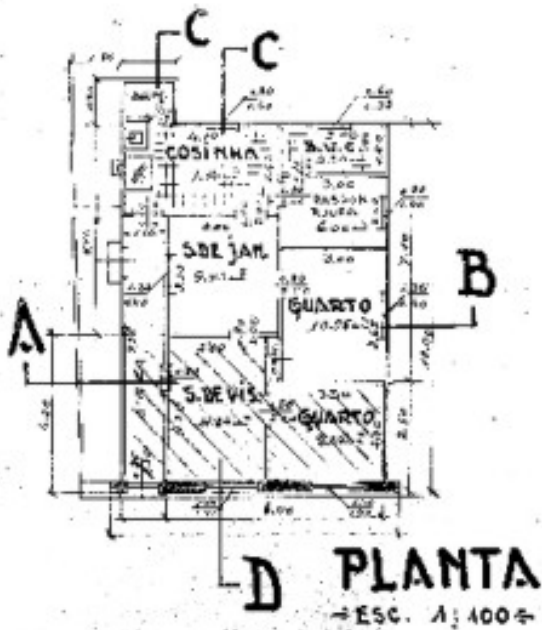
F034/54
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1954
 Prop. - Maria Iengzenchaki
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - típico bangalô
 pontagrossense



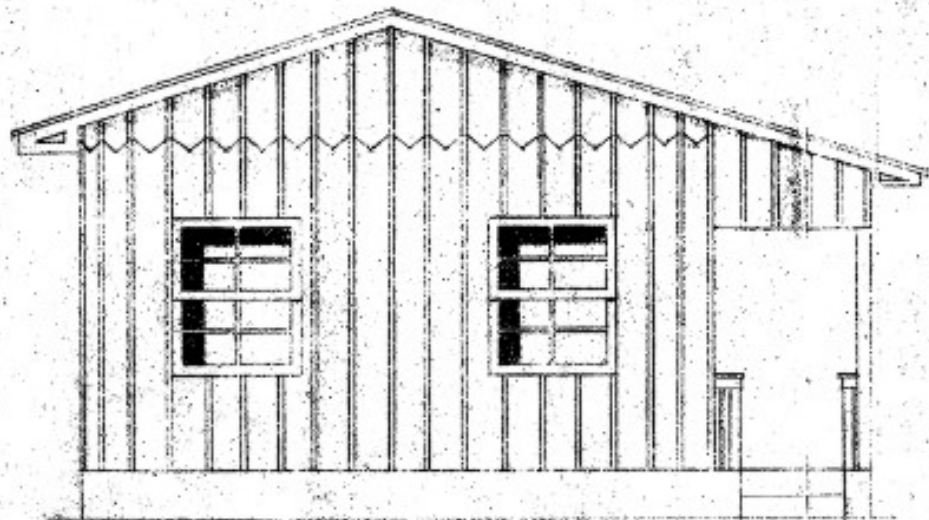
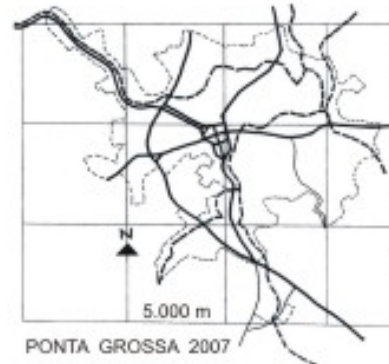
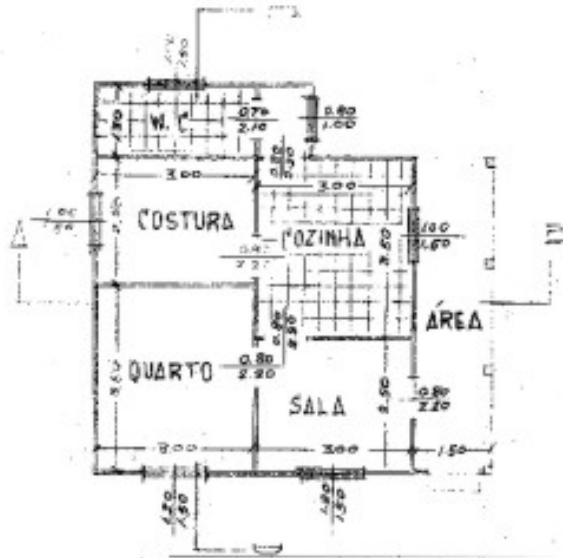
F035/54
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1954
 Prop. - Mariano Bitobrovicz
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - racionalismo de planta
 e geometrismo de fachada



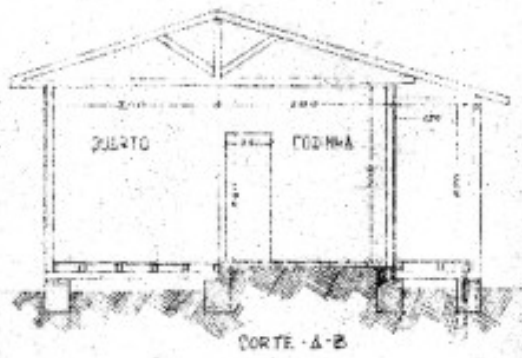
F036/54
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1954
 Prop. - Natal Congue
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. Típico bangalô



F037/54
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1954
 Proprietário - Oscar Boutin
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - fachada neocolonial

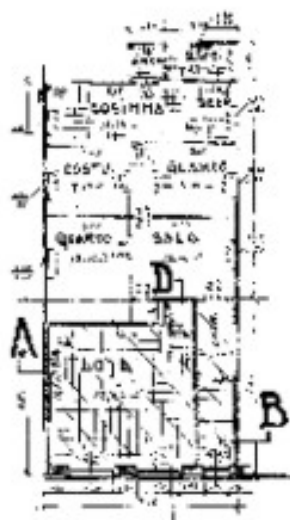


FACHADA - 450

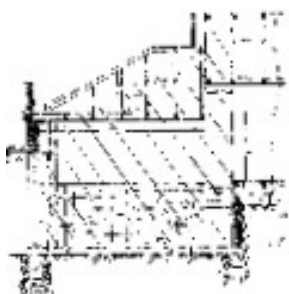


CORTE - A-B

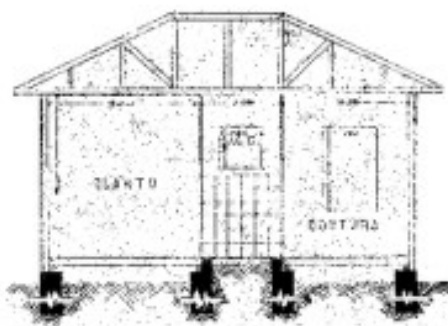
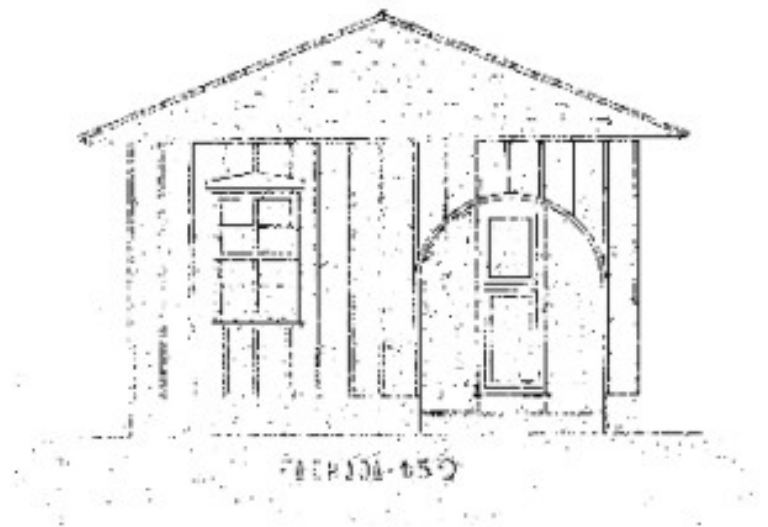
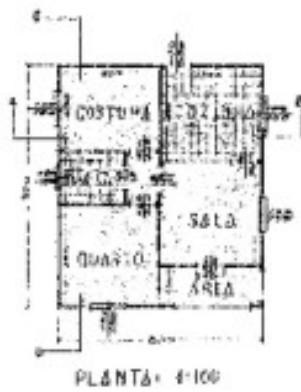
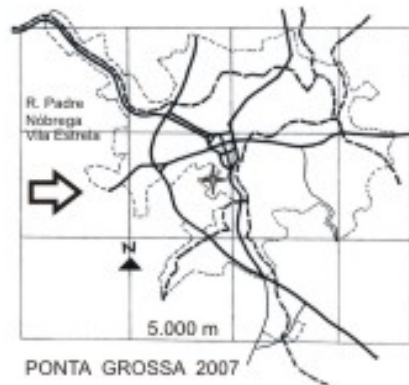
F039/54
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1954
 Prop. - Otávio Mato
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



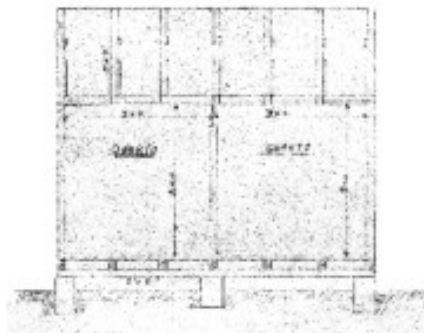
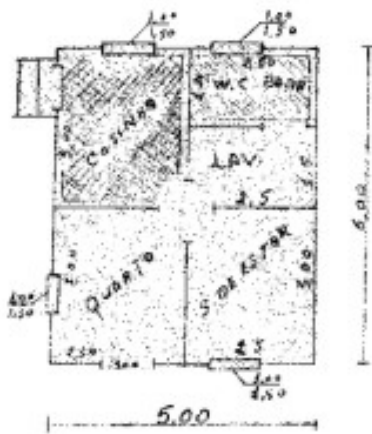
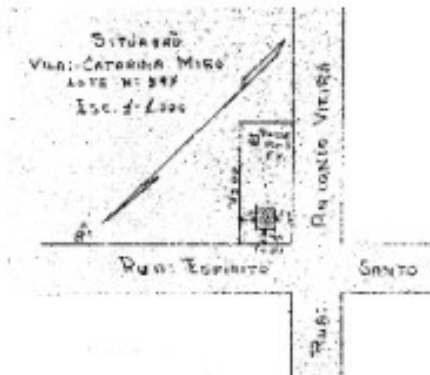
PONTA GROSSA 2007



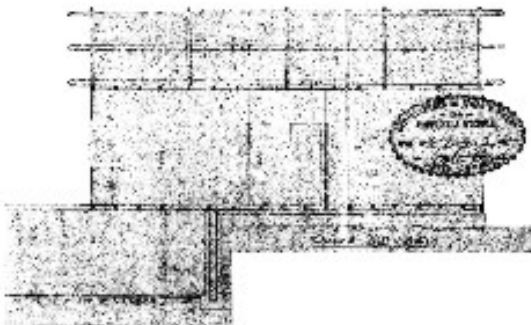
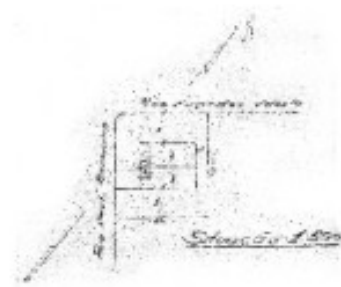
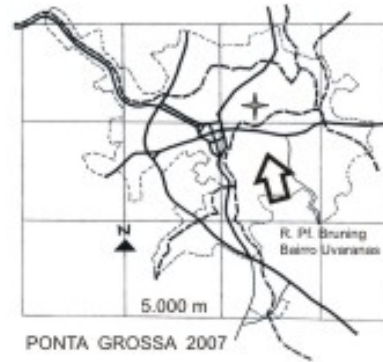
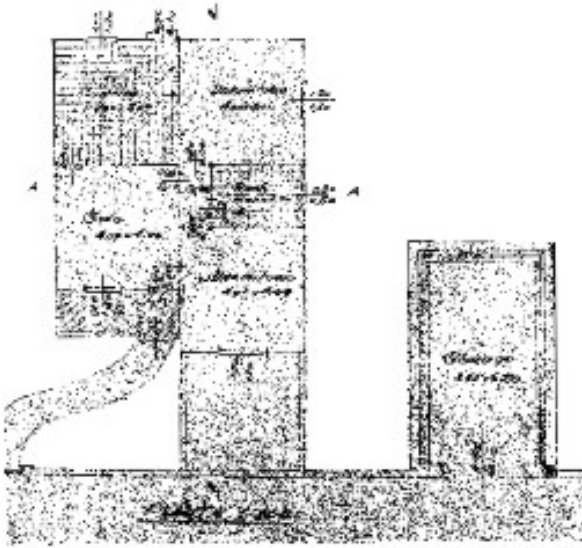
F039/54
 Casa de madeira mista
 Ano de construção - 1954
 Prop. - Paulino Schautz
 Uso residencial e comercial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs.- Ampliação frontal com
 fachada eclética



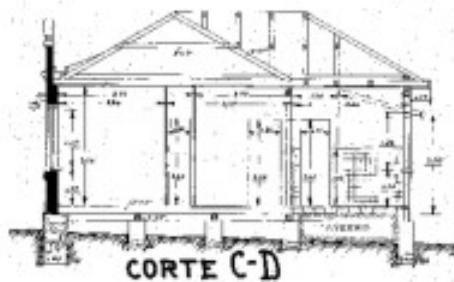
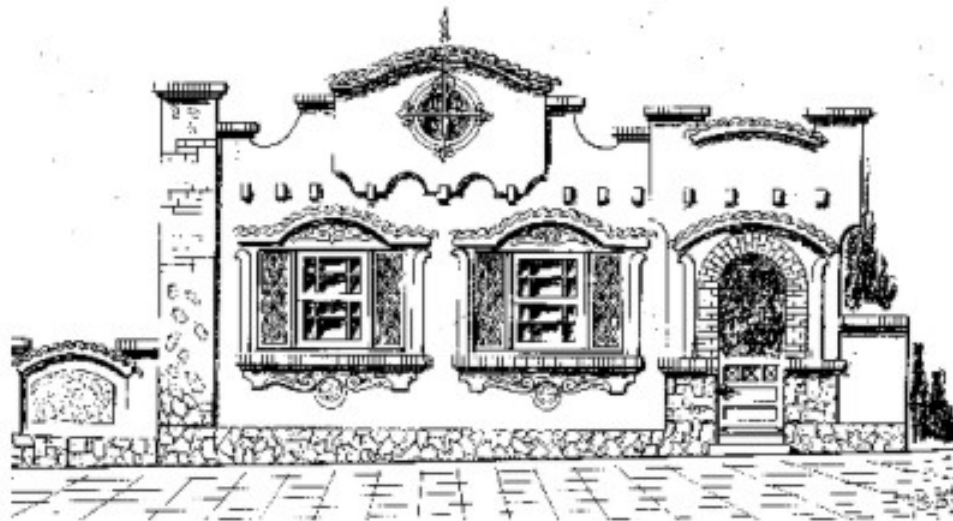
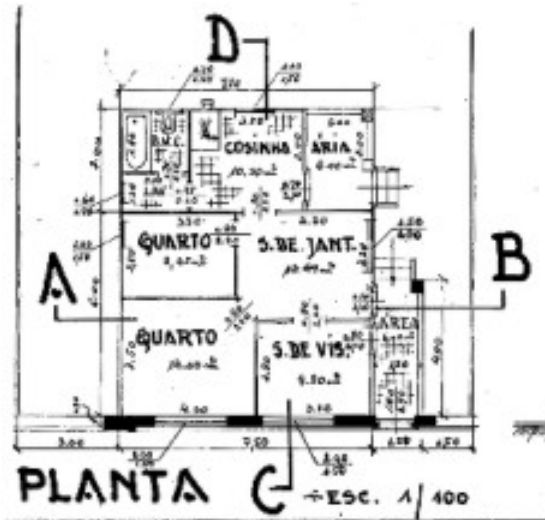
F041/54
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1954
 Prop. - Pedro Chepak
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



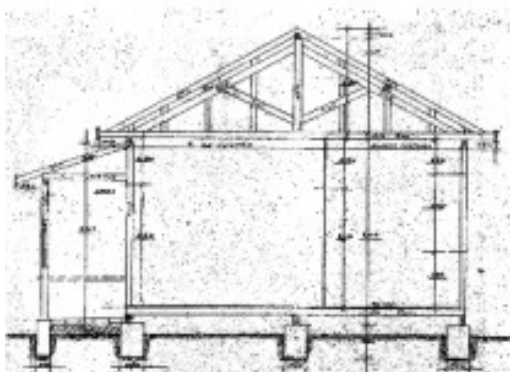
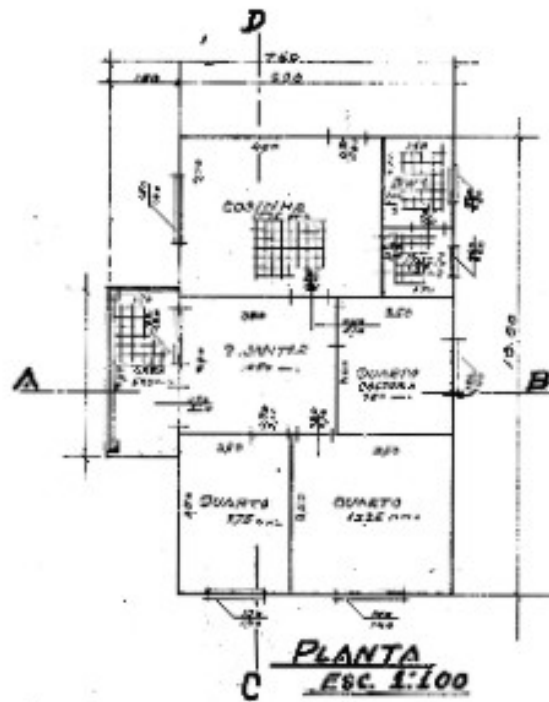
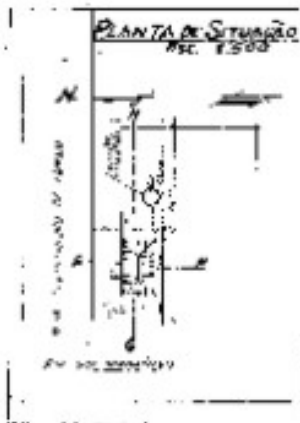
F042/54
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1954
 Prop. - Pedro Kolachinski
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



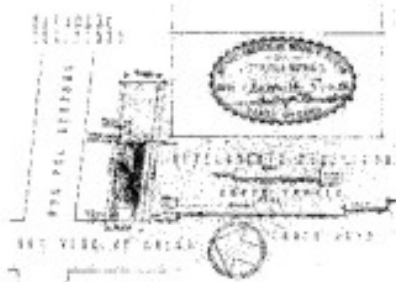
F043/54
Casa de madeira
Ano de construção - 1954
Prop. - Rosa Divardin
Uso residencial
Fonte: prefeitura/2006



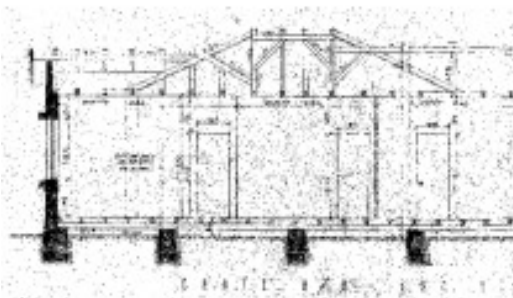
F044/54
 Casa de madeira mista
 Ano de construção - 1954
 Prop. - Teofilo Kiska
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - fachada neocolonial



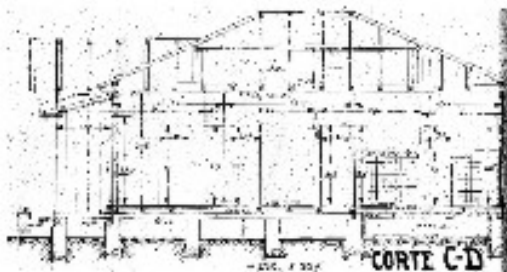
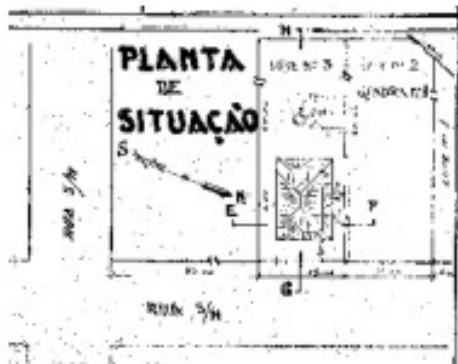
F045/55 - parte 2
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1955
 Prop. - Orlando Borsato
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



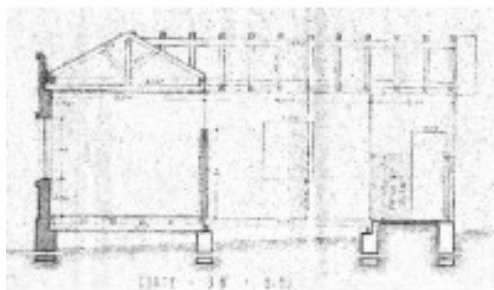
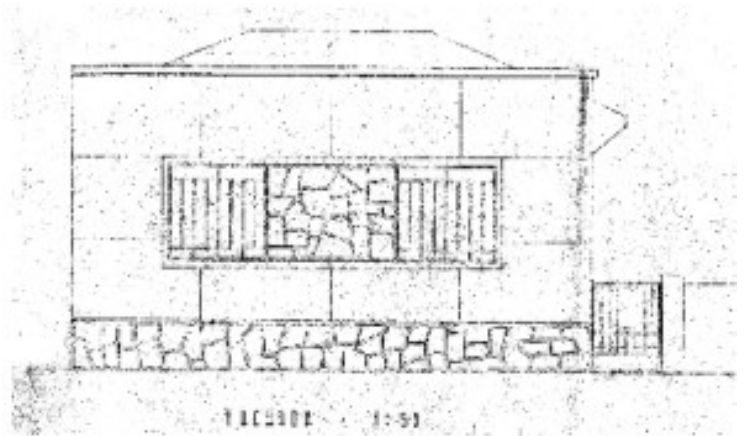
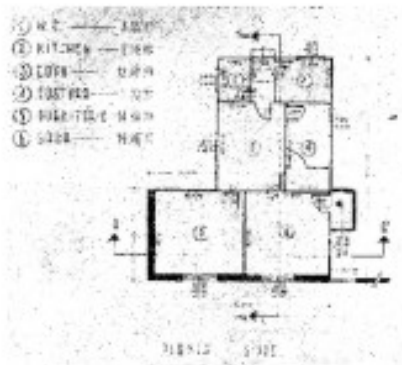
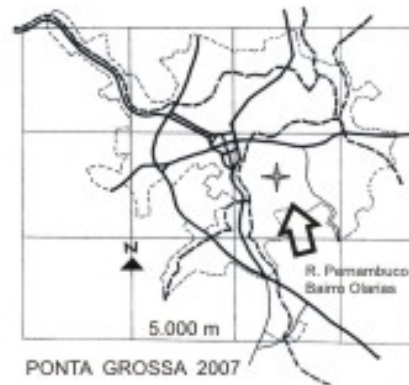
PONTA GROSSA 2007



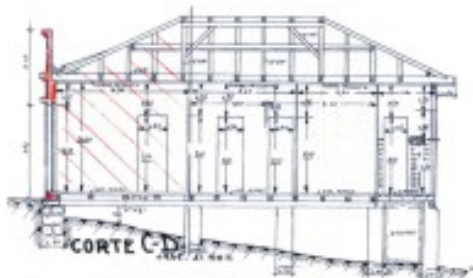
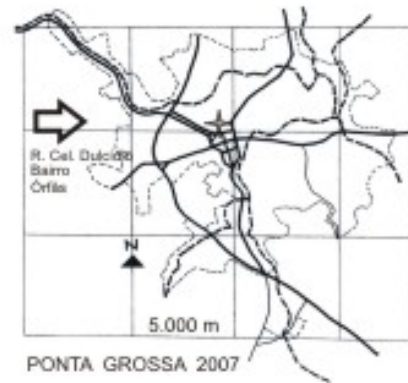
F046/56
Casa de madeira mista
Ano de construção - 1956
Prop. - Mário Emílio
Uso residencial
Fonte: prefeitura/2006



F047/57
 Casa de madeira
 Ano de construção - 1957
 Prop. - Antonio Rego
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006
 Obs. - típico bangalô



F048/57
 Casa de madeira mista
 Ano de construção - 1957
 Prop. - Claudio Ianchuki
 Uso residencial
 Fonte: prefeitura/2006



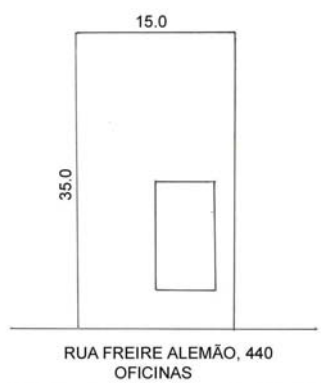
F049/59
Casa de madeira mista
Ano de construção - 1959
Prop. - Olímpio Cordeiro
Uso residencial
Fonte: prefeitura/2006

Capítulo 6

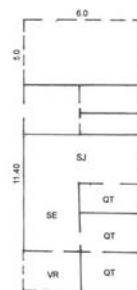
**LEVANTAMENTO DE EXEMPLARES DE CASAS DE MADEIRA EXISTENTES NA
CIDADE DE PÓNTA GROSSA NO ANO DE 2006**



foto AK 2006



SITUAÇÃO



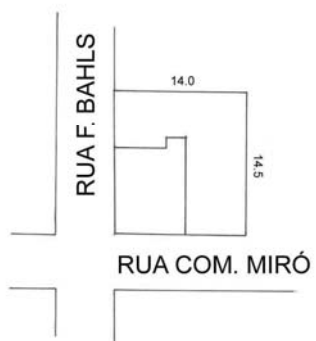
PLANTA

PROPRIETÁRIO - ALEXANDRE PAITCH
ANO DE CONSTRUÇÃO - 1952

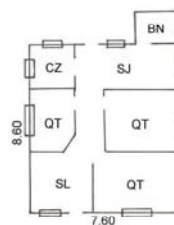
LEVANTAMENTO DAS CASAS DE MADEIRA DE PONTA GROSSA - PARANÁ- 2006



foto AK 2006



SITUAÇÃO



PLANTA

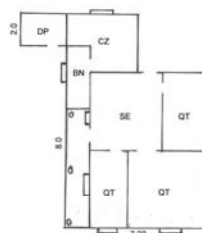
PROPRIETÁRIO - ALICE LEPKA RIBEIRO
ANO DE CONSTRUÇÃO - INÍCIO SÉC. 20



foto AK 2006



SITUAÇÃO



PLANTA

PROPRIETÁRIO - ANDRÉ FERREIRA
ANO DE CONSTRUÇÃO - 1937

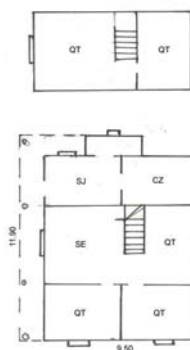
LEVANTAMENTO DAS CASAS DE MADEIRA DE PONTA GROSSA - PARANÁ- 2006



foto AK 2006



SITUAÇÃO



PLANTA

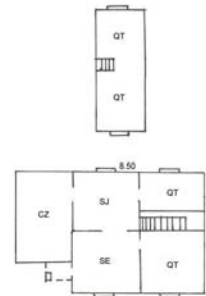
PROPRIETÁRIO - CLEMENTE DE BORTOLI
 ANO DE CONSTRUÇÃO - 1925
 OBS. - CASA DE CHÁCARA



foto AK 2006



SITUAÇÃO



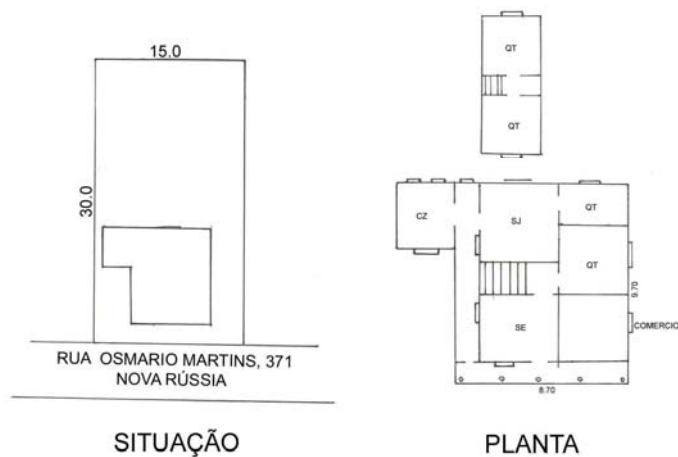
PLANTA

PROPRIETÁRIO - ESTEVÃO GONÇALVES
ANO DE CONSTRUÇÃO - 1942

LEVANTAMENTO DAS CASAS DE MADEIRA DE PONTA GROSSA - PARANÁ- 2006



foto AK 2006

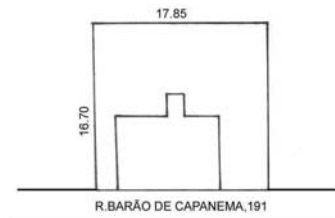


PROPRIETÁRIO - FRANCISCO ASTUFKA
ANO DE CONSTRUÇÃO - 1922

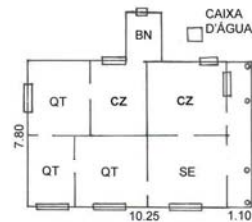
LEVANTAMENTO DAS CASAS DE MADEIRA DE PONTA GROSSA - PARANÁ- 2006



foto AK 2006



SITUAÇÃO



PLANTA

PROPRIETÁRIO - LUIZ GALVÃO
ANO DE CONSTRUÇÃO - S.D.

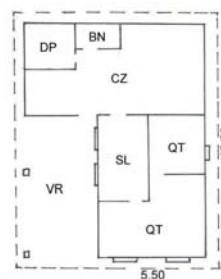
LEVANTAMENTO DAS CASAS DE MADEIRA DE PONTA GROSSA - PARANÁ- 2006



foto AK 2006



SITUAÇÃO

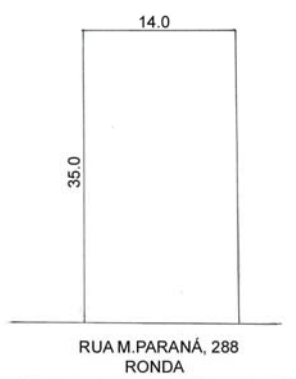


PLANTA

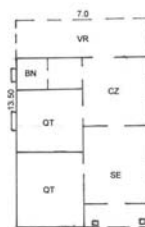
PROPRIETÁRIO - MARIA ALVEZ SANTOS
ANO DE CONSTRUÇÃO - S.D.



foto AK 2006



SITUAÇÃO



PLANTA

PROPRIETÁRIO - MARIA PAVOSKI
ANO DE CONSTRUÇÃO - 1959

LEVANTAMENTO DAS CASAS DE MADEIRA DE PONTA GROSSA - PARANÁ- 2006

BIBLIOGRAFIA

Brazil, South in: Encyclopédia of Vernacular Architecture of the World. Ed. Paul Oliver, Un. Cambridge. 1977.

IMAGUIRE Jr., Key. A Arquitetura no Paraná: Uma Contribuição Metodológica para a História da Arte. Dissertação de Mestrado. UFPr. Curitiba. 1982.

_____. A Casa de Araucária – Arquitetura Paranista. Tese de Concurso para Professor Titular do Curso de Arquitetura da UFPr. Curitiba. 1982.

SANCHEZ, Fernanda et alli – Arquitetura em madeira – uma tradição paranaense. Curitiba. Ed. UFPr. 1987

VALENTINI, Jussara. A Arquitetura do Imigrante Polonês na Região de Curitiba. Curitiba. Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense. 1982.

MIRANDA, Nego et alii. Igrejas de Madeira do Paraná. Curitiba. Edição do autor. 2005.

ZANI, Antonio Carlos. Arquitetura de madeira: reconhecimento de uma cultura arquitetônica norte-paranaense. Tese de doutorado na FAU/USP. São Paulo. 1997.

CLARO, Anderson. A produção de casas de madeira em Santa Catarina. Dissertação de mestrado na FAU/USP. São Paulo. 1991.

BARBOSA, Gino Caldatto. Chalé de Madeira. A moradia popular de Santos. Dissertação de mestrado na FAU/USP. São Paulo. 1998.

BARBOSA, Ney Caldatto. Arquitetura vernácula latino-americana. Dissertação de Mestrado na FAU/USP. São Paulo. 1999.

WEIMER, Gunter. A arquitetura. Porto Alegre. Editora UFRGS. 1992.

Architettura e Società – América Latina nel XX século. Enciclopédia Temática Aperta Grande Voici. Milão. Ed. Jaca Book. 1996.

SUTIL, Marcelo Saldanha. O espelho e a miragem: ecletismo, moradia e modernidade na Curitiba do início do século. Dissertação de mestrado na UFPr. Curitiba. 1996.

_____. Um Olhar para o futuro. Curitiba. Boletim da Casa Romário Martins. 2005.

WOLF, Sílvia Ferreira Santos. Jardim América. São Paulo. Edusp. 2001.

CIFFONI, Ana Lúcia et alli. Centro Histórico. Espaços do passado e do presente. Curitiba. Boletim da Casa Romário Martins. 2006.

CHAVES, Niltonci Batista – org. – Visões de Ponta Grossa. Ponta Grossa – Livros 1, 2 e 3. UEPG. 2001.

FABRIS, Annateresa. O ecletismo na arquitetura brasileira. São Paulo. Nobel. 1987.

LEMOS, Carlos. Alvenaria Burguesa. São Paulo. Nobel. 1989.

_____ - Arquitetura Brasileira. São Paulo. Melhoramentos. 1979.

SAIA, Luís. Morada Paulista. São Paulo. Perspectiva. 1972.

_____ - Notas sobre a evolução da morada paulista. São Paulo. Acróple. 1957.

FREYRE, Gilberto. A casa brasileira. Rio de Janeiro. Grifo Edições. 1970.

SANTOS, Paulo Ferreira. Quatro séculos de arquitetura. Rio de Janeiro. Fundação Educacional Rosemar Pimentel. 1977.

SEGAWA, Hugo. Arquiteturas no Brasil. São Paulo. Edusp. 1999.

BRUAND, Yves. Arquitetura Contemporânea no Brasil. São Paulo. Ed. Perspectiva. 1981.

SEGRE, Roberto. América Latina: Fim de milênio. Raízes e perspectivas de sua arquitetura. São Paulo. Studio Nobel. 1991.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Quadro da arquitetura no Brasil. São Paulo. Perspectiva. 1983.

_____ - O Lote Urbano e a arquitetura no Brasil. São Paulo. FAU/USP. 1969.

_____ - Evolução urbana do Brasil. São Paulo. Livraria Pioneira. Sd

COSTA, Lúcio et alli. Documentação Necessária, in: Arquitetura Civil I, II, e III, Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. São Paulo. FAU/USP. 1975.

ROTH, Leland. Entender la arquitectura. Barcelona. Gustavo Gilli. 1993.

DUDEQUE, Irã Taborda. Espirais de Madeira – uma história da arquitetura de Curitiba. São Paulo. Studio Nobel. 2001.

GNOATO, Luís Salvador Petrucci. Arquitetura e urbanismo de Curitiba. Tese de doutorado na FAU/USP. São Paulo. 2002.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)